

ARQUITECTURA NO ALGARVE

DOS PRIMÓDIOS À ATUALIDADE, UMA LEITURA DE SÍNTESE

JOSÉ MANUEL FERNANDES | ANA JANEIRO



ARQUITECTURA NO ALGARVE

DOS PRIMÓRDIOS À ACTUALIDADE, UMA LEITURA DE SÍNTESE

JOSÉ MANUEL FERNANDES | ANA JANEIRO

José Manuel Fernandes nasceu em Lisboa em 1953.

Arquitecto, Professor Agregado em História da Arquitectura e do Urbanismo pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

Dos seus livros mais recentes destacam-se “Geração Africana” (2002) e “Sete Anos de Lisboa” (2005)

Ana Janeiro nasceu em Lisboa em 1978.

Bacharel em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

Master of Arts em Fotografia pelo *Kent Institute of Art and Design*.

SUMÁRIO

(7) **INTRODUÇÃO**

CAPÍTULO I

- (15) Da Pré-História à Romanização
- (21) As Cidades e a sua evolução, dos núcleos medievais ao século XX
- (27) As Cidades e os inícios do planeamento urbanístico, do século XX ao quadro actual
- (31) Património Urbano: os Castelos, as Muralhas e a sua Recuperação
- (37) As fortificações litorais
- (41) A arquitectura religiosa, do Gótico ao Manuelino
- (47) A arquitectura do século XVI: a originalidade renascentista
- (53) Séculos XVII e XVIII, os exemplos barrocos
- (59) Da Pombalina Vila Real a Fabri e às suas obras algarvias
- (63) A arquitectura do século XIX, do tempo romântico ao surto industrial: exotismo, historicismo, revivalismo, ecletismo
- (69) Os espaços rurais e urbanos, as aldeias, os materiais e a arquitectura vernácula

CAPÍTULO II

- (79) O princípio do século XX na arquitectura algarvia: as novas tipologias e o processo de desenvolvimento urbano
- (87) O Modernismo dos anos 1930
- (93) O Neo-tradicionalismo na arquitectura, ou o “Português Suave”
- (99) Os Pioneiros da Arquitectura Moderna, nos anos de 1950-60
- (109) Os Anos de 1960-70, o Turismo e o “Sacrifício” do Algarve
- (119) Anos 1980-2005 – o último quarto de século

(131) **LISTAGEM DE EDIFÍCIOS COM INTERESSE ARQUITECTÓNICO**

(150) **LISTAGEM BIBLIOGRÁFICA**

Muitos dos que visitam o Algarve, nacionais ou estrangeiros, fazem-no atraídos pelo sol, pelo mar e pelo bom clima.

Mas, para além desse, há também um outro Algarve que se revela, particularmente aos que insistem num segundo olhar.

O Algarve da história, da cultura, do património, da arquitectura, tantas vezes esquecido, e que importa expor à luz daquele mesmo sol.

O Arquitecto José Manuel Fernandes interpretou bem a vontade da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve em ajudar a descobrir essa outra realidade. Porque o futuro só vale a pena se o turismo, as praias e a alegria das noites serenas conviverem com o bom ambiente natural e, evidentemente, com a cultura.

O Algarve de hoje, em boa medida devido ao fenómeno turístico, é uma porta aberta para o mundo.

Por essa via, a cultura e o património nacionais, na sua expressão algarvia e mediterrânica, poderão conhecer também melhor divulgação.

Espera-se, assim, que este livro constitua um bom veículo para melhorar esse conhecimento e, ainda, um incentivo ao bom gosto e à boa arquitectura no Algarve, nas suas expressões pública e privada, ao serviço de uma região verdadeiramente qualificada.

Outubro, 2005
José Campos Correia
(Presidente da CCDR Algarve)



INTRODUÇÃO

OBJECTIVOS, LEITURAS, O VALOR DAS CIDADES E DA ARQUITECTURA

OS OBJECTIVOS DESTE TRABALHO

Pretendeu-se com este estudo e levantamento fazer uma primeira síntese histórico-geográfica da arquitectura e do urbanismo do Algarve.

Constituindo uma região portuguesa plena de carácter, beleza e individualidade, o Algarve sofreu ao longo do século passado profunda mutação, através de um desenvolvimento muito dependente do turismo internacional, que alterou inelutavelmente a sua paisagem natural e construída, por vezes de modo brutal e negativo.

Nas últimas décadas tem havido um esforço meritório por parte das entidades responsáveis e intervenientes no planeamento e gestão do território, no sentido de corrigir, melhorar e requalificar muitos dos espaços urbanos e rurais existentes – orientando o continuado desenvolvimento para uma visão mais integral e integradora da vida colectiva. É neste quadro que o presente estudo surge, a convite da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região do Algarve, e na coincidência com o evento de Faro Capital Nacional da Cultura.

Nele se procurou estabelecer, como modo de escrever e de apresentar imagens, um “**olhar contemporâneo**”, que desse realce aos aspectos da transformação recente dos espaços urbanos e arquitectónicos, procurando nessa mudança os exemplos mais positivos e qualificados.

Assim, para além dos aspectos essenciais de articulação entre as dimensões **Arquitectónica e Urbanística**, entre o mundo **Rural e a Cidade**, e entre as expressões da construção Erudita e Vernácula, houve a preocupação de valorar a Modernidade e os seus sinais edificados.

Deste modo – e sem deixar de se historiar de modo claro e cronológico a evolução do território – as abordagens feitas **privilegiam as obras, monumentos e edifícios onde se verificaram intervenções recentes** e de actualização.

Também o nosso “olhar”, através da pesquisa e levantamento efectuados, pretendendo embora uma abrangência essencial à ideia de síntese, quis ser **sistemática, mas não necessariamente exhaustiva**. A obra criada quer ser de divulgação geral, e portanto, desejamos apresentá-la com alguma leveza e expressão acessível ao público em geral. Assim o tenhamos conseguido.

A GEOGRAFIA, A HISTÓRIA E OS OLHARES DE SÍNTESE

O Algarve tem uma clara individualidade e personalidade; e é nesta base que os geógrafos se interessaram pela sua caracterização, como espaço territorial, na relação com o restante país.

Jorge Gaspar, retomando e aprofundando as ideias de Amorim Girão, refere a longa autonomia histórica do território, e as suas analogias com o conjunto do território português:

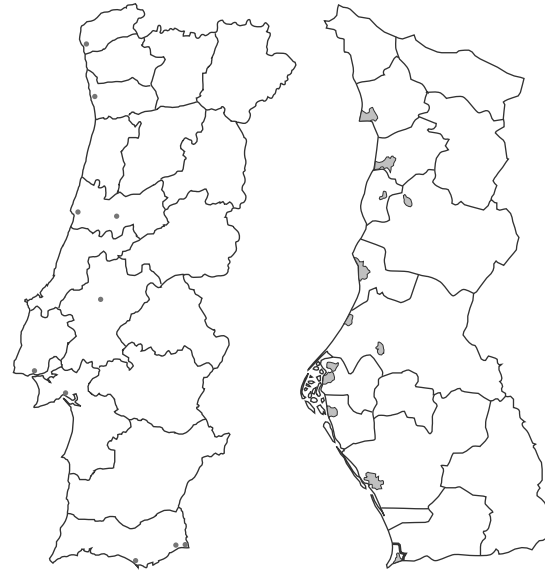
“O Algarve é um **Portugal em ponto pequeno**. É esta a imagem que nos ocorre a partir da leitura de vários mapas do Algarve. Outra (...) é a de que estamos perante um **‘Portugal deitado’**. De facto, aqui encontramos ‘rodando os eixos’, as principais componentes do País, em formato reduzido: as duas unidades geológicas mais marcadas – orla sedimentar e Maciço Antigo; a oposição Litoral-Interior em termos de desenvolvimento sócio-económico e de densidade demográfica; a bipolarização do sistema urbano Portimão-Faro versus Porto-Lisboa.”

(Gaspar, 1993)

Poderíamos aprofundar ainda mais esta correlação, a duas escalas distintas, referindo-a ao sistema urbano e suas localizações aproximáveis: Lagos para Viana do Castelo; a “segunda cidade”, Portimão, e Silves, “cidade fundadora”, respectivamente para o Porto e Lamego; a central Albufeira para o sistema Figueira-Coimbra; Faro, a “maior cidade” para Lisboa, com Loulé para Santarém. E ainda, Olhão para Setúbal (as tradicionais “terceiras cidades” em população), e, embora algo deslocadas, Tavira e Vila Real para... as cidades algarvias. Analisando a estrutura espacial do território algarvio, é consensual a divisão em três faixas longitudinais, no sentido Norte-Sul, como, em esplêndida síntese, refere Orlando Ribeiro:

“O Algarve divide-se, pela constituição geológica, numa série de faixas paralelas: a Serra xistenta do Carbónico (à excepção do maciço eruptivo de Monchique...), uma depressão periférica escavada, embora incompletamente, nos arenitos do Triássico, o **Barrocal**, constituído por uma série de anticlinais e de planaltos calcários, o **litoral**, de arriba até Quarteira, e, para leste, de restingas arenosas que deixam atrás de si lagunas e canais. A divisão transversal entre **Barlavento e Sotavento** (em relação ao vento predominante de oeste) não é antiga e parece de origem erudita, embora hoje seja usada correntemente; a separação faz-se geralmente por Faro.”

(Ribeiro, 1947)



Porém o sentido do processo histórico, como se disse, marcou fortemente este espaço algarvio, construindo-lhe um destino (e uma correspondente estrutura espacial) que, uma vez mais, recorda, ou reproduz em pequeno formato, o do Portugal inteiro e das suas escolhas territoriais:

“No fundo estas semelhanças, que começam por ser o resultado da acção da natureza, vão-se acentuando por uma idêntica opção estratégica, que em boa medida é também o resultado das solicitações do exterior: **a valorização da fronteira marítima**, de molde a procurar no exterior a valorização das suas produções e ao mesmo tempo preservar a autonomia.”

(Gaspar, 1993)

ORIGINALIDADE DA REDE DAS CIDADES ALGARVIAS E DO SEU TERRITÓRIO

A partir de longos antecedentes históricos, e como resultante daquelas opções, no processo e na fase de afirmação da nação portuguesa, ao longo da Baixa Idade Média, surgiu um pequeno mas coerente espaço geo-cultural:

“Nenhuma outra região portuguesa possui uma rede urbana tão antiga, tão densa e tão importante (15,6% da população). Pode ver-se aqui a **última riviera mediterrânea** e a influência de todas as colonizações marítimas da Antiguidade; uma profunda organização romana e muçulmana (esta passou quase intacta ao domínio português): Silves, com as suas poderosas defesas, o rico bazar, a horta abundante, os habitantes, originários do lémene, que falavam um árabe muito puro, constituiu um pequeno reino, Faro um principado independente (...) à excepção de Olhão e Vila Real de Santo António, fundadas no século XVIII, e Portimão, antigo porto romano de que nada resta, todas se constituíram em torno de um núcleo muralhado muçulmano, salvo Lagos, poderosamente fortificada no século XVI por constituir o governo militar da província; todas também extravasaram em amplos arrabaldes.”

(Ribeiro, 1947)

O pensamento dos historiadores vai no sentido de compreender e caracterizar esta **diferença algarvia**, sem deixar de reconhecer a sua progressiva integração nacional, no quadro medievo:

“Mas a integração do espaço Algarvio não se reveste da mesma simplicidade [do Alentejo]. O sistema de montanhas que o separa do Alentejo, **a relativa autonomia do seu conjunto de cidades**, com uma subsistência imediata assegurada por recursos agrícolas suficientes e com amplos contactos marítimos orientados para Leste, leva a atribuir-lhe uma identidade própria: foi considerado um reino, unido, mas não confundido, com a coroa portuguesa, sua titular. A guerra entre Afonso III de Portugal e Afonso X de Castela

pela posse do Algarve não é um mero capricho de soberanos. A sua solução representou a partilha de uma unidade anterior e teve, portanto, qualquer coisa de artificial para o conjunto geográfico e económico anterior e para os habitantes das duas margens do Guadiana, em meados do século XIII.”

(José Matoso, em *O Algarve...*, 1989)

Esta espécie de quase “Colónia do Algarve” na Idade Média – afirmou-se e uniu-se progressivamente com o restante País, ao longo do seu processo de afirmação e de procura de identidade própria, sobretudo na época dos Descobrimentos e da Expansão (séculos XV a XVIII) – embora durante séculos ainda restassem vestígios institucionais ou formais da distinção inicial: se D. João I foi o “Rei de Portugal e dos Algarves”, na transição mediev-moderna, muito depois, com D. João VI, em 1808, quando a corte se fixou no Rio de Janeiro, ainda foi proclamado um efémero “Reino Unido de Portugal, do Brasil e dos Algarves”!

Refira-se de novo Matoso, na sua síntese interpretativa e conclusiva:

“Compreende-se, assim, as dificuldades de integração efectiva deste território que foi, até tão tarde, como uma espécie de colónia. Mas a assimilação económica, política e cultural do Algarve acaba por se tornar efectiva, sem dar lugar a dúvidas. (...) Que significa tudo isto, em termos históricos? Que a integração do Algarve em Portugal foi uma aberração histórica? De modo nenhum. Significa apenas que, na distribuição das forças económicas que resultam da predominância do Atlântico Norte sobre o Mediterrâneo, era natural que o Algarve pertencesse à mesma unidade que a área atlântica, centrada em Lisboa. Mas as forças dominantes não podem fazer esquecer os circuitos secundários, nem as afinidades culturais, nem as condições regionais que marcam os comportamentos das unidades menores. A prosperidade de um país resulta, creio eu, de conseguir rentabilizar todas estas realidades por meio de uma integração que aproveite todas as forças e recursos sem as neutralizar, atrofiar nem destruir.”

(José Matoso, em *O Algarve...*, 1989)

UMA ARQUITECTURA COM CARÁCTER PRÓPRIO

Já vimos como a antiga estrutura urbana exprime historicamente a originalidade algarvia, e se constitui como um tema importante para caracterizar a região; vejamos agora o papel da sua arquitectura histórica, desde a Idade Média e o Renascimento até ao século XX. José Eduardo Horta Correia foi o primeiro autor a tentar uma afirmação e uma síntese das características da arquitectura algarvia, na articulação com a história e o valor do património construído do Algarve.

Para além da referência ao contributo do Manuelino da região, “... é já hoje aceite pacificamente a originalidade do ‘Manuelino’ algarvio de Alvor e Estombar à

Luz de Tavira ou de Monchique a Loulé.” (Correia, 1989), ele dedicou os seus estudos fundamentalmente ao período do classicismo, evidenciando o **valor, originalidade e características** da arquitectura religiosa renascentista algarvia (de manifestação precoce no quadro do País, tendo Lagos como o núcleo mais antigo; a importância do chamado “Convento das Freiras” de Faro na integração no movimento renascentista nacional; a formação de originais escolas decorativas de pedreiros locais, onde sobressai a escola de Tavira – com André Pilarte – Moncarapacho ou Cacela; a nova integração no quadro nacional, na época de D. João III e sebástica, com a obra do Convento da Graça de Tavira).

Horta Correia destaca, em termos de tipologias espaciais próprias desta arquitectura religiosa, as de três naves e as de plano centralizado:

“As de três naves sem transepto com cobertura única de telha e caniço e com uma ou três capelas nas cabeceiras é o tipo de série estandardizado no Algarve quinhentista, onde a forma dos capitéis parece ser especificamente algarvia e os arcos, mantendo a tradição árabe, nem sempre têm pedra aparelhada. O plano centralizado aparece sobretudo em pequenas unidades, santuários isolados ou pequenas capelas adossadas a igrejas (...) É o modelo que aparece ainda como capela de solar anexa ou integrada em casas nobres dos séculos XVI a XVIII. Geralmente de planta quadrada e cobertura de cúpula hemisférica sem tambor nem lanternim levanta o interessante problema da relação entre uma arquitectura tradicional arreigada a anti-quíssimas culturas locais (os morabitos) e a arquitectura erudita do Renascimento.” (Correia, 1989)

Referindo-se aos séculos XVII e XVIII, Horta Correia salienta as afinidades locais das tipologias das casas e dos conventos das Ordens Religiosas, como as dos Jesuítas (Faro e Portimão), ou dos Franciscanos (claustros de Portimão e de Santo António de Loulé), no quadro do “Estilo Chão”, e a eloquência barroca, espacial ou decorativa dos interiores, em obras como, respectivamente, S. José de Tavira e S. Lourenço de Almancil.

Igualmente, segundo o mesmo autor, os pórticos da igreja Joanina do Carmo, em Faro, e de São Bartolomeu de Messines anunciam já o “rocaille” que teve aqui identificação quer com a expressão nacional de influência germânica, quer com a tradição da arquitectura de barro local (patente na obra de “massa” e cal das torres do Carmo). Não devemos esquecer também a solução formal e espacial do Palácio de Estoi, entre o barroco e o Rocaille, que recorda a contemporânea Queluz, nos anos de 1780-90.

O neo-classicismo dos finais do século XVIII e inícios do XIX teve, segundo Horta Correia, dois expoentes no Algarve, os quais naturalmente confirmam por um lado a sua inserção na cultura urbanística mais avançada do País, e por outro a articulação livre com a prática europeia do seu tempo. Vila Real de Santo

António, sequente da Baixa Pombalina de Lisboa, constitui “... a única criação urbanística ex-novo de Portugal continental...” (in Correia, 1989), e a obra de Francisco Xavier Fabri, o italiano convidado pelo Bispo D. Francisco Gomes de Avelar para a reconstrução pós-sismo, é exemplo europeísta, pois

“... Fabri consegue adaptar-se ao espírito do lugar em dois sentidos: por um lado manifesta uma profunda veneração pelos testemunhos que o Terramoto poupou, integrando-os nas novas construções. Por outro, com humildade e sem servilismo, demonstra um profundo respeito pelos valores algarvios que perfeitamente mostrou entender.”

(Correia, 1989)

Mas Horta Correia igualmente estudou **a arquitectura de habitação urbana e rural algarvia, procurando ler características dominantes e originais neste tema**, quer no que respeita às casas quinhentistas de temática decorativa renascentista (Tavira, Loulé, Moncarapacho, Silves), quer às casas de Seiscentos (dentro do chamado “Estilo Chão” e das coberturas em telhados de tesouro múltiplos, em Lagos, Faro, Tavira) e de Setecentos (original sobretudo no desenho dos vãos, com variantes locais em Albufeira e Loulé) – quer ainda, no plano da casa rural, ao “Monte Algarvio”, tipológica e espacialmente diverso do alentejano, com as notáveis quintas de recreio setecentistas de Faro e Loulé. Salienta ainda o papel assinalável que dois elementos construtivos da arquitectura erudita e popular representam na arquitectura doméstica algarvia, dos séculos XVII ao XX: a chaminé e a platibanda, ambas profusamente decorativas e coloridas.

Numa enumeração/reflexão de síntese que queremos acentuar, há que dar relevo ao **sentido de pormenor e de pujante decorativismo** que, podemos afirmar, caracteriza num “tempo longo” a arquitectura algarvia, com manifestações que naturalmente procuraram tirar o melhor partido da matéria-prima “pobre” disponível – a taipa e o adobe da arquitectura do barro – com assinalável sentido plástico e liberdade criativa, e assumindo outra característica local, a da “pequena escala” dos monumentos e edifícios em geral. Tal ficou patente no frequente uso da cal e na sua resultante, clara e luminosa: os detalhes nas igrejas e capelas, com as cúpulas, os frontões, as balaustradas e as já mencionadas platibandas.

De facto, se olharmos em conjunto o “tempo longo” do último meio milénio da arquitectura algarvia, não podemos deixar de relacionar a delicadeza e minúcia das “obras de pedraria” dos mestres de Quinhentos, manuelinos ou classicistas, com os relevos coloridos em “massa” das setecentistas quintas de recreio de Faro, ou com as densas decorações relevadas em cimalkas, primeiro do Romantismo, depois da Arte Nova e do Art Deco – ou ainda, porque não, com o sentido de policromia decorativa patente na arquitectura portimonense dos anos 1950-60 de Vicente Castro.

O TEMPO MODERNO, A CONTEMPORANEIDADE E O ALGARVE

A descoberta das obras arquitectónicas do século XX é um mais recente tema, que será realçado ao longo deste trabalho. Ainda desconhecidos ou mal divulgados, há vários autores locais que, através de uma produção segura e original ao longo de décadas (sobretudo nos meados e na segunda metade do século XX), contribuíram de modo significativo para a afirmação da arquitectura da sua época, de novo marcando a integração da produção algarvia no quadro nacional – quer tenham sido obras neo-tradicionais e historicistas, dos anos 1940-50, quer obras decididamente modernas, do ponto de vista formal e tecnológico, na fase dos anos 1950-60 e 70. O levantamento que a Ordem dos Arquitectos está a levar a cabo desde 2001, no plano nacional, relevará por certo, em breve, de modo sistemático, estes valores, os seus autores e edifícios.

De lamentar que, sobretudo em relação às obras pioneiras da arquitectura das décadas de 1950-60, se tenha na preparação desta obra constatado a quase total falta de uma política regional-municipal de identificação, preservação e recuperação das mais qualificadas dessas edificações, que na sua grande parte assim se deixou perder, desfigurar ou alterar – apesar de constituírem um valioso e original contributo para a modernidade em Portugal.

Finalmente, será já visível neste estudo a produção dos primeiros anos do século XXI. Trata-se, naturalmente, de obras em continuidade com as tendências da arquitectura contemporânea que vêm da fase anterior, mas que patenteiam um grau de diversidade plástica, funcional e técnica, que é explicável quiçá pela fase de intenso desenvolvimento a que o Algarve vem assistindo. E são também obras, quanto a nós, de algum modo crescentemente mais atentas, nos seus programas e acções, a um dos temas mais caros e importantes para o desenvolvimento da região: a **recuperação, reabilitação e reconversão do património urbano, arquitectónico e rural**, nos seus mais variados exemplos, desde as grandes obras eruditas às mais singelas construções vernáculas. De facto, os mais recentes programas encaram frequentemente obra nova em articulação com os espaços, urbanos ou arquitectónicos, pré-existentes – o que é evidente acerto, de olhar e de atitude, numa região de tradição tão antiga e sedimentada com é o Algarve.

Oxalá estas actuais tendências se ampliem e frutifiquem, pois o passado do Algarve é, nas suas estruturas construídas e espirituais, matéria prima essencial para um futuro sólido e pujante.



CAPÍTULO I

DOS PRIMÓRDIOS AO SÉCULO XIX: A ANTIGUIDADE, O MEDIEVO, O CLASSICISMO E O ROMANTISMO, NA CONJUGAÇÃO COM AS INTERVENÇÕES MAIS RECENTES

DA PRÉ-HISTÓRIA À ROMANIZAÇÃO

Região de ocupação milenar, acompanhando os processos civilizacionais do Mediterrâneo – aqui na sua periferia de interface com o Atlântico – o Algarve regista desde a Pré-história vestígios assinaláveis, que traduzem quer a evolução dos contactos com os povos provindos do Oriente, quer os contributos das comunidades fixadas localmente.

Podemos referir, apenas a título de exemplificação, desde os antiquíssimos instrumentos do Paleolítico Inferior provenientes da extensa área do vale do Guadiana a Vila Real de Santo António (do Auchelense), até, já no Neolítico, aos inúmeros vestígios do Megalitismo que, a partir do 5.º milénio a.C., um pouco por todo o território do actual Algarve, exprimem, acompanhando a lenta sedentarização dos homens,

“... pela primeira vez, a necessidade das comunidades humanas ordenarem o seu espaço, em termos físicos e simbólicos.”

(Portugal das origens..., 1989)

No Algarve o Megalítico constitui de facto um tema sempre presente – ainda recordo o aparecimento de um menir relevado, em calcário branco, que surgiu nas escavações em plena obra numa estrada da área de Lagoa, quando ali passei em 1971 ou 72. Grandes peças de macia pedra calcária, associadas a monumentos funerários colectivos (antas ou dólmenes cobertos com mamoas, formando grutas circulares artificiais com corredor de acesso) ou simbólico-religiosos (os menires, monolitos isolados ou dispostos em alinhamentos, de colocação vertical), encontram-se por isso, em conjuntos identificados e por vezes classificados.

Refiram-se, em Vila do Bispo, o **Menir de Aspradantes** (na Raposeira, um monolito erecto, I.I.P. em 1992); em Silves, o **Menir dos Gregórios** (nos Pontais, um monolito do neolítico final, I.I.P. em 1986); em Vila Real de Santo António, os **Monumentos da Quinta da Nora e Herdade da Marcela** (constituídos por anta e tholos, I.I.P., importante monumento classificado logo em 1910, e completado com classificações constantes dos decretos recentes de 2/1996, de 7/1997 e de 5/2002).

Embora não classificado, assinala-se ainda, em Loulé, perto da aldeia do Ameixial, o **Núcleo Arqueológico de Corte D'Ouro** (a 4 km, p/ Martimlongo), com a Anta do Beringel e a Anta da Pedra do Alagar, sitas à roda da aldeia, datando 3.º milénio a.C..

O conjunto de Alcalar, que neste quadro detém papel primacial, será mais detalhadamente referido a seguir.

Referentes à Idade dos Metais, encontramos também vestígios no Algarve, em certos casos associados a achados mais recentes, da ocupação romana, por sua vez inseridos em conjuntos medievais.

É o caso do Castelo de Castro Marim (I.I.P. em 1933 e com Z.E.P. em 1956), onde os **vestígios da Idade do Ferro** e os achados romanos se inscrevem no castelo medievo tomado por D. Afonso III – o Castelo Velho – posteriormente aumentado por D João IV; tem um pequeno museu na torre de menagem, com restos do pelourinho.

Em Lagos, a **Estação Arqueológica de Monte Molião** (I.I.P. em 1992), sita em São Sebastião, constitui uma elevação sobre a ribeira de Bensafrim, contendo necrópoles dos séculos IV ou III a.C. e da época romana, com cisterna; este conjunto poderá estar relacionado com a antiga Lacobriga.

Mais antigo, da Idade do Bronze (de finais do 3.º milénio ao século VIII a.C.) é o povoado de baixa altitude, junto dos sapais, de **Pontes de Marchil** (Faro, não classif.) onde se vivia especialmente da pesca e da apanha do marisco.

A 1.ª Idade de Ferro teve manifestação assinalável no Sul do nosso território, patente nas necrópoles encontradas:

“Situadas nas proximidades dos povoados, são constituídas por núcleos de túmulos de pedra de planta circular, num primeiro momento, e rectangular, posteriormente. (...) Nelas os elementos orientalizantes são muito expressivos, encontrando-se em locais como Bensafrim (Lagos), Cômoros da Portela, na Serra Algarvia, e Fonte Santa (Ourique), contas de vidro e cerâmicas diversas, das quais se salienta o vaso em forma de cabeça de bovídeo, elementos típicos do comércio de objectos fenícios.”

(Portugal das origens..., 1989)

De mencionar ainda, neste quadro do Ferro, e provindo das necrópoles como a de **Fonte Velha** (Bensafrim, Lagos), as estelas epigrafadas: constituem a marca de uma escrita primeva,

“... sinistrorsa, de estrutura alfabética, datável dos séculos VIII e VII a.c., em que são usados caracteres do mais antigo alfabeto fenício (...) a mais antiga escrita da Península Ibérica e uma das mais arcaicas de todo o ocidente europeu.”

(Portugal das origens..., 1989)

Os achados da ocupação romana são inúmeros, o que se compreende pela longa permanência desta civilização, bem como pelo seu profundo enraizamento nesta área meridional da Península Ibérica.

Os vestígios construídos são de tipos muito diversos, desde povoados urbanos e *villas* rústicas, a termas e templos, barragens e tanques de salga.

Enumeremos de seguida os principais espaços identificados e classificados, da época romana, de poente para nascente do território algarvio: em Vila do Bispo, conhecem-se as **Ruínas Lusitano-romanas da Boca do Rio** (I.I.P. em 1977, com Z.E.P. em 1991), sita na Praia da Boca do Rio, e correspondendo a uma *villa* romana do século I a IV; em Lagos, a Barragem Romana da Fonte Coberta (I.I.P. em 1992), localizada em São Sebastião, com espesso muro; igualmente em Lagos, fica a **Estação arqueológica Romana da Praia da Luz** (I.I.P. em 1992), que inclui uma *villa* com termas e pavimentos com mosaicos, e um complexo industrial com torres de salga; em Portimão situa-se a **Estação Romana da Quinta da Abicada**, à Mexilhoeira Grande, um Monumento Nacional desde 1940 e 1946; trata-se de uma *villa* romana de original peristilo hexagonal, com mosaicos, datada dos séculos I a IV d.C..

Em Silves situa-se a **Estação arqueológica de Vila Fria** (I.I.P. em 1997); para o Sotavento, encontra-se em Tavira a **Estação arqueológica Romana da Luz** (I.I.P. em 1992), por certo relacionada com os vestígios da antiga urbe de Balsa, com mosaicos, termas e tanques de salga; em Alcoutim, encontra-se a **Barragem de Álamo** (I.I.P. em 1992), da qual restam 40 metros, e uma *villa* próxima, escavada por Estácio da Veiga.

Embora não classificada, e também em Alcoutim, estando em preparação a sua musealização, situa-se a *Villa* Romana de Montinho das Laranjeiras (obras a cargo da C.M.A., previstas em 2004).

Alguns dos mais significativos campos arqueológicos do Algarve mereceram recentemente intervenções de valorização (integradamente com a área do Alentejo), por iniciativa do IPPAR, as quais se traduziram nomeadamente na construção dos chamados “centros de acolhimento e de interpretação”. Construções simples e em diálogo com os delicados espaços arqueológicos onde se situam, devem ser aqui realçadas, pela ponte que permitem estabelecer entre o espaço da arqueologia e o da arquitectura contemporânea.



Em Alcalar, a 5 Km da Mexilhoeira Grande, em Portimão, situa-se o que é possivelmente

“... um dos mais importantes locais para o conhecimento do Megalitismo e dos primeiros metalurgistas da Europa. A ocupação do sítio deve ter-se iniciado durante o final do Neolítico...”

(Portugal das origens...,1989)

Efectivamente o conjunto dos chamados **Monumentos de Alcalar** (Monumento Nacional em 1910) constitui uma necrópole com 12 sepulcros de corredor, com tipos de câmara megalítica e de falsa cúpula com nichos laterais, do maior interesse pela sua extensão e características, já estudado e desenhado por Estácio da Veiga em 1899.

O **Centro de Acolhimento e Interpretação de Alcalar**, da autoria de José Daniel e João Santa Rita, de 1999-2001, assume um partido plástico claro, nascente da sua função, pois a nova construção foi desenhada como que “emergindo da terra”, através do prolongamento da sua cobertura em betão, a partir do terreno, em suave ângulo oblíquo ascendente, até abranger toda a área coberta e envidraçada. Sendo revestida exteriormente a terra vegetal, esta cobertura torna-se o elemento mais expressivo do conjunto, rememorando de forma simbólica as câmaras sagradas subterrâneas que determinam o local.

De programa mais amplo e expressão mais serena, servindo as Ruínas **Romanas do Cerro da Vila, Vilamoura**, (Loulé, I.I.P. em 1977), uma *villa* do século III, ocupada até ao séc. XI, é o **Centro de Acolhimento e Interpretação do Cerro da Vila**, da autoria de Fernando Galhano. Trata-se de uma construção que amplia

Alcalar, edifício do centro interpretativo e a câmara funerária.
(Imagens obtidas com o apoio do IPPAR)



e recupera as edificações provisórias iniciais, procurando estruturar-se, mediante alpendre e envidraçado, como um “espaço de convite” à entrada na área das ruínas.

Finalmente, em Faro, as famosas **Ruínas de Estoi**, com a *villa romana do Milreu* (Monumento Nacional em 1910), constituindo uma *villa* rústica do séc. I ou II, um palácio com termas, do séc. III, remodelado com um templo pagão no séc. IV, e com ocupação até ao séc. VI ou VII, mereceu a obra do **Centro de Interpretação e Acolhimento do Milreu**, pelos arqs. Ditzza Reis e Pedro Serra Alves, uma obra de 1999-2001.

O partido de implantação adossa o edifício ao terreno, funcionando como uma “porta” de entrada (e serviços), seguida de um percurso em rampa ascendente, até à antiga via romana e às ruínas. A pedra e o tijolo, que são dominantes em Milreu, são igualmente os temas da intervenção nova, a qual como que se “funde” deliberadamente com o terreno e a malha de muros, paralelos e perpendiculares, das ruínas arqueológicas.



AS CIDADES E A SUA EVOLUÇÃO, DOS NÚCLEOS MEDIEVAIS AO SÉCULO XX

Finalizada a sua conquista pelos reis portugueses, como conjunto territorial, nos meados do século XIII (cerca de 1250), o Algarve organizava-se naturalmente em praças fortes, castelos de fronteira, terrestre e costeira, cuja outorga às Ordens Militares continuava a política de distribuição de poderes e de domínios que os reis portugueses utilizavam para o restante país. A Ordem de Santiago recebeu, por D. Sancho II, Tavira (em 1244), enquanto a Ordem de Aviz, mais apoiada por D. Afonso III, recebeu Albufeira em 1250 e, concedida por D. Dinis, Paderne, em 1300 ou 1309. Já em 1319, foi também D. Diniz que entregou Castro Marim à nova Ordem de Cristo, herdeira das terras templárias, mais ligada à Coroa. É necessário compreender que,

“Os castelos – incluindo sob este vocábulo a estrutura arquitectónica do sistema defensivo, a parte urbana e o termo circundante – constituíram a base da administração e ordenamento do território algarvio após a reconquista (...)”

(J. Marques, 1987)

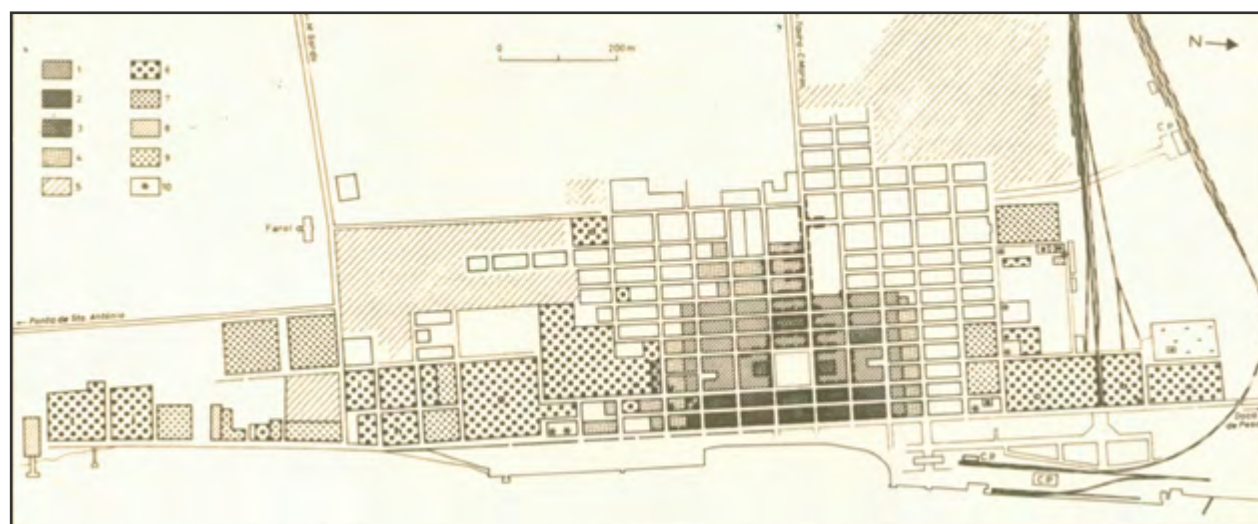
Paralelamente a estas doações, os povoados recebiam os seus forais, com vista à criação de estruturas com alguma autonomia a capacidade de decisão. Citemos, a título de exemplo, o foral de Castro Marim (em 1277), o de Alcoutim (1304, vila com D. Afonso IV), e o de Loulé (em 1268).

Com uma cultura urbana muito antiga, como vimos na introdução, o Algarve assistiu, com o dealbar da Expansão marítima, a um processo evolutivo funcional que acentuou a **litoralização progressiva das suas principais cidades**, processo este confirmado pelas novas fundações urbanas setecentistas:

“Depois o destino favoreceu umas e quase imobilizou outras: Lagos, na extrema de uma ampla baía mas derogada pelo bom porto de Portimão, Silves, cujo bispado se transferiu para Faro no século XVI, por o sítio ser insalubre, e donde emigrou a indústria da cortiça que lhe deu vida, Tavira, que se cobriu de ‘telhados de pagode’ no tempo das grandes navegações e donde se acudia à praças de Marrocos, constantemente ameaçadas pelo mouro, declinou com o seu porto inacessível quando se fechou a barra da restinga; Castro Marim, em posição fronteira, considerada a primeira praça de guerra do Algarve. Pelo contrário, desenvolveram-se como portos de pesca Portimão e Olhão, com importância equivalente, Loulé como principal nó de estradas da província, Vila Real de Santo António (...) pela pesca, indústria de conservas de peixe e uma horta sabiamente cultivada. Faro (...) é a única cidade média do Algarve.”

(Ribeiro, 1947)





Tavira, Castro Marim e Vila Real de Santo António, mapas com escala gráfica in "O Algarve Oriental", por Carminda Cavaco.



De facto, definidas já na longa ocupação muçulmana – tão duradoura no território, recorde-se, quanto a romanização, cerca de meio milénio cada – **as principais povoações algarvias medievais eram todas muralhadas** e ligadas quer à serra e às fronteiras (Alzejur, Paderne, Loulé, Alcoutim), quer aos espaços ribeirinhos, aqui por localização costeira ou por implantação ao longo dos rios. A maioria, de resto, corresponde a este enquadramento fluvial ou marítimo, desde Silves, Lagos, Portimão e Albufeira, até Faro, Tavira, Cacela e Castro Marim. A progressiva integração do Algarve no reino português, ao longo dos séculos XIV e XV, fez-se de facto com base na actividade portuária, por via do comércio de fruta, sal e peixe com a Flandres e a Inglaterra, passando por Lisboa e Porto, e logo depois pela participação das conquistas marroquinas – e esta actividade fez crescer as cidades envolvidas:

“Com tudo isto a população aumentou. Tavira, a única ‘grande’ cidade do primeiro quartel de Trezentos, sofreu gradualmente a concorrência de Faro, de Silves, de Lagos e de Loulé. Em 1361 Lagos autonomizava-se em relação a Silves. Possível cidade nova, planeada no século XIV, Lagos cresceu com rapidez, fez construir uma ampla cinta de muralhas e passou a rivalizar com Faro e com Tavira. Todo o Algarve ocidental a costeiro foi adquirindo a vida própria que antes não tinha.”

(Marques, 1987)

Na transição dos séculos XIV-XV (com base nos contos de róis de besteiros) as urbes mais importantes, quase todas a par, eram Tavira, Faro, Silves (todas com 30 besteiros em 1422), e logo depois, Lagos e Loulé (com 25 e 20 besteiros, respectivamente, seg. Oliveira Marques, 1987). Cerca de cem anos depois, em 1527-32, os censos indicavam 4 núcleos urbanos no Algarve, em que Tavira se destacava, com 1500 fogos, enquanto Lagos tinha 1300, Faro 800 e Loulé 500 (Marques, 1972).

Deste modo constata-se o crescimento dominante de Tavira (a primeira a ser elevada a cidade, por D. Manuel, em 1520); e verifica-se que Silves, a antiga cidade medieva dominante no período islâmico, perdeu muita da sua importância ao longo dos sécs. XV e XVI, para Tavira e sobretudo para a vizinha Lagos (que é elevada a cidade em 1573); enquanto Faro (que recebeu o Bispado, proveniente de Silves, e foi elevada a cidade em 1540), não parará de crescer, e Loulé mantém a sua importância relativa. Portimão (desanexada de Silves em Quinhentos) e Albufeira não entram ainda neste cômputo, como pequenas povoações piscatórias que constituem na época.

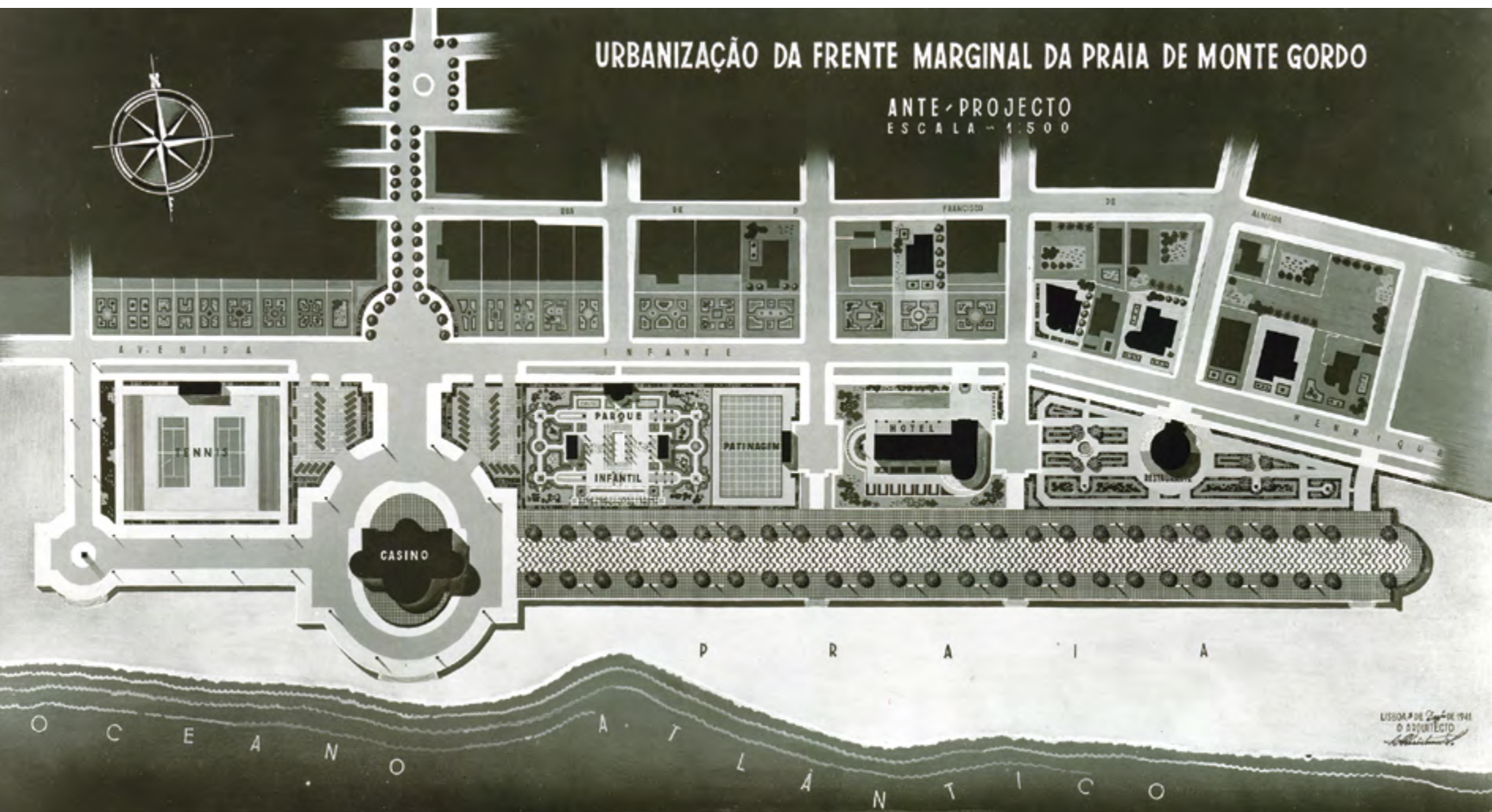
Deste modo, podemos concluir que, depois do declínio de todos os pequenos núcleos muralhados do interior, desde a Reconquista ao século XIV (Aljezur, Paderne, Alcoutim, Castro Marim), devido à perda de importância da sua função defensiva – na fase seguinte, entre os séculos XV e XVIII, o sistema urbano algarvio evoluiu predominantemente no litoral, e em síntese, da seguinte forma: Silves perdeu importância, sucedida pelo crescimento de Tavira e Lagos, as quais por sua vez seriam ultrapassadas pela expansão de Faro, que lentamente se afirma, central e dominante, como a capital algarvia moderna.

A este conjunto irão acrescentar-se, já nos fins do século XVIII, duas novas vilas: Vila Real de Santo António, fundação real e planeada na fronteira este do Algarve, em 1774-77; e Olhão, arrabaldina em relação a Faro, que regista as suas primeiras casas de alvenaria cerca de 1790 (além do lugar de Monte Gordo, que crescendo a partir do século XVIII, só irá ter importância, por via do turismo, no início do século XX).

Portimão e Olhão irão assumir crescente importância por via industrial ao longo do século XIX (também Vila Real, em menor escala), chegando ao Novecentos como as segunda e terceira cidades, em termos populacionais, do Algarve – situação que ainda se mantém, reforçada pelo incremento do Turismo, cerca de 1900-1930, na Praia da Rocha (Portimão).

URBANIZAÇÃO DA FRENTE MARGINAL DA PRAIA DE MONTE GORDO

ANTE-PROJECTO
ESCALA - 1 500



LISBOA DE 24 de Abril 1948
O ARQUITECTO
Albuquerque

AS CIDADES E OS INÍCIOS DO PLANEAMENTO URBANÍSTICO, DO SÉCULO XX AO QUADRO ACTUAL

Através da nova legislação urbanística, na época de Duarte Pacheco, e do correspondente sistema de planeamento urbano moderno, aplicado e centralizado pelo Estado Novo, foram desenvolvidos um pouco por todo o País os planos de urbanização. Estes foram também aplicados às mais importantes localidades algarvias, através da acção da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização/D. G.S.U., sobretudo ao longo das décadas de 1940 e 1950.

O sistema funcionava do seguinte modo: por um lado, havia urbanistas que, trabalhando internamente aos serviços do Estado, ou na actividade privada, estavam encarregados, a médio prazo, de estudar e desenhar a evolução futura de cada centro urbano; por outro, os resultados pontuais do trabalho daqueles técnicos, traduzido nas figuras dos ante-planos e planos de urbanização, constituíam o documento regulador do processo urbano, estivesse ou não aprovado, e, em função desse estatuto, servindo com maior ou menor eficácia.

Foi assim possível, nos meados de Novecentos, estabelecer pela primeira vez para esta região um acompanhamento urbanístico, que viria porém a revelar-se insuficiente e desajustado, nas décadas seguintes, de 1960-70, com o “boom” urbanístico do turismo.

O levantamento da situação para o ano de 1948 permite-nos ter uma ideia de conjunto, dos **urbanistas e das 22 localidades a seu cargo**, por via da D.G.S.U., nesse período (Lobo, 1995):

- Arq. Barata Correia – Loulé
- Arq. Carlos Ramos – Praia da Rocha
- Arq. Chorão Ramalho – Monte Gordo Praia
- Arq. Costa e Silva – Portimão
- Arq. João Aguiar – Faro e Olhão
- Arq. Jorge Oliveira – Alcoutim, Alzejur, Castro Marim, Ria de Faro, S. Brás de Alportel
- Arq. Mário de Oliveira – Lagoa, Monchique
- Arq. Miguel Jacobetty – Albufeira, Praia de Albufeira, Praia de Armação de Pêra, Lagos, Caldas de Monchique
- Arq. Paulo Cunha – Praia da Quarteira (Loulé), Vila Real de Santo António
- Arq. Raul Lino – Tavira
- Arq. Ribeiro de Oliveira – Silves

Registe-se, a partir desta listagem, a importância da intervenção de dois ou três arquitectos, neste período histórico, que entre si se responsabilizavam por mais de metade dos núcleos urbanos: João Aguiar, que trabalhou sobretudo como urbanista (sendo cumulativamente o responsável pelo Gabinete de Urbanização do Ultramar, a funcionar desde 1944, por muitos anos), que era o encarregado dos espaços principais de Faro e Olhão; Jorge Oliveira, arquitecto

com vasta obra da chamada “arquitectura oficial” realizada em Faro na mesma época, regia uma série de pequenos núcleos antigos da área da Serra; e Miguel Jacobetty orientava uma outra série de núcleos, litorais, além das serranas Caldas de Monchique.

Precisamente desta fase de 1940-50 conhecem-se os estudos que, como Ante Planos de Urbanização, mereceram Aprovação Ministerial (mais exactamente entre 1948 e 1960 – os planos com * têm imagem reproduzida na obra de Margarida Souza Lobo). Eis as localidades abrangidas, e as suas datas de aprovação (Lobo, 1995):

- Caldas de Monchique, por Miguel Jacobetty, 10/7/1959
- *Faro, por João Aguiar, 31/5/1946 (ante plano, doc. in CCDRA)
- Lagoa, por Mário de Oliveira, 9/3/1949
- Monchique, por Mário de Oliveira, 1/7/1957
- *Olhão, por João Aguiar, 31/7/1945 (ante plano, doc. in DGOTDU)
- Portimão, por Costa e Silva e eng. Santos Silva, 3/11/1950
- Praia da Quarteira, por Paulo Cunha, 26/6/1953 (relacionado com o Plano Geral de Arranjo da Praia da Quarteira, 1941, doc. in arquivo de JMF arq)
- Praia de Monte Gordo, por J. Ribeiro de Oliveira, 22/7/1958
- Praia de Odeceixe, por Jácome da Costa (Apoio Técnico dos Serviços da DGSU), 1/9/1960
- Praia de Tavira (arranjo urbanístico), por Jácome da Costa (A.T.S. da DGSU), 6/5/1960
- *Tavira, Raul Lino, 4/9/1954 (ante plano, in DGOTDU)

Além desta lista, refiramos ainda a série dos **Planos de Urbanização** submetidos a Parecer do Conselho Superior de Obras Públicas, entre 1936 e 1960, e onde se excluem os ante-planos já referidos com aprovação (Lobo, 1995):

- *Praia da Rocha, Plano de Urbanização, 1936 (com eng. Emídio Abranches, 1935, in arquivo da CCDRA)
- *Praia de Monte Gordo/Frente Marginal, Projecto de Urbanização, 1942 (deve ser por Cristino da Silva, cf. doc. in arquivo JMF arq)
- Albufeira, Ante plano de Urbanização, 1951
- Lagos, Ante plano de Urbanização, 1957
- Aljezur, Ante plano de Urbanização, 1957
- Vila do Bispo, Ante plano de Urbanização (esboceto), 1958

É de fazer ainda uma menção aos planos desenvolvidos por Manuel Laginha, nomeadamente para Loulé ou Quarteira.

Na fase imediatamente a seguir, foram realizados vários estudos ou planos para prever e enquadrar a explosão do turismo que atempadamente se previa. Infelizmente, esta produção, encomendada a autores credenciados, foi totalmente desprezada no acompanhamento do processo urbano dos 20 anos seguintes, dando origem à chamada “tragédia urbanística” do Algarve, dos anos de 1960 a 80, da qual ainda hoje todo aquele território se ressentente.

Refiramos três destes estudos, pela sua importância e valor:

- as **Bases para o Desenvolvimento Turístico do Algarve**, pelo arquitecto Francisco Keil do Amaral, para o Ministério das Obras Públicas, em 1962;
- o **Estudo Urbanístico das Cidades e Vilas do Litoral do Algarve**, pelo arquitecto Cabeça Padrão, para a Direcção Geral dos Serviços de Urbanização (ignora-se a designação e data exactas do documento);
- e, pelos arquitectos paisagistas Viana Barreto, Álvaro Dentinho e Albano Castelo Branco, o estudo de **Ordenamento Paisagístico do Algarve**, também efectuado para a Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, em 1964-67.

Do processo explosivo do crescimento – urbano e extra urbano – das localidades e do território algarvio, conhecem-se bem os factos e os efeitos. Apenas se pode mencionar, em mais de 20 anos desse processo, como acção positiva, a criação de um plano turístico auto-sustentado, Vilamoura, no concelho de Loulé – e pouco, muito pouco mais...

Chegados às décadas finais do século XX, podemos constatar uma série de factos do processo urbano mais recente. Assim, e enquanto Lagos e Tavira recuaram para modestas “urbes históricas” da região, com 10 a 15.000 habitantes cada, outros sistemas urbanos, mercê da acção descontrolada do turismo massivo da segunda metade do século XX, atrás referida, atingiram idêntica ou mesmo superior população (embora à custa do sacrifício da sua qualidade urbana), como é o caso de Albufeira e de Quarteira, hoje com mais de 12 a 13.000 habitantes.

A criação de várias novas cidades nas últimas duas décadas reconheceu, e confirmou, este quadro de distribuição de importâncias sub-regionais. As cidades do Algarve, hoje, segundo o censo de 2001, registam as seguintes populações e crescimento entre 1991-2001:

- Albufeira (cidade em 1986, com 13 646 hab., mais 50%);
- Lagoa (cidade em 2001, com 4 806 hab., mais 30%);
- Loulé (cidade em 1988, com 12 103 hab., mais 26%);
- Olhão (cidade em 1985, com 24 880 hab., mais 6%);
- Quarteira (cidade em 1999, com 12 288 hab., mais 47%);
- Vila Real de Santo António (cidade em 1988, com 10 489 hab., mais 29%).

Como segunda cidade em dimensão e população, Portimão, mais antiga que as anteriores como cidade (em 1924), tem 32 948 hab. em 2001, mais 13% em 10 anos. Finalizemos esta enumeração como os correspondentes valores para as cidades mais antigas do Algarve:

- Silves (cidade na Idade Média, com 5 869 hab., menos 3%);
- Tavira (cidade em 1520, com 10 607 hab., mais 18%);
- Lagos (cidade em 1573, com 14 675 hab., mais 20%).

E, finalizando com a primeira cidade em importância e dimensão, Faro: cidade em 1540, que tem 41 934 hab em 2001, tendo crescido mais 20% em 10 anos.





PATRIMÓNIO URBANO: OS CASTELOS, AS MURALHAS E A SUA RECUPERAÇÃO

A resultante urbanística, construtiva e patrimonial desta longa evolução das cidades algarvias tem nos sistemas muralhados o bem mais precioso. Os inúmeros vestígios, mais ou menos arruinados, mais ou menos completos, das cinturas de fortificações medievais constituem no Algarve um dos temas de continuada preservação e restauro, dada a sua notabilidade paisagística, e a participação indelével na consistência dos principais centros históricos urbanos.

Ao longo do século XX estes monumentos foram quase todos referenciados e classificados; deste modo, os principais núcleos muralhados de origem medieval podem ser descritos sucintamente. Mencionemos a série de construções de pequena dimensão dispostas nas áreas da Serra e da fronteira:

O **Castelo de Paderne** (I.I.P. em 1971), que data da ocupação Muçulmana, e possui muralhas de taipa, em plano aproximadamente trapezoidal (hoje subsistem ruínas, consolidadas, que integram uma pequena igreja, com obras de valorização em 2005); o **Castelo Velho de Alcoutim** (I.I.P. em 1997), abrangendo os vestígios da antiga cerca; o **Castelo de Alzejur** (I.I.P. em 1977), poligonal, arruinado pelo sismo de 1755, e reconstruído em alguns panos e torres (a câmara municipal intentou a recuperação deste conjunto, em 1995, não sei se com alguma continuidade); o **Castelo de Castro Marim** (I.I.P. em 1933 e com uma Z.E.P. em 1956), apresentando vestígios da Idade do Ferro e romanas, corresponde ao Castelo Velho medieval, o qual foi aumentado por D. João IV, inclui um museu na torre de menagem; os vestígios da rua principal do seu sistema viário intramuros, com a igreja e partes de fachadas de solares, atestam o modelo de pequena urbe que ali existiu; e o **Castelo de Alcantarilha** (I.I.P. em 1977), que exhibe restos medievais em fortificação já do século XVIII. De referir finalmente os restos do **Castelo de Salir**, não classificados.

O conjunto dos sistemas muralhados medievos pode ser agrupado quanto à sua dimensão e tipologia: por um lado, temos os pequenos núcleos da Serra e do Sapal, atrás referidos; por outro, há que mencionar os conjuntos muralhados mais extensos, de dimensão média ou grande que, por força do devir histórico, pertencem às urbes litorais (Silves, Tavira, Faro e Lagos), com a excepção de Loulé; são ainda de referir as antigas cercas, mais modestas, de Albufeira e de Portimão.

Foi em relação a estas cercas, maiores ou médias, que as acções de restauro ou de recuperação se desenvolveram, ao longo de Novecentos. Podemos distinguir duas fases principais (sem querer ser exaustivos, pois houve vários outros restauros): as **campanhas da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, nos anos de 1940-60**, e as acções dos últimos anos, digamos sobretudo entre 1990 e a actualidade, promovidas pela DGEMN mas também com e pelos respectivos municípios.

A acção da DGEMN foi, nos meados do século XX, marcadamente ideológica, escolhendo claramente as urbes e muralhas com maior conotação com a gesta da Reconquista e dos Descobrimentos – Silves e Lagos, respectivamente – e foi de sentido comemoracionista e pendor nacionalista. O restauro implicou muitas vezes a recriação de panos de muralha ameaçados, de modo algo arquetípico em relação à ideia de “castelo cristão”.

Conhecem-se bem estas intervenções, rigorosamente documentadas por quem as promoveu, com levantamentos e fotografias de antes e depois das intervenções, e publicadas nos famosos Boletins da DGEMN.

Mais recentemente, as intervenções, novamente necessárias enquanto trabalho de manutenção, diversificaram-se e procuraram ter uma perspectiva mais integrada com outros objectivos – na relação com os espaços e percursos envolventes (caso de Loulé), na criação de estruturas de visita e de conhecimento museológico (em Silves) ou científico (na Porta de Lagos).

Passemos a descrever sucintamente estas três áreas de recuperação: o **Castelo de Silves** (Monumento Nacional em 1910, com Z.E.P. criada em 1948), teve plena ocupação muçulmana do século VIII ao XIII; apresentando muralhas de taipa e torres, contém uma vasta cisterna central. O importante **restauro das muralhas foi levado a cabo dos anos 1940** (cf. Boletim da DGEMN n.º 51, de 3/1948), mais exactamente entre 1938-1953. Já em relação ao **Poço-cisterna Árabe do recinto do Castelo** (também M.N., mas só em 1990), sito na rua das Portas de Loulé, de forma circular, que funcionou do século XI ao XVI, foi objecto de uma profunda investigação arqueológica, e de uma reconversão funcional, integrando o actual **Museu de Arqueologia**, sendo este uma obra de gosto discutível, que foi precursora de nova fase na recuperação dos monumentos da região (pelo arq. Varela Gomes, de 1990).

As Muralhas e Torreões de Lagos (Monumento Nacional em 1924, com Z.E.P. criada em 1969), extensamente protegendo a praça-chefe militar do Algarve, ao longo dos séculos XVI e XVII, inclui inúmeros espaços e construções individualizadas, como a porta de Portugal e a porta do Postigo, ou os Paços dos Governadores do Algarve. As Muralhas de Lagos, nomeadamente a **recuperação da muralha a nascente, e do Palácio dos Governadores, bem como a Porta de S. Gonçalo**, receberam uma campanha nos anos de 1950-60 (cf. Boletim DGEMN n.º 104, de 6/1961).

Mais recentemente, a imponente **Porta da Vila, situada a sudoeste do conjunto, sofreu um restauro do baluarte anexo com instalação de um observatório astronómico**, em obra promovida pela C.M.L. e pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, com o apoio da DGEMN, em 1998-2001 (cf. revista Monumentos n.º 10 de 3/1999).

Os castelos e muralhas de Loulé e de Tavira receberam diversas obras de recuperação em fases mais recentes.



O **Castelo de Loulé** (Monumento Nacional em 1924 e com Z.E.P. em 1985) apresenta alguns panos de muralha e uma torre, bem como vários vestígios muçulmanos. Castelo e sua Alcaidaria receberam obras de manutenção e conservação, incluindo a **Igreja de N. S. do Pilar, junto ao arco e porta do Pilar (ou de Faro) e, de modo integrado, a implantação de um circuito de visita pedonal**, pela DGEMN, em 2002-2003 (cf. Monumentos n.º 17 de 9/2002).

As **Muralhas do Castelo de Tavira** (Monumento Nacional em 1939, com Z.E.P. em 1960) incluem vastos panos de muralha, partes da antiga Alcáçova e o arco da Bela Vista. Receberam obras de consolidação, pela DGEMN, em 2000-2001; e, na zona da Travessa dos Pelames, e nos troços da envolvente à futura pousada prevista para o recinto, nova intervenção em 2002-2003 (cf. Monumentos n.º 15, 9/2001). Do lado da rua da Liberdade, eixo principal de acesso ao centro histórico da cidade, um sistema de escadinhas passou a ligar recentemente as torres do Castelo com aquela via – em justaposição adequada ao edifício Irene Rolo, de telhados de tesoura, recuperado pela autarquia.

Vê-se portanto, pelo conjunto destas referências, que as cercas medievais de quatro dos principais núcleos urbanos algarvios têm sido, no último meio século, objecto de cuidados frequentes e quase continuados.

Embora sem se constituir uma campanha específica para recuperação dos vestígios das muralhas de Faro, há que referir as recentes acções em edifícios que nelas se apoiam ou lhes são contíguos, permitindo de algum modo a sua valorização conjunta. Assim, a **Muralha Seiscentista de Faro** (I.I.P. em 1997), que apresenta troços dos séculos XI a XVI, e contém o imponente **Arco da Vila** (M.N. em 1910), a antiga porta do Castelo, redesenhada por Francisco Xavier Fabri em 1812, está presentemente a receber operações de reconversão em alguns dos monumentos nela inseridos:

- no chamado **Castelo/Fábrica de Cerveja** (torre na rua do Castelo, datando do séc. XIII, reconstruído em 1596, e alterado em 1930 p/ fábrica da Portugalá), que irá constitui um dos núcleos renovados do **Museu Municipal**, em obra que avança desde 1998;
- e no **Paço Episcopal** (no largo da Sé, de 1585, distinto pelos seus telhados de tesouro múltiplos), notável e precioso edifício encastrado na muralha, que recebeu recente restauro pelo IPPAR, em 2004-2005.

De referir ainda, na Porta do Repouso, as **torres Albarrãs, de origem Almoada, do século XII, que albergam a Ermida de N. S. do Repouso, de 1710-30**, com elementos clássicos que repetem a antiga fachada de S. Francisco (desaparecida com o Terramoto de 1755) – e igualmente alvo de recente restauro.



Loulé, muralhas e Arco da Porta do Pilar. Tavira, escadinhos de acesso ao Castelo.



AS FORTIFICAÇÕES LITORAIS

Com o período da Expansão marítima, foi necessário erguer inúmeras fortalezas costeiras, de pequeno porte mas já desenhadas e construídas segundo os princípios da pirobalística, resistindo ao fogo raso dos assaltantes vindos do mar. A maior parte destas construções sofreu posteriormente destinos variados – desde a adaptação a residências ou a equipamentos modernos, nos séculos XIX e XX, até à ruína parcial e mesmo ao seu desaparecimento completo – encontrando-se quase todas classificadas.

Servindo como residências, refiram-se: o **Castelo de São João de Arade** (I.I.P. em 1974), no Ferragudo, que era inicialmente uma Torre-vigia edificada por D. João II, depois ampliada na Restauração; o **Castelo da Senhora da Luz** (I.I.P. em 1977), na Ponta da Calheta, a qual foi reconstruída por D. João III e na Restauração; e o **Forte da Conceição, ou de S. João da Barra** (I.I.P. em 1960), sito na Praia/Cabanas, datando do séc. XVII, que foi ampliado no XVIII e se encontra em muito bom estado.

Adaptado a restaurante e esplanada nos anos de 1960, foi o **Forte de Santa Catarina, na Praia da Rocha** (I.I.P. em 1977), reconstruído no séc. XVIII, o qual apresenta uma forma rectangular.

Em ruínas, ou apenas como meros vestígios, encontramos: o **Forte e Capela de N. S. da Rocha** (I.I.P. em 1963), perto de Armação de Pêra, com restos da muralha, sendo aqui de destacar a preciosa capela no interior, intacta, com cobertura octogonal, fachada de nártex com 2 colunas, apresentando uma capitel visigótico; o **Castelo ou Forte de Alvor** (I.I.P. em 1984), de proveniência medieva, destruído no terramoto de 1755, hoje apenas com restos das muralhas; o **Forte da Boca do Rio ou de Almádena** (I.I.P. em 1974), na foz do rio Budens, do tempo de D. João III; o **Forte do Burgau** (I.I.P. em 1977), igualmente em Budens, construído por D. João IV, a 10 km de Lagos; e o **Forte Novo ou da Armação** (I.I.P. em 1974), junto à rib. da Quarteira, obra de D. João II, restaurado no séc. XVIII, com plano de 4 pontas – o qual infelizmente foi desclassificado, por ter sido destruído (cf. decreto de 2002).

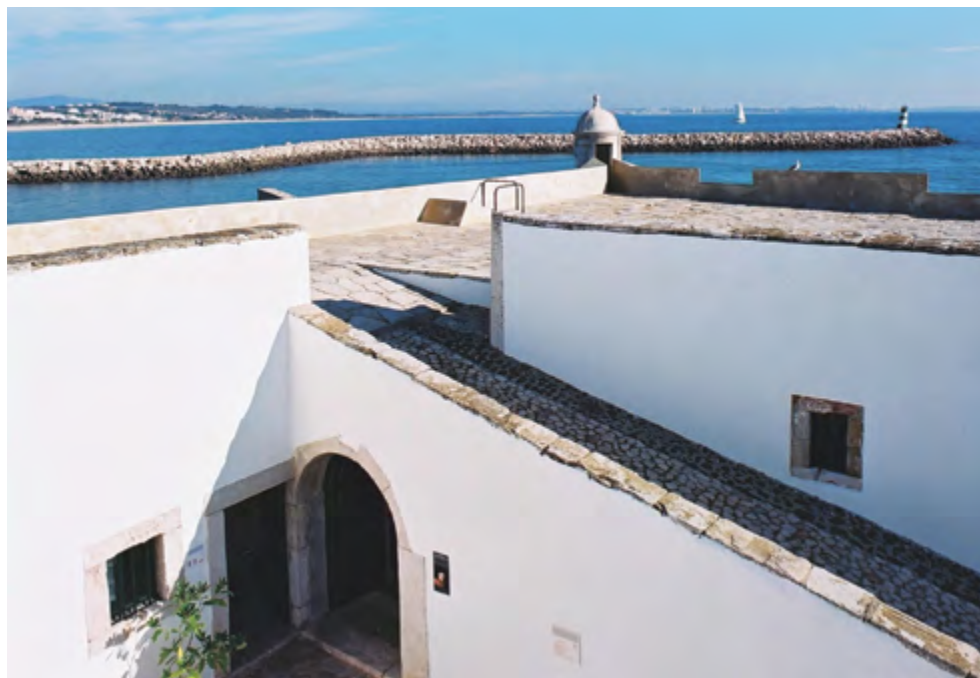
Refiram-se ainda, para terminar este rol, a **Fortaleza de Armação de Pêra** (I.I.P. em 1978), abaluartado, de 1667, e o **Forte do Rato**, ou de S. António de Tavira (I.I.P. em 1983), sito na foz do Gilão, do séc. XVI, ampliado na Restauração, bem como o forte de Cacela Velha (conj. Class, I.I.P., em 1996).

Podemos assinalar intervenções recentes em dois notáveis exemplos destas fortificações, traduzidas em obras de recuperação e requalificação. No **Forte da Ponta da Bandeira** (também conhecido como de N. S. da Penha de França ou do Pau da Bandeira ou Forte do Registo, I.I.P. em 2002), implantado junto da actual avenida das Descobertas, em Lagos, que foi construído entre 1679-83 e 1690, junto à ribeira, no litoral extremo da cidade. Trata-se de uma construção abaluartada, de planta simples, mas assinalável beleza no seu desenho e localização, e de cuja esplanada se pode olhar as muralhas mais antigas da cidade, de um lado, e o canal da marina e o mar, do outro. Aqui se procedeu a obras de conservação e recuperação, pela DGEMN, em 2002-2003 (cf. Monumentos n.º 17, 9/2002).

Na Ponta de Sagres, a **Torre e Muralhas de Sagres** ou **Fortaleza de Sagres** (Monumento Nacional em 1910, com Z.E.P. em 1986) constitui um complexo abaluartado que, datando do séc. XVI, sofreu obras de engrandecimento até ao século XVIII e, muito recentemente, obras de recuperação e de dotação de infra-estruturas, já nos anos 1990.

Passada a linha de muralhas que fecha o acesso à ponta da falésia, o projecto de João Carreira que venceu o concurso público para Sagres em 1988 previa uma reconversão e reconstrução dos edifícios existentes (antigas residências térreas, em correnteza), articulando as novas edificações, de dois pisos, com a pequena capela num dos extremos. A elas perpendicular, um longo corredor ao ar livre, entremuros, levaria então o visitante mesmo ao extremo da falésia, ao lugar mítico do olhar sobre os “oceanos ignotos”. Foi edificada um galeria de exposições e um edifício de acolhimento, restauração e serviços – mas nunca foi implantado o corredor, mercê da polémica que entretanto veio a público, e se relacionava com aquilo que podemos talvez hoje designar por “modernidade desajustada” do projecto, de facto pouco feliz na sua resultante concreta.

Sagres sobreviveu bem a estes problemas, pois trata-se de uma notável fortificação, do ponto de vista histórico, arquitectónico e paisagístico, associada como símbolo primeiro, de dimensão nacional, às Descobertas, e que se articula com certos mitos do tempo do Infante D. Henrique, como a conhecida “Vila do Infante”, ou a misteriosa Rosa-dos-Ventos implantada no seu interior. Fazendo parte do conjunto paisagístico, e incluído na mesma Z.E.P., está a **Fortaleza de S. António do Beliche** (I.I.P. em 1957), reconstruída em 1632, hoje em ruínas, integrando a capela S. Catarina, e um restaurante adossado à muralha (de 1960) – uma antiga lápide assinala a entrada do forte, enquanto, quase suspensa sobre a falésia (que se vem esboroando perigosamente), se destaca a cúpula da capela. Igualmente na mesma ZEP situa-se a **Fortaleza do Cabo São Vicente** (I.I.P. em 1961), reconstruída em 1606, e dotada de farol em 1904.



Beliche, fortaleza (pormenor). Lagos, Forte da Ponta da Bandeira.





A ARQUITECTURA RELIGIOSA, DO GÓTICO AO MANUELINO

Depois do “deserto” que constitui o mapa da arquitectura Gótica em Portugal para sul de Santiago do Cacém e de Serpa, o Algarve apresenta algumas construções notáveis deste estilo, sendo sem dúvida a mais destacada, pela sua importância a nível nacional, a Sé de Silves.

Mário Chicó e Pedro Dias já historiaram aprofundadamente estas edificações, das quais podemos referir a existência de portais, torres e outros vestígios arquitectónicos, mais do que obras completas, dadas as sucessivas alterações e reconstruções a que os sucessivos sismos históricos obrigaram, nesta região. Sendo quase todas posteriores aos fins do século XIV, revelam inserção no ciclo de influência batalhina nacional.

Assim, de Nascente para Poente, refiram-se:

- em Tavira, as **capelas da igreja de S. Francisco**, sobreviventes à ruína, e a estrutura de 3 naves e o **portal da Matriz de S. Maria do Castelo** (este muito bem inserido por Fabri no contexto da nova fachada neo-clássica, M.N. em 1910, foi restaurada em 2000 pela DGEMN);
- em Faro, a **Torre da Sé Catedral**, sobre arcos ogivais, do século XV (I.I.P. em 1955, foi objecto de restauro em 1996-97, com a recuperação da envolvente em 1998);
- em Loulé, a **igreja matriz de São Clemente**, dionisiana, do tipo de S. Maria do Olival, com 3 naves e portal, e o **portal da igreja do Convento da Graça** (ambos M.N. em 1924, com Z.E.P. de 1985); o portal da Graça encontra-se inserido num conjunto de ruínas, que inclui duas colunas que devem ter suportado o arco triunfal da antiga capela-mor gótica;
- e, em **Portimão**, o **portal da matriz de N. S. da Conceição** (I.I.P., 1977), do ciclo batalhino, mais recente e, segundo Pedro Dias, já flamejante.

Ao lado, portal da Igreja Matriz de N. S. da Conceição, **Portimão**.
Portal gótico da Igreja da Graça, **Loulé**.



Capela de Guadalupe, Vila do Bispo. Portal da Misericórdia de Loulé. Sé de Silves, Interior.



Com destaque, devemos mencionar os dois monumentos mais originais e completos do gótico, que receberam obras no século XX:

- a **Ermida N. S. Guadalupe** (M.N. em 1924, com Z.E.P. em 1955), sita na Quinta de Guadalupe, que é frequentemente atribuída ao tempo Românico-gótico (séc. XIII), mas que pode datar já do século XVI, num “manuelino popular”, com portal ogival; foi objecto de restauro nos anos 1950 (cf. Boletim DGEMN n.º 82 de 12/1955), recebendo novas obras de restauro em 2004-2005;
- a **Sé de Silves**, que constitui afinal mais um exemplo qualificado da inserção do Algarve nos movimentos estéticos e artísticos, a nível nacional, da sua época (M.N. em 1922, com Z.E.P. de 1956); é uma obra gótica, no característico grés vermelho local, com pórtico ogival e três naves; foi restaurada no início dos anos 1950 (cf. Boletim da DGEMN n.º 80 de 6/1951).

Uma vez mais, dentro do espírito da época, foram estas duas igrejas escolhidas nos anos de 1950, para obras de restauro, dada a sua associação simbólica à Nacionalidade (Silves) e aos Descobrimentos (Guadalupe).

Dê-se a palavra a Mário Chicó, para melhor enquadrar na história e na arquitectura o monumento de Silves:

“... a antiga catedral de Silves (...) em que só as capelas da cabeceira são de pedra aparelhada é, todavia, um dos principais monumentos do sul do país, que também reflectem a arte requintada de Mestre Huguet. Edificada em ‘pedra ruiva’, que se assemelha na cor ao belo grés das Vosgos, empregado na construção da catedral de Estrasburgo (...) A planta e os alçados permitem-nos separar facilmente nesta igreja pouco homogénea, mas de proporções muito elegantes, a parte que é ainda do século XIV e tem maior solidez, da parte edificada no século seguinte, quando os pilares polistilos foram abandonados e substituídos por grossas colunas poligonais”

[Chicó, 1954]

Sobre a expressão do Manuelino algarvio disse Pedro Dias:

“Na região mais a sul do nosso país, desenvolveu-se uma arquitectura com características peculiares que, talvez mais do que nenhuma outra, mereça a classificação de escola.”

[Dias, 1988]

Esta expressão original está hoje patente sobretudo no labor decorativo e na forma dos inúmeros pórticos religiosos e nos seus elementos constitutivos. Sem querer ser exaustivo, refiramos os vestígios mais significativos, sempre tendo em conta que se inserem em templos maioritariamente refeitos depois de sucessivos sismos, com intervenções de renovação estilística ao gosto das épocas seguintes:

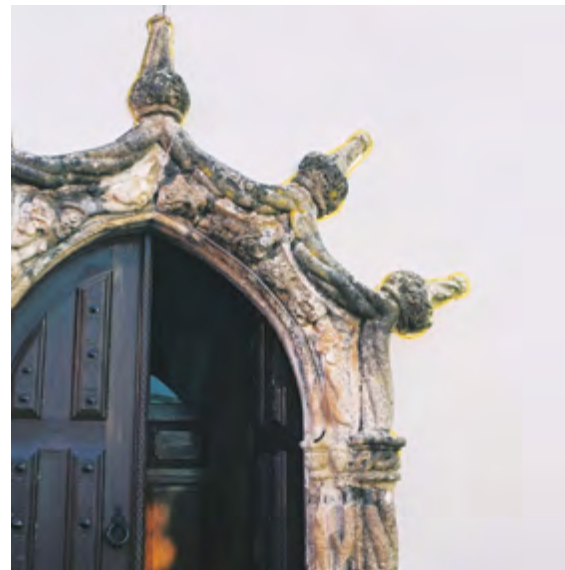
- a **Igreja de Martim Longo** (I.I.P. em 1967), muito alterada em fases posteriores, com contrafortes manuelinos;
- a **Igreja da Misericórdia de Loulé** (M.N. em 1924), com um portal manuelino de grande originalidade no desenho, e com uma decoração densa e delicada;
- a **Igreja de N. S. Conceição**, paroquial de Alcantarilha (I.I.P. em 1970), com a abóbada da capela-mor e arco triunfal manuelinos;
- a **Igreja de S. Bartolomeu de Messines** (I.I.P. em 1955), com a capela manuelina;
- a **Igreja da Misericórdia de Silves** (I.I.P., 1961), com um portal lateral de arco manuelino contracurvado recortado;
- em Tavira, a **Igreja de Santa Maria do Castelo**, paroquial (M.N. em 1910), com a capela manuelina do Senhor dos Passos – na qual foi efectuada uma recente recuperação pela DGEMN, em 2000 (cf. Monumentos n.º 13, de 9/2000).

Constituindo como que uma “família” ou sub-grupo regional, podem referir-se:

- a **Igreja do Divino Salvador**, matriz de Alvor (I.I.P. em 1948), estando classificados os pórticos principal e lateral, manuelinos, e podendo referir-se que, “O portal principal é o mais belo e também o mais complexo de quantos se conservam no Algarve” (Dias, 1988);
- a **Igreja matriz de Odiáxere** (I.I.P. em 1996);
- e a **Igreja de São Tiago de Estombar** (M.N. em 1984), com a fachada, do séc. XVIII, com portal manuelino, e raras colunas manuelinas com fuste esculpido.

Outras obras, não classificadas embora, merecem igualmente a nossa atenção:

- a **Matriz de Alte**, com 3 naves e portal manuelino;
- em Querença, a **Igreja Matriz de N. S. Assunção**, com portal polilobulado manuelino; no espaço urbano envolvente à igreja, está em curso a recuperação de fachadas e do largo da igreja, em proj.do GRUQ, de 2004-2005;
- em Tavira, o antigo **Convento de N. S. da Piedade/ou das Bernardas** (depois de 1890 a Fábrica de Moagem e Massas a Vapor de Tavira), com **portal manuelino**, em obra de 1509-1528;
- a **Igreja da Luz** (Tavira), com portal lateral contracurvado com moldura torsa;
- e finalmente, a **Igreja de Cabanas**, com portal gótico/manuelino, de preciosa decoração figurativa. Haverá ainda outros exemplos, como em Mexilhoeira da Carregação, em Quelfes, ou em Santa Bárbara de Nexe.



Portal principal da Igreja de Monchique.



A Igreja matriz de Monchique (I.I.P. em 1997) com um raro portal manuelino polilobulado, além de constituir um exemplo especialmente interessante, pelo seu desenho raiado, permitiu estabelecer também relações com exemplos encontrados noutros espaços de Portugal, mas sobretudo, até com portais existentes nas regiões da Índia colonizadas pelos portugueses no início do século XVI. De facto, além da relação com portais similares ao de Monchique, como o portal da igreja da Redinha, em Leiria, e o de N.S. da Esperança em Vaipim, Cochim (Índia), podemos referir outra analogia formalmente mais exacta:

“... exemplo da prolongada persistência da arquitectura manuelina como imagem, símbolo ou memória, é o do pórtico da igreja de N. S. da Vida, em Mattancherry, outro arredor de Cochim. Este portal, irradiante e sextilobulado (...) é certamente muito recente, aparentado embora com outro pórtico metropolitano, o da matriz de Monchique (do qual parece uma imitação simplificada, sem o contorno ogival e o cordame em espiral)”

(Fernandes, 1994).

Para finalizar, não devemos esquecer o tema da casa urbana, havendo inúmeros exemplos de portais e janelas de feição manuelina, nas edificações da época nas principais urbes algarvias. Apenas como exemplo, mencionemos, em Faro, a chamada **Casa do Portal Manuelino**, na rua D. Francisco Gomes (construção com telhados de tesouro), do séc. XVIII, com vestígios do séc. XVI; e, em Tavira, a **Antiga Estalagem Quinhentista**, na rua Dr. Mateus Teixeira de Azevedo n.º 13, datando do séc. XVI, depois reformada no século XIX, quando a porta manuelina foi recolocada.





A ARQUITECTURA DO SÉCULO XVI: A ORIGINALIDADE RENASCENTISTA

Os trabalhos publicados por Horta Correia marcaram decididamente a historiografia sobre a arquitectura e o urbanismo no Algarve do período clássico – desde a sua leitura de síntese referente à fase Renascentista, até à tese relativa a Vila Real de Santo António.

Nomeadamente os estudos a que procedeu comprovando a originalidade das obras quinhentistas e seiscentistas da arquitectura religiosa, permitem uma referência, aqui meramente sintética e exemplificativa, a obras que indiciam escolas de pedraria, ou grupos sub-regionais de tipologias na organização espacial das igrejas e dos conventos.

Horta Correia refere as que considera obras precursoras do Renascimento local, como a manuelina Matriz de Alvor, onde “... a porta principal apresenta já elementos vegetalistas de decoração Renascença...” (Correia, 1987).

Constituindo-se representativas de uma “escola local” já efectivamente renascentista, podem considerar-se as três obras seguintes:

- o Portal da **Igreja de São Sebastião**, em Lagos (M.N. em 1924), como portal principal de 1612 e o esplêndido portal lateral de 1568, apresentando o interior 3 naves dóricas – relevando aqui a obra de 1568;
- o Portal da **Igreja do Compromisso Marítimo**, em Lagos, da mesma segunda metade do século XVI, recolocado depois da demolição do templo, junto à igreja de S. António;
- e o portal da **Igreja Paroquial da Mexilhoeira Grande**, mais modesto.

A obra marcante da primeira metade do século XVI é o **Convento de N. S. Assunção**, que hoje alberga o Museu Municipal/Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, presentemente em obras de reinstalação, como um dos seus núcleos. Edificado no largo D. Afonso III (M.N., em 1948), a sua fundação situa-se por 1518-23, estando o portal da fachada datado de 1539.

A peça arquitectónica mais notável é o claustro, de desenho renascentista, relacionado no seu desenho, na estrutura e na tipologia colunária, com os do Colégio Universitário de Coimbra (Diogo de Castilho), mas sobretudo, e de novo segundo Horta Correia, com o claustro da Hospedaria do Convento de Cristo em Tomar, e com o do mosteiro da Penha Longa, obras contemporâneas de cerca de 1540-1550 (e com a obra mais tardia do convento da Saudação de Montemor o Novo, dos anos de 1560). Este precioso claustro do “**Convento das Freiras**” de Faro foi obra de Afonso Pires, em 1542-44 (recuperado pela DGEMN em 1964). O claustro é assim uma obra que exprime, embora de modo ainda aproximativo (no uso das Ordens, na proporção), a plena assunção pela arquitectura religiosa algarvia das novas regras espaciais e estético-construtivas clássicas, italianizantes, exactamente a par do que o restante país produzia. Já noutra estudo tínhamos aproximado a obra da Penha Longa da de Faro:

“Profundamente enraizado numa tipologia claustral desenvolvida em Portugal, a qual parece já dotada de certo sentido vernáculo, elaborado e original, é o claustro da época de D. João III, núcleo arquitectónico fulcral da Penha Longa: encontramos dois exemplos muito similares, apenas com pequenas diferenças de pormenor, no chamado ‘Claustro da Hospedaria’, no Convento de Tomar (...) e sobretudo no Convento beneditino da Assunção, em Faro – como Haupt já tinha assinalado e desenhado, no final do século XIX (...) apresenta como características mais notáveis a delicadeza do desenho dos capitéis jónicos que encimam as elegantes colunas do piso superior, suportando arquitrave, em contraste com a densidade rude dos contrafortes a elas adossados, e com a densidade das ogivas do nível térreo, onde a ordem toscana remata colunas em arcos duplos. A analogia com Faro e com Tomar é quase total, com ligeiras diferenças de pormenor (em Faro não há platibanda superior, e há descarga ogival entre contrafortes) (...)”

(Fernandes, Penha Longa, 1993)

Refiramos, sempre seguindo Horta Correia, outras obras que definem gradualmente o “itinerário” de inserção do Algarve na Renascença:

- a **Igreja Matriz de Paderne** (I.I.P. em 2002), na Praça da República, com arcaria interior de feição clássica;
- a **Igreja de Quelfes** (não classificada), de interior com colunas de capitel “de ábaco curvo e cálato liso” (Correia, 1987), ao modo das de Valverde, Évora;
- a **Igreja de Odeleite** (não classificada), com solução idêntica à de Quelfes, embora mais grosseira, de cerca de 1570.



Misericórdia de Tavira.



Portal de Moncarapacho (pormenor). Portal de Moncarapacho (pormenor).

Uma das obras maiores do Renascimento algarvio é sem dúvida a **Igreja da Misericórdia de Tavira** (I.I.P. em 1940), na rua da Galeria. Obra de 1541-51, com o esplêndido portal principal renascentista esculpido por André Pilarte (que Haupt considerou o melhor exemplar da Renascença do Algarve) – infelizmente muito erodido – de 3 naves com colunas de capitéis e carrancas.

À “família estética” deste templo, e com 3 naves, pertencem a **Igreja de São Salvador de Alcoutim** (não classificada) com portal e os capitéis coríntios, a **Igreja de Santa Catarina da Fonte do Bispo** (a norte de Moncarapacho, não classificada), com o seu portal renascentista, e a **Igreja da Conceição** de Tavira. Aparentadas igualmente com a série anterior, refiramos a **Igreja de Cacela**, com o gracioso e erudito portal (integrada no conjunto classificado de Cacela Velha, I.I.P. em 1997, com o forte), e a **Igreja de N. S. da Graça em Moncarapacho** (não classificada), com o monumental pórtico Renascença, datando provavelmente de 1581, com desenvolvimento superior em dossel goticizante, tal com a Misericórdia de Tavira. Este pórtico, mercê do seu notável estado de conservação, bem como da delicadeza do desenho dos elementos escultóricos que o tipo de pedra utilizado permitiu, constitui talvez, actualmente, a mais impressionante peça desta tipologia Renascença no Algarve.

Culminando e concluindo o ciclo joanino da arquitectura quinhentista, situa-se a **Igreja da Luz de Tavira**, em pleno “foco tavirense de irradiação estilística”, no dizer de Horta Correia. Este templo apresenta um portal mais canónico e complexo a um tempo (com frontão triangular, nicho e volutas), e uma rara planta em “igreja-salão”, em vez das 3 naves. A profusão decorativa da cimalha da fachada, dá-lhe uma dimensão única, de originalidade gráfica e barroquizante. (A **Igreja da Misericórdia de Castro Marim** também se integra, com um rude pórtico, no mesmo ciclo).

A fase seguinte, sebástica, exprime uma maior austeridade no desenho arquitectónico, patente nomeadamente nos sóbrios interiores colunários (em dórico ou toscano), como na **Igreja de S. Brás de Alportel** (de c. de 1565), na **Igreja Matriz de Estoi**, e na **Igreja Matriz de Lagoa**.

O claustro do antigo **Convento de N. S. da Graça em Tavira**, com a sua inovadora arcaria toscana, insere-se neste quadro de actualização, por depuração decorativa e austeridade de desenho, da arquitectura local, que caminhará para o chamado “Estilo Chão” – o qual se afirmará cabalmente ao longo de todo o Seiscentos. Obra de 1569 a 1577, com obras posteriores dos séculos XVII e XIX, corre presentemente o processo da sua **adaptação a Pousada**, com a C.M.T. (cf. Monumentos n.º 18, 3/2003).

Mencionem-se ainda alguns exemplos de obras arquitectónicas desta fase final do século XVI: a **Igreja de S. Pedro, em Faro** (com o portal clássico), datando dos sécs. XVI-XVII; o Portal da **Igreja da Misericórdia de Faro** (de planta em cruz grega); e o da **Igreja da Misericórdia de Lagos**. Refira-se ainda a **Igreja da Misericórdia de Silves** (I.I.P. em 1961), de fachada de pórtico com frontão clássico.

A singela **ermida de São Lourenço, em Budens** (não classificada), do séc. XVI, exemplifica a pequena construção de planta centralizada, muito enraizada na tradição vernácula local.



Igreja da Luz de Tavira (foto JMF)





SÉC. XVII E XVIII, OS EXEMPLOS BARROCOS

A época forte do Estilo Chão, eivado de um classicismo simplificado, austero e depurado, e por vezes estandarizado na arquitectura (mas prolífico, decorativo e multicolorido nas artes aplicadas), evidencia a importância das grandes instalações das ordens religiosas.

Como exemplos, podemos referir as tipologias de fachadas e claustros, patentes as primeiras nos **edifícios dos Colégios dos Jesuítas**: no de **Portimão** (Valor Concelhio em 1974), na Praça da República (fundado em 1660, do arq. Bartolomeu Duarte, com vasta fachada em triângulo), a relembrar a imensa fachada do de **Faro** (de São Tiago Maior, de 1605, hoje o Teatro Lethes). Quanto às segundas tipologias mencionadas, as claustrais, há que estudar por exemplo as da “família franciscana”, como em **Portimão** e em **Santo António de Loulé**, este com igreja de cúpula, de forte efeito decorativo (seg. Horta Correia, 1989).

A dinamização do espaço, tema muito caro ao barroco italiano, teve talvez algum reflexo nas tipologias da arquitectura religiosa – pensamos na **Igreja de S. José do Hospital ou do Espírito Santo, em Tavira**, com a sua planta octogonal; mas a “tradução” estética preferencial do Barroco no país, servindo as regras do dominante gosto “Chão” – no Algarve como no restante Portugal – vai ser o recurso decorativo planimétrico, patente na profusão do “azul e ouro”, no uso da talha e do azulejo, bem como na pintura de ilusão perspéctica, o “trompe l’oeil”.

Neste quadro das artes aplicadas a ouro e azul, devemos destacar dois ou três exemplos considerados dos mais notáveis:

- a **Igreja de São Lourenço de Almancil** (I.I.P. em 1946), com as paredes, abóbada e zimbório totalmente revestidas a azulejo do séc. XVIII, por Policarpo de Oliveira Bernardes; nele foi efectivado restauro pela DGEMN, em 1998 (cf. Monumentos n.º 10, de 3/1999);
- a **Capela de N. S. da Conceição**, em Loulé (I.I.P. em 1953), na rua Paio Peres Correia, com um retábulo de talha, estatuária e azulejaria do séc. XVIII;
- a **Igreja da Ordem Terceira de São Francisco**, em Faro, de fins do séc. XVII, com intervenção do pedreiro Diogo Tavares e Ataíde na 2.ª metade do séc. XVIII, com nova capela-mor (revestida a azulejo), transepto octogonal (com retábulos), cúpula (com talha) e claustro; (restauro de pintura, azulejo e talha, pela C.M.Faro, ref. *in* Monumentos n.º 19, 9/2003).

Ainda em relação à obra de talha, como relembra Horta Correia (1987) "... S. António de Lagos, o Carmo de Faro e o Carmo de Tavira são os três momentos altos da talha algarvia (R. Smith, 1963)"

Outro tema muito significativo desta fase histórica é o das pequenas e modestas construções urbanas ou em aldeias, que difundem o gosto decorativo do tempo barroco. Refiramos alguns exemplos, de edifícios aliás objecto de obras de recuperação, tanto nos meados do século passado, como muito recentemente:

- a **Igreja N. S. Conceição**, matriz de Vila do Bispo (I.I.P. em 1958), com a fachada do séc. XVIII, torre sineira, azulejos, tecto masseira, pintado, e retábulo da capela-mor em talha, de 1715; o restauro foi efectuado pela DGEMN cerca de 1960 (*in* Boletim DGEMN n.º 107 de 3/1962);
- em Tavira, a **Capela de São Sebastião** (V.C. em 1977), no Campo Mártires Pátria/Atalaia, dos sécs. XVII e XVIII, com três corpos, e capela-mor cúbica com cobertura semi-esférica; apresenta pintura interior em "trompe l'oeil", e deverá integrar um museu da pintura; foi realizada uma consolidação e restauro pela Câmara Municipal, em 2000-2002 (cf. Monumentos n.º 13, de 9/2000, e Monumentos n.º 19, de 9/2003);
- também em Tavira, a **Igreja ou Capela de Santa Ana** (V.C. em 1977), no Rossio de Santana, do séc. XVI, reconstruída no séc XVIII, quando foi capela do Governador do Algarve; foi efectuada uma recuperação pela Câmara Municipal em 2002-2003 (cf. Monumentos n.p 18, de 3/2003).



Fachada barroca da Igreja Matriz de N. S. da Conceição de Portimão. Fachada da matriz de Olhão.

Para além destes edifícios, classificados e com restauro, há muitos outros pequenos templos desta época, por vezes de escala vernácula e intensa expressividade; refiramos, apenas a título exemplificativo:

- pela sua dimensão plástica e paisagística, a **Igreja de São Sebastião**, em Albufeira, junto às arribas, com um arco manuelino, o portal barroco, e a luminosa cúpula esférica caiada, do séc. XVIII;
- a **Igreja de Santana, em Albufeira**, igualmente com cúpula branca, de claro efeito decorativo, de fins do século XVIII;
- e a **Ermida de N.S. do Pé da Cruz**, em Faro, de 1644, com um gracioso frontão relevado e curvilíneo, coroada por lanternim e, do lado oposto à fachada, com um *Passo* de 1779, sob pórtico com arcada.

Também deve assinalar-se, pela qualidade estética geral e pela conjugação das tipologias religiosas com as civis, o conjunto da **Matriz e da Casa do Compromisso Marítimo, em Olhão**: aquela com a luminosa fachada de profusa decoração barroca, apresentando datas de 1698 e de 1788, esta com a frente de desenho “civil” e a cúpula central.

O caso especial, ou mesmo excepcional, do **Palácio e Jardins de Estoi** (I.I.P. em 1977), parece configurar uma influência directa da arquitectura da Casa da Família Real (Faro pertencia à Casa da Rainha). De facto, segundo investigação recente por Francisco Lameira, os documentos parecem comprovar ser o edifício uma construção inicial de 1782-83, iniciativa de Francisco José de Carvalhal, e com provável projecto pelo arq. Mateus Vicente (obreiro do Palácio de Queluz, da Casa do Infantado, com o qual Estoi tem inúmeras afinidades formais), ao qual se anexa um jardim no mesmo gosto geometrista da época.

A fase seguinte de obras, por José Francisco da Silva, futuro Visconde de Estoi, é já de um século depois, de 1893-1909, com o arq. Domingos António da Silva Meira; construiu-se então o portal da rua da Barroca, a torre sineira junto à capela e o corpo térreo anexo, a nascente.

No seu conjunto, visitado hoje, os jardins e palácio de Estoi denotam uma escala desigual, entre o vernáculo e o senhorial, bem como a presença de formas e linguagens decorativas desconexas entre si, que por vezes roçam o “kitsch” – o que nos deixa muitas dúvidas sobre as suas origens, influências e transformações.

Este original conjunto recebeu extensas obras recentes, de recuperação e restauro, pela DGEMN (cf. Monumentos n.º 1, de 9/1994), que se prolongaram durante vários anos, entre 1992-95; a **Pousada de Estoi** constitui um complementar projecto de valorização, associando-a ao palácio e jardins, por Gonçalo Byrne (em curso, 2004-2005).



Palácio de Estoi.





DA POMBALINA VILA REAL A FABRI E ÀS SUAS OBRAS ALGARVIAS

O último quartel do Século XVIII é sem dúvida marcado no Algarve pela obra portentosa de urbanismo que o erigir de Vila Real de Santo António constituiu. O **Conjunto do Centro da Cidade de Vila Real**, planeado e implantado em 1774-77, exhibe ainda hoje o sereno equilíbrio do seu formulário clássico, centrado na praça de dimensões quadradas, que inclui a Câmara Municipal e a Igreja Matriz, com o pavimento irradiante convergindo no obelisco central, e moldurada pelos 4 torreões nos seus extremos. Igualmente a frente marginal deste conjunto, deitando sobre o Guadiana, apresenta a série de frentes de quarteirão de coberturas simples amansardadas, com uma construção elementar mas de uma monumentalidade obtida pelo conjunto, que remata em dois torreões, a norte e a sul, ligeira e subtilmente sobreelevados, de cobertura de tipo pombalino (duas águas desiguais). O Torreão Sul, recuperado recentemente, alberga o arquivo histórico.

Para além destes elementos, e da fase derradeira de Setecentos que brilha sobretudo na notável obra urbanístico-arquitectónica de Vila Real de Santo António, há que fazer ressaltar a intervenção significativa – menos conhecida do que mereceria – do arquitecto Francisco Xavier Fabri (1761-1817), na transição do século XVIII para o XIX, introduzindo firme e coerentemente o neo-classicismo no sul de Portugal, quer em obras de reconstrução quer em obra nova.

Fabri, arquitecto, escolar da prestigiada Academia Clementina de Bolonha, foi chamado pelo esclarecido Bispo de Faro, D. Francisco Gomes de Avelar (1739-1816), em 1790, participando nas obras de reconstrução criteriosa de inúmeros

monumentos religiosos algarvios, tornada essencial pelas marcas profundas deixadas pelo terramoto de 35 anos antes. A partir de 1794 trabalhou em Lisboa, construindo edificações marcantes da cidade, como o Palácio do Marquês de Castelo Melhor (1795), o Hospital Real da Marinha (Armada Real, 1797), o Cemitério de Campo de Ourique (1796), o demolido Forte da Junqueira, a ampliação da Cordoaria e, seguindo a Caetano de Sousa e com Costa e Silva, do Palácio Real da Ajuda.

No Algarve podemos destacar as seguintes obras maiores, que em Faro formam um conjunto monumental na área muralhada e sua envolvente:

- o **Arco da Vila** (M.N. em 1910), gracioso “arco triunfal” inserido na antiga porta do castelo, de 1792 (integrando a Ermida de N. S. do Ó, também reconstrução de depois de 1755);
- o **Seminário Episcopal**, no largo da Sé, a cuja ala norte, de 1787-89, juntou Fabri em 1790-94 a ala sul;
- a **Igreja da Misericórdia e Hospital**, na rua da Misericórdia com o largo de D. Francisco Gomes, longo corpo de arcaria, rematando no portal clássico, que foi reconstrução de 1794 a 1815 – e forma um conjunto monumental com o vizinho Arco da Vila.

Como obras de reconstrução, na série de igrejas algarvias, destacamos:

- a **Igreja de São Luís**, no largo de São Luís, em Faro (do séc. XVII, alterada no séc. XVIII, recuperada em 1806);
- a **Igreja de Santa Maria do Castelo de Tavira** (M.N. em 1910), onde Fabri soube manter a estrutura de três naves e o portal gótico, numa nova frente clássica;
- a **Igreja de N. S. Conceição de Alcantarilha** (I.I.P. em 1970), onde igualmente manteve a abóbada da capela-mor e o arco triunfal manuelinos, reconstruindo o restante;
- e a **Igreja Matriz de Estoi**, com interior colunário do séc. XVI, de poderoso pórtico e impressionante escadório frontal.

A **Igreja Nova de Aljezur**, obra de feição muito simples, foi também atribuída por Horta Correia à traça de Fabri.

Em todas estas obras Fabri soube entender o valor arquitectónico e histórico das partes remanescentes dos edifícios arruinados, e/ou instaurar com largueza e qualidade a “nova ordem” arquitectónica internacional do neo-classicismo, através do tema da austeridade do desenho, e do seu regresso aos padrões ante-barrocos da ordem dórica/toscana, simbolizado na aplicação frequente do frontão triangular encimando as construções.





Igreja de S^{ta} Maria do Castelo de Tavira (foto JMF). Arquivo histórico de Vila Real de S^{to} António.





A ARQUITECTURA DO SÉCULO XIX, DO TEMPO ROMÂNTICO AO SURTO INDUSTRIAL: EXOTISMO, HISTORICISMO, REVIVALISMO, ECLETISMO

O período das primeiras décadas de Oitocentos é de crise e relativa paragem no desenvolvimento arquitectónico do Algarve – como no restante país, a braços com as lutas liberais, a quase-Guerra Civil, as sucessivas crises políticas e governativas.

Poucas obras podem referir-se neste período: recordamos o **Cemitério da Colónia Judaica de Faro** (I.I.P. em 1978), de 1838, reconstruído em 1993, e sito na estrada da Penha, junto ao estádio de S. Luís), e, na mesma cidade, o **Palácio Bívar** (I.I.P. em 2002), na rua Conselheiro Bívar, com obras a partir de 1815 pelo mestre canteiro José António Vidal – constituindo um exemplar neo-clássico civil de qualidade.

Durante a segunda metade do século XIX, com a estabilização político-social, assistiu-se na região a um novo surto edificatório, que incluiu a divulgação gradual de diferentes programas construtivos, ligados às novas classes sociais em ascensão, que substituíram as do chamado “Antigo Regime”.

Industriais, comerciantes e pessoas ligadas às profissões liberais promoveram o prédio de habitação, o palacete e a moradia burguesa como modelo da casa, colectiva e própria, muitas vezes imitando de modo simplificado as formas ou os tipos do palácio da antiga aristocracia – usando esses espaços residenciais como modo de reconhecimento da sua promoção social.

Esta época foi, na Europa, culturalmente dominada pela sensibilidade romântica, que induziu um certo desejo de “fuga à realidade” (e à crise do explosivo crescimento urbano, na revolução industrial da época) – reforçada pela atitude individualista própria da livre iniciativa liberal – o que justificou a imitação de formas exóticas, ou de modelos arquitectónicos e decorativos do passado, então mitificado como sendo glorioso, sugerindo criações excêntricas e únicas.

O Romantismo traduziu-se deste modo, na arquitectura, no chamado Exotismo (imitação das moradias da Europa Central, os “chalets”, ou de sugestões orientais, como as cúpulas bolbosas), e sobretudo no Historicismo (imitação de um estilo do passado, em Portugal sobretudo de feição gótica, árabe, ou manuelina) ou Revivalismo (do inglês “revival”). Muitas vezes ainda, exagerou-se essa atitude misturando no mesmo edifício várias influências de diferentes estilos: o chamado Ecletismo.

Por outro lado, a nova escala urbana e a dinâmica civilizacional levaram à construção de novos equipamentos, como os mercados de Ferro (com as novas tecnologias disponíveis), e os teatros – lugar de exibição da sociedade local, dos seus valores, hábitos, modos de vestir e de estar – ou à moda da deslocação periódica às áreas balneares e de termalismo, com a novidade dos “hotéis de praia”, e dos balneários e termas – no que foi o “primeiro turismo” algarvio, da Praia da Rocha a Monchique.

Ao lado, interior das antigas termas neo-árabes, **Monchique**.
Palacete em Lagoa.

No Algarve, tal como noutras áreas do país, existem interessantes exemplos destes edifícios e destas tendências artísticas – talvez com algum predomínio das características decorativas e de “preciosismo” estilístico, de profundo gosto pelo pequeno detalhe ou pormenor, muito próprio desta região. Uma vez mais o Sul soube actualizar-se estética e construtivamente, como se verá nas exemplificações seguintes.

O crescimento urbano acentuou-se no último quartel do século XIX, com novas exigências:

- para os serviços públicos (o edifício da **Câmara Municipal de Faro**, iniciada em 1883, de feição neo-clássica, remodelado em 1945; o matadouro de Faro, de 1896-99, em estilo neo-árabe ou mourisco, na alameda-parque João de Deus, hoje inserido na Biblioteca Ramos Rosa; ou o **Mercado Municipal de Lagoa**, de 1895, bem no coração do centro urbano);
- para as infra-estruturas (caso da **ponte em Portimão**, de 1875-76, em pedra e ferro, com 8 tramos e 330 metros de comprimento);
- para os equipamentos, como, em Lagoa, o **antigo teatro**, actual Biblioteca Municipal (recuperação e adaptação, arq. João Durão, de 1997);
- e até para o mais simples mobiliário urbano (**coreto na praça D. Francisco Gomes**, de 1894-99; e no **Jardim Público de Tavira**, o **coreto** de 1890) e equipamento ligeiro de apoio (na vizinhança do antigo matadouro de Faro, um gracioso “chalet” de 1898, também sobre a alameda-parque João de Deus).

Refira-se ainda, como obra desta época recentemente recuperada (ao contrário do **mercado de Portimão**, que foi polemicamente demolido há poucos anos), o **Antigo Mercado Municipal de Tavira (1885-1887)**, cuja recuperação e adaptação como Mercado da Ribeira, pelo Instituto de Engenharia de Estruturas, Território e Construção do Instituto Superior Técnico, com a CMT, ocorreu em 1999-2000 (cf. Monumentos n.13, de 9/2000).

Também as “habitações burguesas” desta época exibiram características renovadas – sobretudo formais, já que a estrutura tradicional em alvenaria e madeira persistiu. Vejamos alguns exemplos, todos em Faro:

- com ênfase nas molduras de vãos, mais fantasistas (edifício nas ruas Serpa Pinto/Batista Pinto, de 1878, depois **Escola Normal Primária de Faro**);
- com a platibanda muito ornamental no remate superior da fachada (**casa de Mateus da Silveira**, anterior a 1888, nas ruas Infante D. Henrique/Gomes Freire, actual Clínica de S. Maria, com recentes obras por João Sustelo Quirino, em 1992);
- com o revestimento azulejar (casa da actual **Diocese do Algarve**, ruas Castilho e Brites de Almeida);
- no gosto revivalista da época, o **Palácio Lã**, neo-gótico (demolido).



Antigo matadouro, integrado na Biblioteca Municipal de Faro



Em Faro persiste aliás um verdadeiro núcleo de casas oitocentistas, de desenho tradicional, com as vastas coberturas telhadas, as cornijas salientes, e os vãos sóbrios e alinhados, que ainda caracterizam parcialmente o centro da cidade. Refiram-se, entre várias:

- o **Palacete do Tenente João de Carvalho**, na rua Conselheiro Bívar 75 a 99 (obra a partir de 1806);
- o **Palácio das Lágrimas**, na praça A.Herculano, alterado em 1924);
- a **Casa do Dr. Brito da Mana**, no largo do Pé da Cruz 25 a 27;
- a **Casa da Família Trigoso**, na rua 1o. de Maio/rua do Prior;
- a **Casa de José Maria Assis**, na rua do Rasquinho 21 a 27;
- a **Casa da Família Alexandre da Fonseca**, largo Dr. Marcelino Franco/rua da Misericórdia (alterado em 1937, e ampliado em 1940);
- e a **Casa da Família Arouca**, no largo Alexandre Herculano, 27.

Em Faro, outros edifícios do século XIX assumiram funções públicas, como o **Edifício da Alfândega** (av. da República, 2 a 14), e a **Casa da Saúde/Grande Hotel**, na rua Infante D. Henrique 28 a 40). O conhecido **Palacete Doglioni ou Palacete Cúmane** (I.I.P. em 2002), sito na rua do Lethes 32/Travessa do Lethes 1 e 3/Lg. Terreiro do Bispo 7 e 8), do séc. XVIII, foi recuperado no séc. XIX, e alterado em 1920, indo receber em breve uma intervenção de recuperação por iniciativa da CCDR Algarve.

Muito característica desta fase é a antiga **casa do industrial de cortiça Miguel Dias Andrade**, dos fins do século XIX. Da planta, em "U", elevam-se as fachadas revestidas a azulejos, térreas e com janelas de arcos redondos, classicizantes. No topo esquerdo, um mirante com varandas de arcos geminados domina a rua. Recuperada, a antiga habitação serve actualmente como "Casa de Cultura António Bentes" e como "Museu Etnográfico do Trajo Algarvio". Situa-se em S. Brás de Alportel (rua Dr. José Dias Sancho, n.º 61).

De referir ainda as obras de iniciativa do industrial Gregório Mascarenhas em Silves: o pequeno mas gracioso **teatro** que tem o seu nome (de facto, Mascarenhas Gregório), e o edifício da **Câmara Municipal**; de mencionar ainda, como exemplo revivalista, a casa apalaçada neo-gótica, na rua Miguel Bombarda n.º 29-33.

Atravessando esta época, devem destacar-se duas ou três obras mais significativas da arquitectura oitocentista algarvia, como o Teatro Lethes e o pavilhão neo-árabe das Termas de Monchique ou, já na transição para o século XX, a remodelação do Palácio de Estoi.

O **Teatro Lethes** (ruas Justino Cúmano, Portugal e Horta Machado, em Faro) resultou da adaptação da antiga igreja jesuíta, cuja fachada foi coroada por uma vasta balaustrada, central à composição, perdendo deliberada e significativamente o aspecto religioso por uma expressão mais “cívica”. As obras, por Justino Cúmano e seus continuadores, decorreram longamente, em 1843-45 (por Lázaro Doglioni), em 1859 e finalmente em 1906-08. A sala interior é a parte mais interessante do conjunto, pelo equilíbrio das 4 ordens de galerias e pelo seu valor decorativo (relembre-se aqui o teatrinho de Silves, de idêntica tipologia, restaurado em 2005).

O **edifício termal das Caldas de Monchique**, implantado num ambiente muito característico destas áreas aquíferas, cercado por “chalets” e arborização serrana, pertence ao grupo dos que evocam as formas arabizantes, ou mais propriamente mouriscas. O tema ligado à cultura muçulmana foi um dos mais recorrentes na Península Ibérica de Oitocentos, dada a sua evidente simbólica romântica, ligada aos tempos medievos e à persistência no território de uma cultura para nós “exótica”, como se explicou atrás; mas foi no Algarve que, em Portugal, ela mais se enquadrou e justificou historicamente.

As formas evocativas deste neo-árabe ou neo-mourisco são fundamentalmente constituídas pelos arcos ultrapassados (enquadrando as caixilharias de motivos geométricos e abstractos) e o coroamento da cimalha com um ameado denteado, de nítida evocação islâmica. Desconhece-se a data da construção.

Finalmente, o **palácio de Estoi**, numa quinta dos arredores de Faro, já referido atrás, foi também objecto de campanhas de obras, de construção e decoração, a partir do final do século XVIII, como se viu atrás; mas aqui devem destacar-se apenas as intervenções de 1893 a 1909, por acção de José Francisco da Silva (com o arquitecto Domingos António da Silva Meira), quando foi reinaugurado. No seu conjunto destaca-se o corpo residencial, que culmina superiormente em balaustradas e estatuárias. Mencionem-se ainda a capela e a torre anexa, de delicada decoração. Os interiores prolongam e culminam esta minuciosa atitude decorativa, com aplicações dos mais diversos estilos e gostos. Não esqueçamos, a finalizar, as primeiras instalações de indústrias e, em geral, os palacetes dos seus proprietários e a sua alegria decorativa, traduzida em cores, balaustradas e platibandas.





Câmara de Silves. Mercado de Tavira (foto de JMF).





OS ESPAÇOS RURAIS E URBANOS, AS ALDEIAS, OS MATERIAIS E A ARQUITECTURA VERNÁCULA

A arquitectura popular ou vernácua, elemento estruturante do território e da paisagem, tem no Algarve um precioso legado, original e distinto, que foi já estudado por vários autores. Destacamos aqui Ernesto Veiga de Oliveira, que com o arq. Fernando Galhano, elaborou o trabalho de teor etnográfico **“Zona Algarvia”, para a “Arte Popular em Portugal”** da Editorial Verbo (décadas depois inserida na *“Arquitectura Tradicional em Portugal”, Dom Quixote, 1992*), orientado sobretudo para a recolha nas áreas rurais do Algarve, com numerosos apontamentos desenhados, plantas funcionais das casas e perspectivas; e destacamos o texto de Orlando Ribeiro, **“Açoteias de Olhão e Telhados de Tavira/Influências Orientais na Arquitectura Urbana”** (*in “Geografia e Civilização”, 1961*), trabalho notável de visão global sobre a problemática da “viagem tipológica” das formas de habitat, através da diáspora islâmica (açoteias) e sobretudo, da portuguesa transcontinental (telhados de tesouro) e oceânica, com estudo de exemplos de casas urbanas em Luanda, Índia e outros locais da Expansão.

Mas a obra mais marcante – até pela sua dimensão colectiva, solidária e militante – produzida no século XX sobre a arquitectura popular, foi o chamado **“Inquérito”** à arquitectura regional, lançado por Keil do Amaral e vários outros arquitectos, e depois editado com a designação de **“Arquitectura Popular em Portugal”**, muito divulgada e que ainda em 2004 mereceu nova reedição. Trata-se de um trabalho de recolha de campo e de investigação, através do estudo em desenho e fotografia das tipologias da arquitectura vernácua e dos assentamentos colectivos, urbanos e rurais, que foi desenvolvida entre 1956 e 1961.

Ao lado, pormenor do Grés de **Silves**, no castelo.
Vista da paisagem da Serra, arredores de **Odeleite** (foto de JMF).



Editada em publicação profusamente ilustrada, constitui hoje, meio século depois, um repositório precioso de um país entretanto profundamente transformado, no qual as frágeis paisagens e construções então registadas praticamente desapareceram ou se alteraram na totalidade.

A área do Algarve foi naquele trabalho objecto de estudo na chamada “zona 6”, registada pelos arquitectos Artur Pires Martins, Celestino de Castro e Fernando Torres. O resultado, em síntese, foi um quadro tipológico de todo o conjunto regional algarvio, no qual é possível confirmar as principais técnicas de habitat e de organização espacial das casas algarvias, a sua adaptação aos aspectos geoclimáticos e à cultura histórica própria da região.

Começando por caracterizar e localizar as principais técnicas construtivas disponíveis e utilizadas, o inquérito sistematiza-as, na relação com as características geomorfológicas da terra. Dessa organização podemos retirar as principais matérias-primas destinadas para a construção das habitações rurais e urbanas.

O estudo refere assim, sucessivamente: os terrenos do Carbónico (**xistos argilosos**), dominantes em toda a faixa norte da região, e que caracterizam a “Serra”; os mezozóicos, em faixa intermédia, mais ou menos larga (com **aflo-ramentos calcários**, grés e margas), que dá consistência ao Barrocal; e, em faixa também longa, de Lagos para Levante, os cenozóicos e antropozóicos, organizando o Litoral.

Mais especificamente, há as 2 grandes exceções locais:

“De S. Bartolomeu de Messines até Silves, em terrenos Triássicos, encontra-se um arenito, o ‘grés de Silves’, rocha de cor avermelhada escura, que serviu para a edificação do Castelo e da Sé desta cidade (...) Adentro da área dos terrenos do carbónico, a uns vinte quilómetros a Norte de Portimão, destaca-se o lacolito de **Monchique, maciço eruptivo**, donde se extrai uma rocha designada por foiaíte (...).”

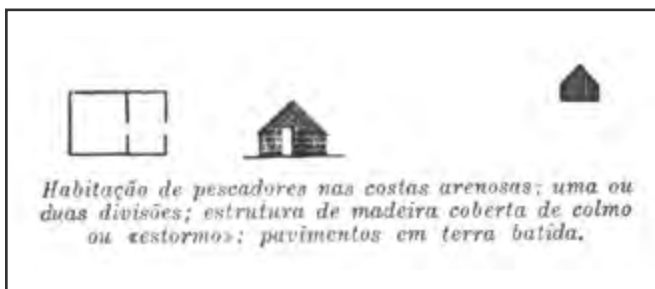
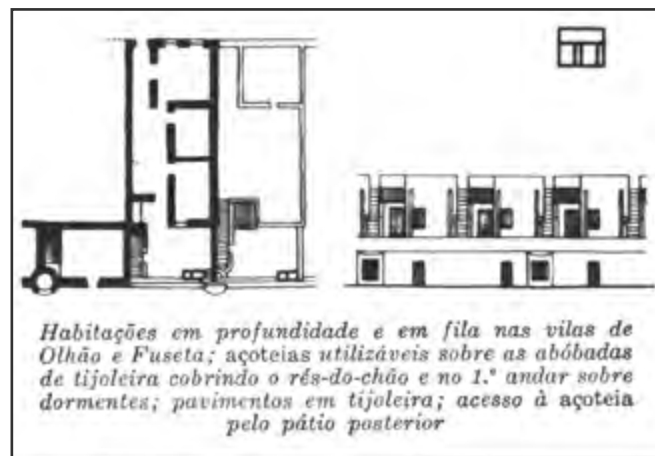
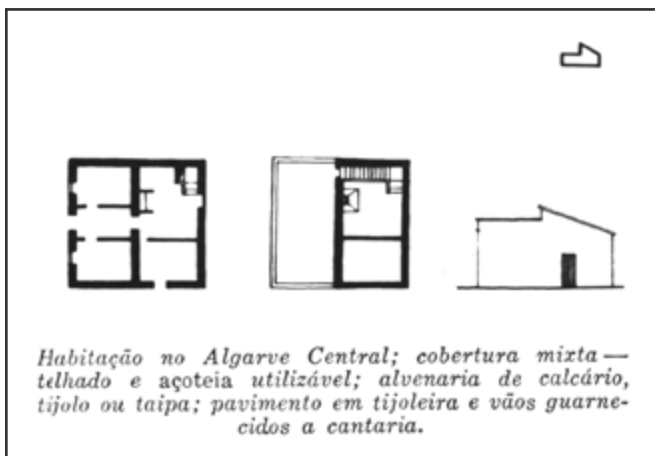
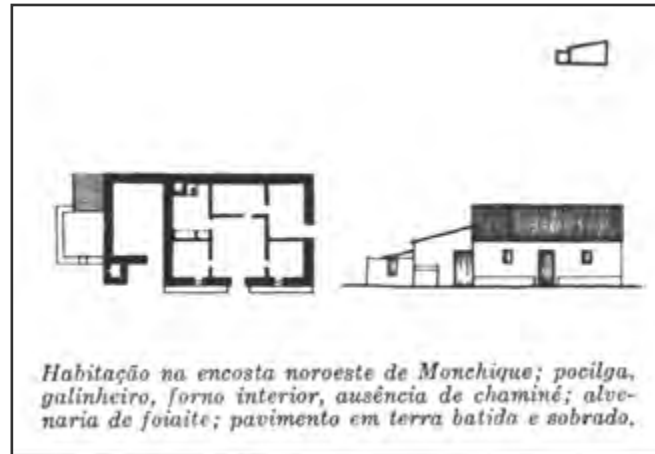
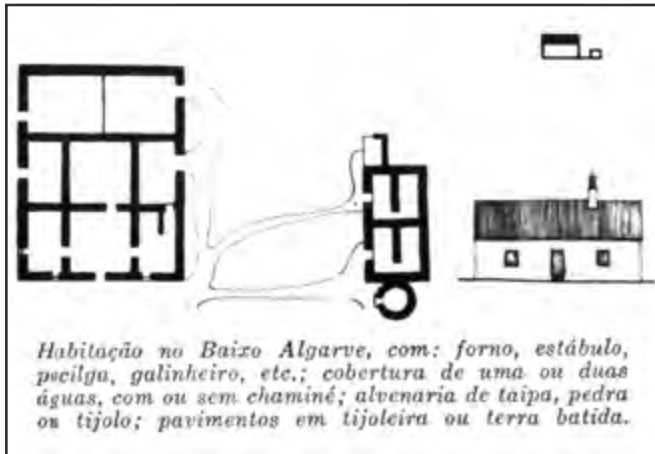
(Arquitectura Popular, 1961)

Tradicionalmente, portanto, a abundância de calcário e de argila tornou corrente a produção e o uso da cal e da cerâmica, largamente usados na construção; a utilização da taipa foi porém, mesmo nas áreas calcárias, o sistema construtivo dominante em todo o Algarve; para o calcário estava reservado um uso mais resistente (nas melhores alvenarias) e “nobre”, ou estético (como guarnecimento dos vãos).

As alvenarias “especiais”, tradicionalmente localizadas apenas nas áreas com essa matéria-prima, eram portanto as alvenarias de xisto (nas vastas zonas serranas do interior, continuamente de Odeceixe a Alcoutim); as alvenarias de calcário (a norte de Faro, de Alportel a Loulé); as alvenarias de grés de Silves (de Messines a Silves) e, finalmente, as alvenarias de foiaíte, em Monchique.

As subzonas algarvias com tipologias de casa diferenciadas, como é visível no “mapa tipológico” publicado na obra, e portanto referidas a meados do século XX, são as seguintes, relacionadas claramente com as condições geológicas, e sendo as duas primeiras espraçadas geograficamente, e as quatro últimas localizadas nas áreas identificadas:

- **Habituação do Baixo Algarve**, com (...) cobertura de uma ou duas águas, com ou sem chaminé; alvenaria de taipa, pedra ou tijolo; pavimentos em tijoleira ou terra batida;
- **Habituação no Algarve Central**: cobertura mista – telhado e açoteia utilizável; alvenaria de calcário, tijolo ou taipa; pavimento de tijoleira e vãos guarnecidos a cantaria;
- **Habituação na encosta noroeste de Monchique**: (...) alvenaria de foiaíte; pavimento em terra batida e sobrado;
- **Habituações em profundidade e em fila nas vilas de Olhão e Fuseta**: açoteias utilizáveis sobre as abóbadas de tijoleira cobrindo o rés-do-chão e no 1o. andar sobre dormentes; pavimentos em tijoleira; acesso à açoteia pelo pátio posterior;
- **Habituação de pescadores nas costas arenosas**: uma ou duas divisões; estrutura de madeira coberta de colmo ou ‘estormo’; pavimentos em terra batida;
- **Habituação junto do vale do Guadiana**: (...) alvenaria de xisto, cobertura em geral de uma só água; pavimentos em terra batida.” (in Arquitectura Popular, 1961)”.





Haveria aqui que adicionar ainda duas outras tipologias: a da **casa de planta cónica, alvenarias de pedra xistosa e cobertura de colmo**, para pastores (que ainda hoje se encontra em Martim Longo, ou Cachopo, por exemplo) a as **casas urbanas de plantas rectangulares e de “telhados múltiplos”/“telhados de Tesoura”**, de Lagos, Faro e Tavira e respectivas áreas de influência.

O tema dos Telhados “de Tesoura”, “de Tesouro”, ou “telhados múltiplos” (em que a cada cobertura-torreão de 4 águas, muito inclinadas, em forma piramidal, corresponde um compartimento da casa), encontra-se numa grande variedade de tipos de habitação, erudita e popular. Assim, encontramos casos notáveis desde o da casa urbana senhorial (caso do Paço Episcopal de Faro dos séculos XVI-XVIII) ao do solar rural (caso da Horta do Ourives, com curiosa capela anexa, octogonal e com cúpula, de 1740), até às mais singelas casas urbanas correntes, de 4, 3 e 2 telhados piramidais.

Podem referir-se alguns exemplos destas últimas tipologias, mais simples e vernáculas, nomeadamente na área central de Faro:

- a chamada **Casa dos Telhados de Tesouro**, na confluência das ruas Veríssimo de Almeida, Manuel Belmarço e Alexandre Herculano (casas térreas, com um corpo de dois pisos, apresentando 3 telhados, do séc. XVII);
- a **Casa do Gaveto**, na esquina das ruas Vasco da Gama e Batista Lopes, de dois pisos, com três telhados em linha, dos séc. XVII-XVIII;
- e a chamada **Casa da Padaria**, na rua da Cruz das Mestras com o largo de S. Pedro, da família Sande Lemos, inicialmente do século XVIII, depois alterada, com dois telhados de tesouro.

Santa Luzia (Tavira), casa popular com telhados de tesoura.
Paço Episcopal de Faro, telhados múltiplos.



Tavira, telhados de tesoura, junto ao rio (foto JMF). Tavira, porta com reixa de madeira. Platibanda em casa de Castro Marim.



Igualmente, no centro de Tavira, por muitos considerada a “pátria” deste sistema de cobertura, podemos referir uma série exemplificativa de edifícios, desde os térreos aos solares com dois pisos:

- o **Conjunto de edifícios com telhados múltiplos ao longo da margem nascente**, visíveis da esplanada em frente ao jardim do antigo mercado;
- o **Conjunto de edifícios térreos com telhado de tesoura**, na rua Cândido dos Reis n.º 219-223, possivelmente dos sécs. XVIII ou XIX, e os **dois edifícios térreos com telhado de tesoura**, contíguos, n.º 215-217, talvez do séc. XIX;
- o **Edifício brasonado** no Largo da Corredoura/r. D. Marcelino Franco (com elemento decorativo “em suástica” no brasão), seiscentista;
- o **Edifício com telhados múltiplos e óculo**, fronteiro ao anterior, na rua D. Marcelino Franco n.º 23-25, possivelmente setecentista;
- finalmente, o **Edifício Setecentista** na rua da Liberdade n.º 27-35, do séc. XVIII.

Será ainda de referir – e já que se exemplificou com Tavira – os vestígios de uma antiga maneira de revestir os vãos das casas urbanas, as portadas com reixas (uma malha de ripas de madeira cruzadas, formando uma retícula densa mas translúcida), que se vai encontrando vada vez mais raramente. O exemplo que citamos situa-se na área central da cidade, na rua Guilherme Gomes da Silva n.º 60.

Para além dos dados do Inquérito à Arquitectura Popular, atrás referidos, destacam-se nas páginas do livro respectivo as notáveis fotografias e apontamentos gráficos, que valorizam e documentam a profundamente enraizada tradição do detalhe minucioso e a sensibilidade decorativa das comunidades populares

algarvias, com destaque para o tratamento do **balcão (ou 'pátio', fronteiro às casas), da chaminé e das platibandas.**

Como, uma vez mais, apontou Horta Correia, seria ainda importante relacionar as tipologias da casa popular algarvia, e os seus métodos construtivos, com a casa tradicional de raiz erudita, que igualmente apresenta assinaláveis exemplos na região, seja sob a forma das quintas de lazer rurais, seja na de solares urbanos ou edificações em pequenos povoados (como o investigador João Vieira Caldas fez para a habitação setecentista nos arredores de Lisboa):

“O ‘monte’ algarvio caracteriza-se pela articulação de vários elementos (casa do proprietário, casa do caseiro, instalações agrícolas e pecuárias) que se fundem num conjunto unitário, constituindo, com a paisagem envolvente, um universo arquitectónico, económica e ecologicamente coerente. (...) À medida que se caminha para o século XVIII multiplica-se uma nova tipologia, a **quinta de recreio**, sobretudo à volta de Faro (Horta dos Macacos, Quinta do Rio Seco, etc.), de Tavira (Quinta do Ribeirinho, Quinta de Sto. António), sendo ainda de especial interesse a **casa nobre suburbana de Loulé**, que embora constituindo quintas de produção e lazer formam verdadeiras frentes urbanas como o solar dos Mendonças (...) e o dos Gama Lobo (...).”

(Correia, 1987)

Uma vez mais, os aspectos de continuidade entre obras eruditas e vernáculas pode estabelecer-se, neste caso em relação aos elementos decorativos das fachadas. Efectivamente, se encontramos elementos relevados, profusos e coloridos, nas platibandas, fachadas e chaminés das casas mais simples, igualmente se deve referir o caso – possível antecedente – dos elementos decorativos de grande dimensão e temática antrope e zoomórfica, que resultaram das obras de iniciativa do Capitão-Mor do Algarve e Desembargador Veríssimo de Mendonça Manuel, nos meados do século XVIII, em várias edificações de Faro:

- a “Casa das Figuras”, junto ao solar da Horta do Ourives, com fantásticas figuras relevadas, quais dragões e monstros (note-se que o interior da capela octogonal do solar, de 1740, também apresenta grandes relevos em massa);
- a Casa de Fresco, conhecida como “Celeiro de São Francisco”, corpo octogonal com majestosos relevos representando o Adamastor e Hércules;
- e ainda a “Casa do Capitão-Mor”, na Vila Adentro da cidade, de 1751, com varanda de sacada moldurada com relevos.



Estas decorações, imbuídas por vezes de simbologias de temas mitológicos ao gosto da época, não podem deixar de nos recordar, pela grande dimensão e ao mesmo tempo pela clara expressão gráfica, de cariz ingénuo ou popular, os dois “gigantes guerreiros” em relevo, que guardam a entrada da fortaleza de São Jerónimo (Damão, Índia Portuguesa), num portal seiscentista ou setecentista de forte efeito cénico.

Embora muito deste legado se tenha perdido, quer pela expansão suburbana, quer pelo incremento do turismo rural, há hoje uma consciência dos valores ambientais e estéticos próprios das pequenas comunidades rurais e da sua arquitectura vernácula, que permite o incremento de programas integrados de reabilitação e recuperação. Tal é o caso do “**Plano Estratégico para as Áreas de Baixa Densidade do Algarve**”, lançado em 2002 pela CCRA, e actualmente (2004-2006) em pleno desenvolvimento. O programa seleccionou várias das aldeias serranas, do Barrocal e litorais e, dentro delas, vários lugares, espaços e edifícios mais valiosos e carentes, para encetar intervenções de valorização:

- em Cacela, a Reconversão da **Escola Primária de Santa Rita** em Centro de Investigação e Informação (GTAA Sotavento);
- em Budens, o **Centro Social** (GAT Faro);
- no **Cachopo**, as **construções de planta circular** (os chamados Palheiros), para recuperação (GTAA), em articulação com o núcleo museológico, instalado na antiga Casa dos Cantoneiros (uma tipologia dos anos 1930, em gosto “Tradicional Português”, com frontão, beiral e painéis de azulejos, que exemplifica as que ainda se encontram por todo o país);
- o **Bioparque das Caldas de Monchique**, com casas-retiro, restaurante e centro de informação (proj. António Marques);
- em São Marcos da Serra, o **Edifício do Lagar**, remodelação, com projecto pelo GTAA de Barlavento;
- em Querença, requalificação do espaço público da praça central da aldeia;
- em Estói, o **Cine Teatro Ossonoba**, dos anos 1940-50, obra modesta desta época, para recuperação e reconversão (proj. GTAA);
- a **Antiga Casa de Lavrador/Núcleo Museológico de Odeleite** (proj. João Moitinho);
- em Vaqueiros, a **Igreja matriz**, com recuperação da envolvente do largo da igreja (proj. DGEMN e GTAA);
- e, em Paderne, o **Museu do Barrocal**, com recuperação do edifício para tal escolhido.



CAPÍTULO II

DO SÉCULO XX À ACTUALIDADE: DA ARTE NOVA, DO MODERNISMO, DA ARQUITECTURA MODERNA E DO TURISMO À REABILITAÇÃO URBANA E AO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO, COM AS INTERVENÇÕES MAIS RECENTES

O PRINCÍPIO DO SÉCULO XX NA ARQUITECTURA ALGARVIA: AS NOVAS TIPOLOGIAS E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO URBANO

Com o dealbar de 1900, a arquitectura algarvia, acompanhando o que sucedeu pelo país fora, acentuou a tendência para a construção de obras ecléticas, em que a dispersão por vários estilos e/ou a sua sugestão no mesmo edifício se tornou uma “moda”. A imagem que nos fica em muitas edificações burguesas deste tempo pode traduzir-se pela expressão popular de “bolo de noiva”: um sem fim de acumulações decorativas, um excesso de formas complicadas e pretenciosas, uma arquitectura sobrecarregada e “pesada”. Este exagero arquitectónico-decorativo pode articular-se com o conceito de tardo-romantismo, ou fase romântica tardia.

Mais uma vez o Algarve se interessou por esta tendência, que vinha sem dúvida ao encontro do gosto regional pelo precioso e pelo miniatral e detalhado. Ao mesmo tempo, pode referir-se nesta época um processo de divulgação – e neste sentido, de “democratização” – das formas românticas da fase anterior, que muito se popularizaram então, até nas mais simples casas térreas, onde é frequente encontrar a platibanda fantasista e hiper-decorada (largo da Igreja, na Luz de Tavira), ou no mirante “achalezado”, superior à cobertura telhada (Tavira, rua central).

Depois dos anos 1910 e do advento da I República, surgiram igualmente alguns motivos dentro da chamada Arte Nova (influenciada pelo movimento da “Art Nouveau” franco-belga), com um formulário pela primeira vez liberto de constrangimentos imitativos do exótico ou do passado – e que em Portugal se caracterizou por soluções sobretudo decorativas (motivos vegetalistas e formas curvilíneas) – já que a estrutura das edificações permaneceu ainda a tradicional, como iria ser até ao advento do betão armado (só já na década de 1930).

Motivos florais, tratados com policromia, frequentemente expostos em frisos de azulejos encimando ou coroando as fachadas de prédios de habitação, constituem assim os casos mais frequentes. Mas deve destacar-se o caso, isolado embora, da **habitação na rua central da Fuseta**, perto de Olhão – onde a fachada é totalmente ocupada por uma temática dentro da Arte Nova, com profunda originalidade regional.

O edifício, com dois pisos, tem a fachada integralmente revestida com azulejos e frisos de inspiração curvilínea. Ladeando uma “bow-window” saliente sobre a entrada central, apresentam-se duas janelas de cada lado, molduradas por sua vez por 2 ovais, as quais enquadram os pequenos vãos, tripartidos por pequenas colunas. Desconhece-se a sua data de construção.



Outros exemplos de elementos de gosto Arte Nova podem ser mencionados, embora de forma muito pontual, na região. São exemplos:

- em Loulé, uma fachada habitacional na avenida Marçal Pacheco n.º 11/13;
- em Silves, uma marquise encimando um predio residencial, na r. 5 de Outubro.

No geral as três primeiras décadas do século XX correspondem na arquitectura algarvia ao resultado da iniciativa dos mesmos grupos sociais da fase tardo-oitocentista: comerciantes e industriais, burgueses endinheirados. Quanto aos equipamentos públicos, os municípios continuaram – e acentuaram – a tarefa de modernização dos seus espaços urbanos.

Refiram-se aqui vários tipos de edifícios públicos:

- os infra-estruturais, como as centrais de produção de energia, caso da **Central Eléctrica de Albufeira**, no largo Duarte Pacheco (com azulejos, com “lettering” de reminiscência Arte Nova), de 1926, as **estações ferroviárias**, como a de Lagos, de 1924, os **depósitos de água** (de Lagoa, actual Arquivo Municipal), ou os faróis (**Farol do Cabo de Santa Maria**, ilha da Culatra, em 1851 e 1923);
- os **mercados** (o de **Olhão**, em tijolo aparente e estrutura metálica, com torreões cilíndricos e cúpulas, recentemente recuperado por Luís Bruno Soares, nos anos 1990; o de **Loulé**, com coberturas bolbosas, de gosto neo-árabe, de 1904-7, pelo arq. Mota Gomes; e o de **Lagos**, datado de 1924, e também recuperado recentemente);
- os **matadouros**, dentro no mesmo tipo atrás referido, como o de Silves, de 1914 (em 2005 em adaptação a Centro de Estudos Luso-Árabes);





- os edifícios assistenciais (o antigo **Dispensário Anti-tuberculoso**, frente ao teatro Lethes em Faro, “gracioso edifício”, por Raul Lino, no dizer de Raul Proença, no “Guia de Portugal”);
- os hotéis (como o gracioso “**Grande Hotel Guadiana**”, numa esquina da malha geométrica de Vila Real de S. António, abrindo sobre a Marginal – obra característica de Korrodi, de 1918, uma elegante e profusa transição decorativa entre a Arte Nova e a composição clássica);
- os bancos (de **Portugal**, em **Faro**, na praça Francisco Gomes, com motivos arabizantes e manuelinos, datado de 1926, pelo arquitecto Adães Bermudes);
- e os cafés (o “**Aliança**”, de 1908 ou 1930, em Faro, nas ruas Marinha/ Francisco Gomes, possivelmente projecto de Norte Júnior, e o “Café Calcinha”, em Loulé, na praça da República n.º 67, de cerca de 1908).

Por certo mais tardio (dos anos 1930?), refira-se o “**Cine-Teatro Louletano**”, do arq. J. Batista Mendes, com desenho classicizante, de ampla sacada com varanda de pedra “fazendo” a esquina (av. José da Costa Mealha n.º 20-26).

Diversas habitações privadas podem exemplificar o atrás dito, sobre a atitude eclética, na sua arquitectura:

- o “**palacete Belmarço**” (nome do comerciante seu proprietário, nas ruas de S. Francisco/José Maria Brandeiro, em Faro), pelo arquitecto lisboeta Joaquim Norte Júnior, de 1912 ou 17, obra densa e profusa de decoração (com azulejos assinados por Pinto), a recordar o seu projecto de palacete, Prémio Valmor de 1914, na Avenida Fontes Pereira de Melo, em Lisboa;



- a “Vila de Nossa Senhora das Dores”, construída por António Magalhães Barros em 1916 (depois o “Hotel Bela Vista”), na Praia da Rocha – apresentando um torreão-mirante, vitrais “góticos”, escadarias interiores em madeira exótica, com azulejaria de temática manuelina;
- a casa do poeta João Lúcio, obra interrompida com a sua morte em 1918, sita na quinta de Marim, em Olhão, edifício de original composição plástica, com expressão oitocentista na larga platibanda balaustrada, e evocações neo-mouriscas nos vãos térreos e na arcaria do átrio;
- a “Casa dos Azulejos”, pelo comerciante Miguel Pipé Amor, projecto do engenheiro Jorge Barros, de 1926 (rua S. Pedro, em Faro);
- a “Vivenda Marília”, pelo advogado Rita da Palma, de 1930, resultante do projecto do desenhador Jaime Ruivo, da intervenção dos clientes, do empreiteiro Guilherme e do estucador minhoto Vieites (nas ruas Justino Cúmano/Almeida Garrett e Francisco Horta, em Faro);
- o “palacete Guerreirinho”, iniciativa de Francisco Guerreiro Pereira Júnior, obra tardia, de 1936, por Norte Júnior (ruas Ventura Coelho e Infante D. Henrique, em Faro);
- e o “Palácio Fialho”, de 1915-25, ou 1945, iniciativa do industrial João António Júdice Fialho, desenhado pelo arquitecto Norte Júnior em “estilo francês revivalista”, junto à ermida de S. António do Alto, em Faro.

Como exemplos de uma arquitectura residencial ainda imbuída do modelo do “chalet” euro-central, mas de execução tardia, podem citar-se estes edifícios:

- o “**chalet**” construído pelo industrial **Gregório Mascarenhas** em 1909, em Armação de Pêra (com torreões e palmeiras), junto ao mar;
- a “**Vivenda Victória**”, obra de um industrial conserveiro de Olhão, com a típica fachada “achalezada”, de duas águas sanqueadas, salientes, com alpendre e torre de coruchéus piramidais, revestida esta com escamado (imitação de lousa); apresenta ainda alguns vãos ogivais geminados e frisados de azulejos Arte Nova (o que deve datá-la do 1.º quartel do século XX), e está hoje muito arruinada;
- e ainda o “**chalet**” da família **Saias**, torreado, igualmente em Olhão.

Refiram-se a terminar esta breve lista, em **Silves**, o **Palacete da Família Grade** na rua João de Deus c/ rua Alexandre Herculano (que foi edificado por Francisco Grade, em 1907, para o rei D. Carlos ali veranejar) e, em Tavira, o elegante **Edifício-chalet** na margem nascente, com frontão em madeira.

No gosto do chamado “Estilo Tradicional Português”, muito corrente no país nas décadas de 1920-30, que exhibe construções com pequenos frontões de beiral, fachadas azulejadas e de preciosa decoração, podem referir-se dois exemplos:

- a **moradia em Monte Gordo, frente à av. Marginal n.º 12**;
- a “**Casa de Cantoneiros**”, edifício-tipo, térreo, que surge repetidamente em muitas das estradas regionais, e de que é exemplo concreto o actual núcleo museológico do Cachopo.

Do ponto de vista urbanístico, há que referir o lançamento de algumas expansões urbanas, modestas embora, nas primeiras décadas do século XX, nalgumas cidades e vilas algarvias. O caso mais significativo, que utiliza uma simples e pragmática malha reticulada de arruamentos paralelos e perpendiculares, surgiu em Faro, na ocupação urbana da antiga Cerca de São Francisco. Trata-se da “**Urbanização das Hortas**”, área a norte do convento franciscano, que foi preenchida por casinhas de “porão alto”, encostadas lote a lote, quase sempre com uma arquitectura imbuída do gosto das décadas de 1920-30 – entre um ecletismo tardio e profusamente decorativo e a emergência de desenhos Art Deco e modernistas, mais geométricos e abstratos.

Há que referir, para finalizar esta resenha, um tema que, para algumas cidades e vilas algarvias, representou uma assinalável expansão construtiva, ao longo do 1.º quartel do século XX, a par do que sucedia então em Setúbal ou Matosinhos: o incremento da produção de conservas de peixe, e outras indústrias, sobretudo nos anos de 1910-20, em Portimão e Olhão – em relação muito estreita com a I Guerra Mundial, que aumentou o consumo dos alimentos enlatados.

De facto, no conjunto da Indústria Conserveira, Olhão é então um dos núcleos mais importantes, a seguir a Matosinhos e Setúbal, com 34 fábricas em 1934; note-se que em Portugal as conservas representavam em 1930 nada menos do que 21% do total das exportações (e 14% das mundiais), correspondendo a cerca de 200 fábricas. A qualidade arquitectónica, porém, não foi em geral especialmente relevante neste domínio dos armazéns e pavilhões industriais.



Olhão, "Chalet Saias"



C. LUSITANIA
L. RAU





O MODERNISMO DOS ANOS 1930

Com a estabilidade política do Estado Novo, a década de 1930 instaura em Portugal uma inovadora arquitectura, que utiliza crescentemente o betão armado, e procura exhibir as correspondentes volumetrias que esta tecnologia sugere, lisas, geométricas e abstractas, embora com a permanência de um decorativismo de superfície (o Art Deco), e algum tradicionalismo estrutural (que as formas depuradas escondem).

Depois dos episódios da Arte Nova, o Eclétismo historicista vai sendo abandonado, em opção por esta arquitectura modernista. Como noutros períodos históricos, o Algarve também exhibirá alguns exemplos interessantes, que a seguir se enumeram.

No Algarve podemos falar de um Modernismo “efémero e garrido”: é patente nas habitações urbanas a habitual preferência pelo uso da cor e dos elementos decorativos, nomeadamente nas fachadas, que prolonga no fundo a tradição anterior, do século XIX e da Arte Nova. Por outro lado, os primeiros focos do turismo balnear, em crescimento desde 1900, localizam estas manifestações modernistas sobretudo em Monte Gordo e na Praia da Rocha – em paralelo com a ocorrência de uma arquitectura de “pequena residência” em Faro, e ainda o surgir do “prédio de vila”, modesto mas expressivamente conotado com o Art Deco, em várias pequenas localidades.

Um levantamento a nível nacional, realizado pelo autor do texto, sobre a arquitectura Modernista-Art Deco (realizado em 1979-81, com cerca de 75 exemplos recolhidos na região algarvia), permite ainda hoje ter uma ideia geral dos principais temas e programas edificados na década de 1930.

Ao lado, chafariz em Estoí, azulejaria. Albufeira, moradia.

Mencione-se em primeiro lugar a habitação, com exemplos desde os mais modestos, como em Castro Marim (**edifício com dois pisos** – levant. JMF n.º 736) e na Quarteira (**Vivenda Maria Albertina**, na av. Marginal – levant. JMF n.º 793), passando pela **casinha de sóbrio recorte “cubista”**, com açoteia, em Albufeira (rua 1.º de Dezembro n.º 24), até às **moradias em Faro**, com materiais mais ricos e desenho mais imaginativo (moradia na esquina r. João de Deus/r. Justino Cúmano – levant. JMF n.º 772; moradia na r. Justino Cúmano, com faixa de cerâmica vidrada – levant. JMF n.º 773; moradia perto do Mercado, com expressiva laje de betão – levant. JMF n.º 774; e moradia na estrada de N. S^{ra} da Saúde, com volumes prismáticos – levant. JMF n.º 779).

No campo da habitação, destaquemos ainda três ou quatro exemplos:

- em Portimão, o **prédio** da praça da República n.º 18 (com comércio e habitação, de imaginosa volumetria saliente, a recordar obras de Cassiano Branco);
- em Loulé, o **prédio do “Ateneu”**, situado na rotunda do Largo Gago Coutinho, com uma elaborada “teoria de cornijas e cimalthas” de inspiração Art Deco;
- na Praia da Rocha, a **moradia “Mirante”**, obra do talentoso arquitecto António Varela (depois ampliada com um 2.º piso pelo autor), que ainda sobrevive;
- e, em Monte Gordo, a **moradia** com frente para a rua Dinis Fernandes (levant. JMF n.º 745) e a **moradia** com volume cilíndrico, na av. Marginal (levant. JMF n.º 746).

Portimão, prédio modernista.



Faro, posto de informação para jovens.
(antigo posto da Polícia de Viação e Trânsito)



Os equipamentos, públicos e privados, podem agrupar-se em várias tipologias funcionais, como as de mobiliário urbano (em Portimão, o **quiosque modernista**, na praça Visconde de Bívar – lev. JMF n.º 795) e de espectáculos (em Faro, a **esplanada do São Luís Parque**; em Portimão, o **Cine-Teatro**, ou **Cine Parque**, no largo do Dique, de desenho relacionado com o projecto para um “Titânia Cine”, do arq. Tabela de Sousa – lev. JMF n.º 796; e o **Café-Cine**, também no largo do Dique, ao lado do cine-teatro – lev. JMF n.º 797; em Olhão, o **Cinema – Teatro** – levant. JMF n.º 753).

Outros equipamentos referiam-se ainda a serviços públicos: em Loulé, os **Bombeiros**, na av. José da Costa Mealha n.100 (lev. JMF n.º 785); na Quarteira, o **Posto da Guarda Fiscal** (lev. JMF n.º 790); ou, em Faro, o antigo edifício-tipo, singular pela função, do **Posto da Polícia de Viação e Trânsito (P.V.T.)**, de reconhecível corpo cilíndrico e dinâmica laje horizontal saliente, hoje reconvertido em “Posto de Informação da Juventude” (largo Manuel Teixeira Guedes). Mencione-se ainda os **Correios**, na rua da Liberdade, em Tavira.

Dada a importância do surto industrial e conserveiro, nas áreas portuárias, é natural que em Olhão e Portimão encontremos obras ligadas a essas actividades. Mencionemos, em Olhão, a **Fábrica Guerreiros**, na estrada Tavira/Olhão (levant. JMF n.º 750), e o **Sindicato da Indústria Conserveira** com uma gráfica Cruz de Cristo desenhada na fachada (levant. JMF n.º 760).

Na relação com a faina piscícola, e também em Olhão, mais exactamente na Fusetta, encontramos o original “Bairro dos Pescadores” (levant. JMF n.º 767), uma obra das mais antigas e iniciais de Carlos Ramos, também conhecida como o **Bairro Económico de Olhão** (ou Bairro Operário), obra municipal, por Carlos Ramos, de 1925-29. Trata-se de um exemplo que cruza com eficácia a volumetria tradicional da “casa de açoteia” com os desígnios “cubistas” que o modernismo procurava afirmar na época – e das poucas (com a creche de Olhão por Manuel Laginha, de 1950 e a pousada de Monchique por J. Veloso) que os estudos recentes sobre história da arquitectura do séc. XX em Portugal referem no Algarve.

Em Portimão, e ainda em relação às actividades do mar e da indústria, mencionemos a **Capitania**, no largo do Dique, de elegante desenho e volumetria modernista, mas já com temas neo-tradicionais, renunciando a fase dos anos 1940 (lev. JMF n.º 798), a **Central Frigorífica** (lev. JMF n.º 803) e a **Sede do Sindicato dos Pescadores** (de notável qualidade conceptual), ambas estas construções na zona fabril da povoação, então ainda vila (lev. JMF n.º 805).

O turismo continuou a afirmar-se gradual e timidamente nesta década, sobretudo nas áreas a ele ligadas tradicionalmente: na Praia da Rocha, refira-se o **Antigo Casino** (em ruínas, já em 1980) (lev. JMF n.º 808), o **Grande Hotel**, de típica fachada Art Deco, apilastrada e com frontão recto (demolido); e, em Silves, o **Edifício do Turismo**, na rua Bernardo Marques (lev. JMF n.º 809).

Em Monte Gordo erigiu-se nos primeiros anos da década uma obra importante no quadro da afirmação da arquitectura do betão armado, com uma pala envolvente, virada a sul, de vários metros em consola; o **Casino**, pelo arq. Luís Cristino da Silva, de 1933. Este autor (que projectara em 1925-31 o inovador



“Capitólio”, em Lisboa) ainda valorava, em entrevista à revista *Arquitectura*, e muitos anos depois, esta façanha construtiva. Infelizmente, o edifício que chegou até hoje foi descaracterizado por sucessivas alterações e ampliações. Também o chamado “turismo de estrada” começa a desenvolver-se na década de 1930, mercê da divulgação do automóvel e da melhoria das estradas de que o Estado Novo fazia bandeira. A “**Fonte da Amoreira**”, de 1934, iniciativa da J.A.E., em plena serra de Monchique, que numa curva da estrada reserva um espaço para merendas, inclui uma singela mas graciosa e original série de azulejaria figurativa Art Deco (da fábrica Lusitânia de Coimbra e Lisboa), com representação de meios de transporte e da faina rural. Os mesmos temas surgem igualmente, em arranjo mais modesto, no **chafariz das Obras Públicas sito no largo do Coiro da Burra, (Estoi)**, em singelos frisos azulejares (s/ data). No capítulo dos monumentos, pode referir-se uma peça dentro do gosto Art Deco, em Tavira, na Praça da República, tal como se erigiu em várias outras povoações nacionais (Oeiras, Ponta Delgada, etc.), dedicado ao tema militar: trata-se do **Monumento aos Mortos da Grande Guerra**, obra de 1932. Mas o grande tema neste campo respeita a uma obra que, polémica, nunca foi construída, embora tenha dado ensejo à participação dos mais destacados arquitectos e escultores portugueses desta época. Falamos dos **Concursos para o Monumento aos Descobrimientos em Sagres** (uma antiga ideia de Sá da Bandeira, de 1840, e retomada por Augusto Santo, em 1900): embora com resultados qualificados e positivos, em ambas as iniciativas realizadas nos anos 1930, diz-se que Salazar nunca os terá aceite, acabando ambos por ser anulados. Registem-se de qualquer modo as obras premiadas, que mereceram destaque nas revistas de arquitectura dos anos 1930:

Olhão, Bairro da Fuseta, por Carlos Ramos (foto Mário Novais).
Monchique, “Fonte da Amoreira”.



No 2.º concurso, em 1936-38, o 1.º prémio coube a Carlos Ramos com Leopoldo de Almeida e Almada Negreiros (imaginando uma vela enfunada com mastro-padrão vertical), o 2.º prémio foi para Vasco de Lacerda Marques com Leopoldo de Almeida, o 3.º prémio para António Lino com Leopoldo de Almeida, o 4.º prémio para Rebelo de Andrade (com a insistência no mesmo projecto de 1933-35), o 5.º lugar para Raul Lino (com uma obra de concepção “heterodoxa”, mas curiosa, em relação às restantes).

Finalmente, no 3.º concurso, organizado em 1954-57, o 1.º prémio foi atribuído a João Andresen com Barata Feyo, o 2.º prémio a Filipe Figueiredo com António Duarte, o 3.º prémio foi para Veloso Reis Camelo com Leopoldo de Almeida, o 4.º prémio para Rebelo de Andrade com Ruy Gameiro, e o 5.º prémio para Casiano Branco com António dos Santos.



UMA VIDA
CONSAGRADA





O NEO-TRADICIONALISMO NA ARQUITECTURA, OU O “PORTUGUÊS SUAVE”

Nas décadas de 1940 e 1950, a chamada “Arquitectura do Estado Novo”, resultado da gradual assunção ideológica reaccionária do regime político de então em relação às artes visuais (e da sua sobrevivência ao fim da II Guerra Mundial, ao contrário do que sucedeu na restante Europa), imperou um pouco por todo o país.

Deve salientar-se a intervenção do estado na estruturação urbana (já se referiu, no tema das cidades algarvias, a importância dos Planos de Urbanização nesta fase), na edificação de novos equipamentos e dos bairros sociais.

Em trabalhos anteriores, já pudemos salientar a qualidade e o interesse construtivo e urbanístico desta arquitectura – apesar da sua patente linguagem retrógrada em termos de modernidade.

O Algarve não foi excepção a esta regra, havendo a considerar a afirmação de um autor importante, na cidade capital: Jorge de Oliveira em Faro. De facto este autor dedicou-se a construir, através de parcelas de desenho urbano, de equipamentos de primeira importância, como por via de pequenas obras, uma “imagem global” de Faro que ainda hoje é patente na área dos seus “bairros novos” (como aliás sucedeu um pouco em Castelo Branco, ou no Funchal, com outros autores, na mesma época).

De **Jorge de Oliveira**, em Faro, podemos assim salientar, sem ser exaustivos, esta série de obras mais ou menos marcantes:

- a “**Casa do Poeta**”, na rua General Humberto Delgado, n.º 59, de 1944, graciosa “Casa Portuguesa” de cuidado desenho, que recuperou materiais da antiga casa do dr. Cândido Guerreiro, entretanto sacrificada à nova urbanização da área;
- o Antigo **Mercado Municipal de Faro**, no largo do Mercado, a poente da rua Gen. Humberto Delgado, imponente construção, claramente definidora de um lugar urbano (lev. JMF n.º 776), que em 2005 sofreu obras de refuncionalização e alteração;
- o **Centro de Saúde**, no largo do Carmo, junto aos correios velhos;
- a **participação no Conjunto urbano, bem característico do Estado Novo**, da rua General Humberto Delgado/praça Humberto Delgado/praça Coronel Pires Viegas/largo do Infante (incluindo moradias, o Liceu e prédios, seg. plano de João Aguiar), entre 1945 e 1960; é especialmente curiosa, neste conjunto, a praça Humberto Delgado, onde dois torreões ou coruchéus telhados, piramidais, marcam os remates, seguidos de uma série de casas em gosto tradicionalista – mas inesperadamente interrompidos, nos dois chanfros internos, por fachadas modernas de “varandas em caixa”, próprias de uma estética inovadora de cariz totalmente oposto à dos restante conjunto;

- o edifício do **Montepio Geral**, na rua do Alportel, n.º 20 e 22, de 1950;
- o **Edifício da Polícia de Segurança Pública**, na rua da P.S.P., de 1957 (recebeu obras de recuperação pela DGEMN em 2002);
- o **Edifício da Junta Distrital de Faro/Assembleia Distrital/Museu Regional e actual CCDRA** (de gosto neo-clássico), na Praça da Liberdade, n.º 2 e 4, obra já tardia, de 1959.

Faro, moradia.

Mas em Faro não foi apenas a obra de Oliveira que imperou; vários outros edifícios atestam a importância que a arquitectura neo-tradicional assumiu na capital algarvia:

- o **Bairro dos Centenários**, para habitação económica, em 1940;
- a **Caixa Geral de Depósitos**, na praça D. Francisco Gomes, por Veloso Reis Camelo;
- o **revivalista Palácio Fialho**, à Ermida de S. António do Alto (construído pelo industrial João António Júdice Fialho, com projecto do arq. Norte Júnior, em “clássico francês”, 1945, inaug.1955, é hoje o sede do sector administrativo do colégio de N. S. do Alto, com anexo de aulas projecto de Gomes da Costa, de 1960-61);
- o **Liceu Nacional de Faro** (actual Escola Secundária João de Deus), no largo do Infante, de 1948, por José Costa e Silva, que de modo poderoso, com frontão central neo-barroco, remata a vasta alameda que sobe desde o centro histórico da cidade (av. 5 de Outubro, hoje muito “desdentada” e descaracterizada por prédios altos, implantados de forma selvagem entre, ou em substituição, das moradias existentes);
- o **Tribunal de Faro**, na av. 5 de Outubro, obra muito tardia, em 1964, por Rodrigues Lima.



Lagos, Edifício do Turismo. Lagos, antigo “Cinema Império”.

Como exemplo mais discreto, mas de grande coerência e riqueza decorativa, pode ainda mencionar-se, em Faro, a moradia, de uma estética dentro da “Casa Portuguesa”, na rua Ataíde de Oliveira n.º 106, com alpendre de arco cerâmico verde, chaminé tradicional e amplas coberturas telhadas.

Um pouco por toda a região algarvia, podemos identificar as marcas deste tipo de arquitectura, a qual, não excluindo a utilização parcial do moderno betão armado, preferia como opção estética a exibição de formalismos neo-regionais, ou neo-monumental-clássicos, com resultados desiguais.

Em Albufeira, refiram-se: o antigo **Cine-Teatro**, av. 25 de Abril (com profusos ferros forjados, e reixas na fachada); o **Posto de Turismo**, na rua 5 de Outubro; e, a par de outras obras na Foz do Arelho ou na Costa da Caparica, a **Colónia de Férias da F.N.A.T.** (atribuída ao arq. Miguel Jacobetty).

Numa rápida “viagem” pela região, podemos mencionar várias outras obras dentro do mesmo gosto passadista, quase sempre eficaz e qualificadamente construídas – é preciso compreender que o país podia ainda, para estas obras, recorrer à sabedoria dos artífices e das empresas tradicionais da construção civil.





Loulé, Caixa Geral de Depósitos. Tavira, antigo "Arraial Ferreira Neto", recuperado para hotel. Santa Luzia, Tavira, Bairro de Pescadores. Capitania de Vila Real de Santo António.

Em Lagos, encontramos os seguintes exemplos:

- o edifício do **Posto de Turismo**, na rua central da urbe;
- o **Edifício Comercial “ECL”** (actual “Móveis João Cano”), do lado norte da cidade;
- **na sua área mais cosmopolita, o antigo Cinema “Império”** (actual Lagoshopping), na rua Cândido dos Reis, pelo arq. Rodrigues Lima;
- e o **Palácio de Justiça**, av. marginal, outra obra tardia, talvez já dos anos 1960.

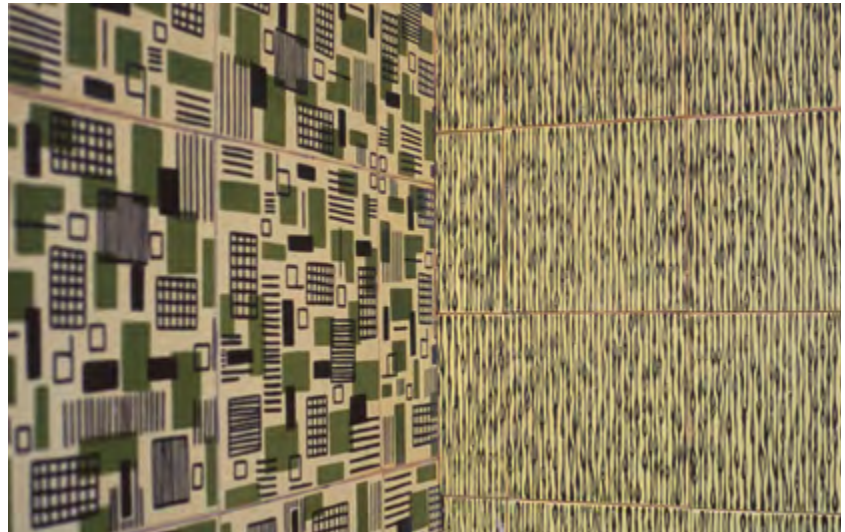
Em Loulé – terra de naturalidade do famoso ministro da Obras Públicas do Estado Novo, Duarte Pacheco – encontramos o **Edifício dos Correios** (inserível na série neo-regional que Adelino Nunes desenhou entre 1939 e 1943), a **Caixa Geral de Depósitos** (de pérgola envolvendo o corpo cilíndrico), e o **Monumento a Duarte Pacheco**, obra póstuma à acção daquele político, do arq. Luís Cristino da Silva, no parque municipal da cidade, de 1953 (lev. JMF n.º 787);

Na Praia da Rocha, fronteiro à antiga fortaleza, o **edifício da GNR ou da Guarda Fiscal**, em gosto de “casa portuguesa”; em **S. Brás Alportel, a Pousada**, de Jacobetty Rosa, de 1938-1944 (ano da sua inauguração), ampliada (e desfigurada) em 1996; em Silves, o Mercado, de característico coruchéu telhado e esfera armilar; o edifício da **Câmara Municipal de Tavira**, pesado e denso na sua arcaria térrea; e em Sagres, a **Estalagem do Infante**, por Jorge Segurado, de 1960, igualmente com a temática do arco e do beiral.

Também nas outras cidades do Sotavento, como Tavira, Olhão ou Vila Real de Santo António, as obras neo-tradicionais dos anos 1940-50 são ainda hoje visíveis, com a sua materialidade sólida e o complementar casticismo decorativo: em Tavira, o edifício da **Câmara Municipal** (reconstrução pesada de edifício anterior, com longa arcada frontal); em Olhão, encontramos o **Lar de Terceira Idade** da Misericórdia, a evocar a “Casa Portuguesa” (rua Damásio da Encarnação), e em Vila Real, na marginal, implantam-se o edifício da **Estação Fluvial**, de brasão e arcada, e o da **Capitania**, com profusa e qualificada decoração azulejar. Na malha interna desta cidade, num gaveto, implanta-se o singelo edifício da **Junta de Freguesia** local, assinado na fachada por Jorge Oliveira.

Não poderia faltar, para finalizar, a referência à habitação social, que o Estado Novo tratou em gosto de “Casa Portuguesa”, na temática neo-regional. É o caso exemplar, em Santa Luzia, nos arredores de Tavira, do **“Bairro de Pescadores Eng. Sá e Melo”**, um pequeno mas coerente conjunto de moradias geminadas (térreas e de dois pisos, com alpendre, latada em madeira, janelas de portadas e beiral), com larguinho ajardinado, de pequeno monumento central, envolvido pela escola primária do tipo do “Centenários”, e pelo centro social (actual jardim de infância).





OS PIONEIROS DA ARQUITECTURA MODERNA, NOS ANOS DE 1950-60

Ao mesmo tempo que a arquitectura de “gosto oficial” imperava, talentosos e inconformados jovens arquitectos, naturais do Algarve, e de uma nova geração, que em fins dos anos 1940 concluíam os estudos, começavam a sua prática, dentro de uma linguagem completamente oposta, quer na expressão plástica (moderna e tecnologicamente inovadora) quer na vontade política (socializante, internacionalista, de esquerda). Manuel Laginha, Gomes da Costa e Vicente de Castro são os três nomes actualmente mais conhecidos, sem prejuízo de outros autores que igualmente o venham a ser, em função de várias investigações que recentemente se iniciaram (como Rui Mendes Paula, de Lagos).

Formados no Porto (onde finalizaram estudos, por via de um inconformismo que gerou tensões em Lisboa, cuja escola, de orientação reaccionária e passadista, frequentaram anteriormente), estes autores deram às cidades respectivas, onde se radicaram ou de onde eram naturais, os primeiros e qualificados exemplos da chamada Arquitectura Moderna do Movimento Internacional, da arquitectura do pós-guerra, efectivamente construídos no Algarve. Assim, associamos Laginha sobretudo a Loulé, Gomes da Costa a Faro, e Vicente de Castro a Portimão. Nelas ajudaram decididamente a construir a imagem urbana e arquitectónica moderna, consequente e efectiva.

Manuel Laginha (nascido em Loulé, 1919-1985, diplomado pela EBAP, 1947), que construiu na área de Loulé, Quarteira e Olhão, para além do seu brilhante percurso profissional próprio, em Lisboa; Manuel Gomes da Costa (natural de Vila Real de Santo António, ainda activo, que trabalhou em Tavira, Olhão, Faro e Aljezur); e Vicente de Castro, trabalhando em Portimão e Lagos, radicando-se profissionalmente em Portimão (formado na EBAP, em 1955, onde como inúmeros estudantes de arquitectura da escola de Lisboa, “buscou refúgio” da repressão e obscurantismo que grassavam na EBAL) – eis os “nossos” arquitectos modernos algarvios.

Ao lado, moradia em Faro, por Gomes da Costa.

Loulé, painéis cerâmicos em prédio dos anos 1950 (pormenor).



De **Manuel Laginha**, sem dúvida o mais activo e conhecido autor algarvio da sua geração, conhecem-se várias obras, publicadas de modo panfletário na revista *Arquitectura* da sua época, que exprimem claro talento e inventiva:

- em Paderne, uma **Moradia** (com rampa), cf. rev. *Arquitectura* n.º 35, de 1950), obra pioneira de 1948, hoje infelizmente completamente desfigurada e semi-destruída (junto à fábrica na saída do povoado);
- em Loulé, uma **Moradia** publicada na mesma revista *Arquitectura* (n.º 26, de 1948, desaparecida); um **Prédio em pleno centro urbano**, na av. Marçal Pacheco n.º 36, com 3 pisos (em cuja fachada o autor explorava o inovador sistema integrado de persianas/janelas/portadas móveis e sobreponíveis, muito ao modo de Le Corbusier, publicado na mesma revista *Arquitectura*, n.º 26, de 1948); a **Alfaiataria York** (na revista *Arquitectura* n.º 30, de Abril-Maio de 1949, desaparecida); e, talvez o seu mais qualificado projecto, o **Centro de Assistência Polivalente de Loulé**, com o arquitecto Rogério Martins, obra entre 1952 e 58, com original e dinâmica fachada em plano oblíquo, com “brise-soleils” ao modo da arquitectura brasileira moderna, muito em voga nos inícios da década de 1950.

Ainda em Loulé, e também por Manuel Laginha, podem referir-se duas obras relativamente bem preservadas: a moradia para **António Laginha Ramos** (r. David Teixeira n.º 121), de expressivo ambiente intimista, envolvida por arborização, e o **prédio de habitação e comércio**, na Av. José da Costa Mealha n.º 10, de avarandados e elegante pérgola, dos anos 1950-60.



Três obras por Manuel Laginha: edifício em Loulé, anos de 1940; creche em Loulé (interior), anos de 1950; creche em Olhão, anos de 1950.

Ainda conhecemos deste arquitecto, em **Olhão**, o **Centro de Assistência Polivalente de Olhão/Creche da Misericórdia**, igualmente com o arquitecto Rogério Martins (publicado na revista *A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação*, nova série, n.º 1, de 1952, e na revista *Binário* n.º 6, de 1958, já como obra terminada).

Laginha criou uma “escola”, ou melhor dizendo, uma prática de arquitectura urbana moderna em Loulé, logo seguida por desenhadores e engenheiros, que repetiram e reinventaram, por vezes de modo interessante e criativo, os temas modernos, próprios do betão armado: avarandados, pérgolas, grelhas cerâmicas e revestimentos azulejares policromos. O caso mais significativo será talvez o de **João Campos**, desenhador com inúmeras obras identificáveis na área urbana moderna da povoação: avenida Ascensão Guimarães (n.º 53, 77, 96 e 114-120); rua David Teixeira n.º 235; r. José Afonso n.º 22-28 .

Quanto a **Manuel Gomes da Costa**, também participou na produção assistencial, como os colegas, com a antiga **Creche/Centro de Saúde da Misericórdia**, na Igreja Nova de Aljezur (inicial “Centro de Assistência Polivalente”, obra notável sobranceira à paisagem de Monchique, actualmente, e inexplicavelmente, em ruínas). Mas foi em Faro que desenvolveu, ao longo de décadas, a maior parte da sua obra:

- na **Moradia de Alfredo Gago Rosa**, rua General Humberto Delgado n.º 17, de 1955, com poderosa expressão plástica, por via de avarandados, pérgolas e grelhas, na linha da arquitectura “brasileira”, ao modo de Niemeyer, da época;
- na **Casa Isabel Antão**, rua Humberto Delgado, já dos anos 1960;
- e na **residência/Atelier Gomes da Costa**, na rua Reitor Teixeira Guedes 42 e 44, de 1966 – uma obra muito serena, de contido desenho, a evocar algo do jardim da casa japonesa e o minimalismo de Mies Van der Rohe (na aplicação de perfis metálicos de modo simples e eficaz).

Tratam-se de obras de habitação unifamiliar, claramente modernas, sem compromissos, às quais podemos juntar outros projectos de maior envergadura:

- o **anexo do Colégio de Nossa Senhora do Alto**, junto ao palacete Fialho, com uma boa integração no terreno, e uma estrutura em betão de grande transparência e leveza (1.ª pedra em 1961);
- o **edifício de habitação**, na rua de S. António, por cima da antiga “Mondi”, dos anos 1960-70;
- e o **edifício de escritórios e habitação**, na rua de S. António, por cima da “Mango”, da mesma fase.



Edifício em Loulé, anos de 1960, por Manuel Laginha.

Em Loulé, conhece-se por publicação, a **moradia do início da década de 1950** (cf. A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação n.º 3-4, de 1953); e em Tavira, são-lhe atribuídos cinco interessantes imóveis, da fase dos anos 1950-60, ainda existentes:

- a **Casa Laurentino Gonçalves**, dinâmico edifício de gaveto, na rua D. Marcelino Franco /esq. r. Primeiro de Maio (na Corredoura, c/ ourivesaria);
- a **Casa Semião Neves**, edifício de habitação, na r. Dr. Parreira n.º 40, a sul da rua Marcelino Franco (com 2 pisos e varanda);
- o **Edifício Galhardo**, da casa comercial “Marcelino & Galhardo”, na rua da passagem de nível, n.º 120-128, esq. com a rua Sebastião Leiria, uma fachada muito “gráfica”, com elegante platibanda de desenho moderno;
- a **Casa Fernando Lázaro**, na rua da Liberdade (a seguir ao n.º 26, actual “Casa Stick”), de três pisos, e duas faixas de “brise-soleils” horizontais nas varandas;
- e a **Casa Luísa Varela**, também na rua da Liberdade (com guarda da varanda em betão), obra mais modesta, com dois pisos.

Todos estes edifícios utilizam a expressão moderna, de volumetria movimentada, com estrutura de betão acentuando a dinâmica das formas horizontais, com o sistema das varandas “em caixa”, e exibindo revestimentos cerâmicos parciais, em azulejo ou “pastilha” policroma. Muitos outros trabalhos permanecerão por certo ainda por conhecer e divulgar, de autoria desta arquitecto de trato modesto e de longa e qualificada produção, ainda vivo.

A obra de **António Vicente de Castro** (1920-2002), mercê de uma recente investigação e exposição (2004), onde o autor deste texto participou, é melhor conhecida. Sobre ela nos alongaremos portanto um pouco mais. Ela configura a do arquitecto que vai porfiadamente “construindo o moderno” numa pequena cidade portuguesa, ao longo de uma dedicada vida profissional, no isolamento que atravessava o país nos meados do século XX. Este lento processo de criação inovadora é ainda mais valorável se pensarmos nas dimensões de conservadorismo, de hábitos tradicionais, e de alheamento da modernidade que caracterizavam a “província nacional” nesta mesma época.

Entre 1945 e os anos 1970, Vicente de Castro vai efectivamente implantar, sobretudo na cidade de Portimão e seus arredores, uma série de obras arquitectónicas que ensaiam as tipologias mais explícitas e caracterizadoras da arquitectura do Movimento Moderno internacional.

Podemos ainda hoje apreciar os edifícios de habitação colectiva, as moradias unifamiliares, os equipamentos, as peças de mobiliário urbano, até as instalações industriais: em mais de duas décadas, este punhado de construções foi gradualmente significando, no quotidiano daquela cidade algarvia, a implantação de uma “qualidade de vida” (como hoje diríamos), nos planos familiar,

colectivo, público, onde uma nova dimensão estética – apoiada no desenho abstracto – soube aliar-se ao uso assumido de novos materiais e de novas tecnologias – betão, ferro e vidro, mas também ao uso de outras matérias de uso tradicional, em novos “formatos” (a cerâmica, ou mosaico vidrado, em “pastilha”, com obtenção de cromatismos intensos).

António Vicente de Castro, imbuído de uma “cultura de resistência” política, articulada geracionalmente com os ditames do “Movimento Moderno” no plano da arquitectura e do urbanismo, situou-se coerentemente e de modo intenso e participativo no campo político da esquerda, militando no M.U.D. juvenil, no campo da luta anti-regime salazarista. Dos cerca de 120 projectos identificados como de sua autoria, ressalta uma qualidade profissional marcante, com destaque para as obras, pioneiras do “moderno”, desenvolvidas nas décadas de 1950 e de 1960. O próprio Vicente de Castro, em carta ao amigo e colega Gomes da Costa, de 3 de Maio de 2002, assume e interioriza esta noção de “qualidade moderna” do seu trabalho, que aliás articula com a formação portuense e com uma clara assunção de intervenção cívica:

“Quanto aos meus trabalhos, perguntaste-me sobre o meu último projecto (?) – talvez uma vivenda em Ferragudo, disse. Mas naturalmente, também representativos da expressão “moderna” da “Escola do Porto” – outros trabalhos meus. Como três vivendas e o Lar da Criança na Avenida Miguel Bombarda em Portimão; um pequeno bloco de lojas e apartamentos na rua Mouzinho de Albuquerque e um bloco de lojas e apartamentos na Avenida São João de Deus, em Portimão; um pequeno bloco de lojas e apartamentos e uma vivenda na Praia da Rocha; uma vivenda na praia da Senhora da Rocha. O edifício ‘Vista Rio’ em Portimão, com R/C de lojas, plataforma de andar para escritórios e oito pisos de apartamentos. E sobretudo o equipamento em Portimão – Adega Cooperativa, Quartel de Bombeiros, Centro de Saúde.(...)”

No seu conjunto, a obra de Vicente de Castro coloca-nos de imediato duas questões importantes:

- a evidente sintonia com clientes de gosto culto e actualizado, ou de alguma forma aceitando sem reservas a **opção expressiva da modernidade** – nomeadamente em relação aos temas da casa própria, do prédio urbano de habitação colectiva, das encomendas públicas de equipamentos – em contraste, muitas vezes, com a situação de hoje;
- a constatação de uma quase total decadência ou descaracterização, no presente momento, das obras construídas por Vicente de Castro, seja pela sua degradação devido a falta de manutenção ou por simples abandono, seja pelas alterações ou ampliações sofridas, que ajudaram na maioria das situações, sem dúvida, a desfigurar a coerência estética e funcional dessas mesmas obras.



Este aspecto é, infelizmente, extensível a inúmeras obras dos anos de 1950-60 de Manuel Laginha (Loulé), ou de Gomes da Costa (em Faro), entre outros, muitas delas desfiguradas ou mesmo destruídas.

Considerando uma perspectiva de leitura global dos trabalhos construídos por Vicente de Castro, e por facilidade de análise, podemos agrupá-los em dois grandes sectores: um deles constituindo um núcleo de edifícios realizados na "cidade consolidada", ou na área mais central de Portimão; e uma série de obras edificadas na área de crescimento urbano da mesma cidade, na época focada, dos anos 1950-60.

Devemos fazer ressaltar os vários temas característicos da linguagem arquitectónica moderna, tal como foi entendida e praticada por Vicente de Castro:

- uma clara e nítida **tendência decorativa e de policromia**, por utilização de materiais de revestimento, nomeadamente em superfícies exteriores, com cores e texturas criando contrastes cromáticos intensos e vibrantes. Referimo-nos à cerâmica (a chamada "pastilha", pequeno mosaico cerâmico ou vidro colorido, de que seria interessante averiguar a origem fabril), à aplicação de cores em grelhas de cimento ou cerâmicas nos avarandados, ou à simples utilização de rebocos pintados. Este gosto intenso pelo decorativo, pela cor e pela textura (embora relativamente corrente nas obras desta época pelo país fora), poderá eventualmente relacionar-se ou filiar-se numa tradição anterior, já enraizada na terra algarvia, que identificamos igualmente nas garridas cimalthas e platibandas oitocentistas – mas à qual Vicente de Castro deu uma dimensão renovada e moderna;

- o pendor pela utilização, **nos edifícios de habitação colectiva, das varandas “em caixa”**, formando conjuntos de prismas paralelepípedicos, salientes na fachada, com acentuação do efeito de claro-escuro desta, dos contrastes de sombra-luz e da marcação do cheio-vazio. Esta “teoria dos avarandados” (que poderemos talvez filiar na arquitectura latino-americana e brasileira do pós-guerra, na sua procura de formas de controle climático e térmico na habitação colectiva, dentro da influência corbusiana), contém normalmente três tipos de elementos: a varanda propriamente dita, saliente da fachada cerca de 1 metro, protegida com pano de peito em alvenaria (ou com guarda metálica); as grelhas de blocos industriais, modulados, ocultando ou sombreando parte do espaço avarandado (e correspondendo a sectores mais íntimos ou de serviço da habitação); e as “vigas soltas” (entre o tecto da varanda superior e o plano do lintel do piso onde se situa), de desenho horizontal, em betão, funcionando como “quebra-sol” ou “brise-soleil”, e também como linha de modulação da geometria dos vãos formados por cada caixa de varanda;
- uso das características “formas livres” próprias do design desta época, com claro sentido gráfico (as quais Nuno Teotónio Pereira caricaturava designando-as como “formas de sofisma”): por exemplo, superfícies curvas irregulares, desenhando vazios em tectos falsos de átrios de prédios, ou marcando em incisão as fachadas dos edifícios, com recurso à cor;
- no conjunto dos projectos e obras, um sentido de “obra total”, como atitude base da concepção, procurando tudo controlar e tornar coerente, procurando um “desenhar global”, que vai desde as linhas gerais do edificado até ao pormenor do mobiliário e aos elementos “soltos” da composição.

Referindo de seguida as principais obras deste autor, mencionemos o primeiro trabalho (de tese final de curso, nos anos 1950), em Lagos, o **Posto Rodoviário de Lagos/Estalagem S. Cristóvão** (hoje em ruínas); e, igualmente em Lagos, o **“Lar da Criança”/actual Centro de Assistência Social Lucinda A. Santos**, na avenida marginal, de ampla concepção e implantação.

Em Portimão encontramos a maior parte dos seus trabalhos:

- o Antigo Posto da SACOR, na área portuária;
- o “Lar da Criança”/Centro de Assistência Social de Portimão, na av. Miguel Bombarda;
- o edifício J. L. Branco, fronteiro à praça do mercado demolido, no centro da cidade, com as referidas “varandas em caixa”;
- o bloco de lojas e apartamentos, na rua Mouzinho de Albuquerque;
- o Bloco de lojas e apartamentos, av. S. João de Deus;
- o Edifício “Vista Rio” (com 8 pisos, escritórios e lojas), dos anos 1960;
- e o Edifício Macedo (para comércio e habitação colectiva, ampliado posteriormente por outro arquitecto), de 1969-70, na Praia da Rocha, frente à antiga fortaleza.

Creche em Lagos, por Vicente de Castro. Edifício na Praia da Rocha, por Vicente de Castro (foto por JMF).

A sua série de moradias é relevante, todas na mesma avenida da cidade: a **Moradia Bragança** (alterada em 2003), a **Moradia Dr. Vazão Trindade** (muito alterada), a **Moradia Dr. Jaime Dias** (alterada) e na Praia da Rocha, a **Moradia Sousa Costa** (demolida).

Finalmente, os equipamentos de Portimão, que tanto prezava: a **Adega Cooperativa** e o **Centro de Saúde das Caixas de Previdência**.





OS ANOS DE 1960-70, O TURISMO E O “SACRIFÍCIO” DO ALGARVE

O eclodir do turismo massificado no Algarve, embora já prenunciado nos finais dos anos 1950, verificou-se sobretudo, com enorme intensidade, ao longo da década seguinte – quando se pode falar de uma verdadeira “revolução” da paisagem litoral algarvia, para o bem e para o mal. Tratou-se de um fenómeno generalizado à Europa do Sul, nomeadamente a toda a costa mediterrânea de Espanha, no quadro da melhoria do nível de vida da população europeia nos anos do pós-guerra, do advento dos transportes rápidos por via aérea (a era do jacto) e da nova rede de auto-estradas no nosso continente, e da acessibilidade de uma enriquecida classe média a esses meios – isto entre outras razões, civilizacionais e também culturais, que encontraram no turismo um modo novo de afirmar uma diferente dimensão da relação entre povos, os seus territórios e comunidades.

O impacte no Algarve litoral foi, como se sabe, tremendo. Nem o planeamento urbanístico estatal e municipal soube, ou pôde, evitar o pior, nem as forças económicas interessadas nas mais-valias desta nova superindústria de serviços se compadeciam com as pré-existências rurais e urbanas, consideradas então, em geral, “atrasadas e imobilistas”.

De 1960 a 1980, verificou-se assim uma expansão urbana e suburbana generalizada de quase todas as povoações algarvias, sobretudo das costeiras, entre a Praia da Luz de Lagos e Vila Real de Santo António; e podemos falar das povoações quase “cilindradas” por esta expansão e densificação descontrolada (como Armação de Pêra, Albufeira ou Quarteira), como se podem referir, apesar de tudo, outras mais “resistentes”, dada a sua consistência histórica e cultural (como Lagos, Loulé ou Tavira) – e ainda mencionar núcleos urbanos que assumiram o crescimento de forma “intermédia” (como Portimão, Faro ou Olhão).

Houve de facto até alguma “resistência urbana” à renovação sistemática e excessiva do tecido edificado, com a construção de alguns equipamentos e serviços de apoio à cidade, bem como de habitação nova com qualidade, e a qualificação de alguns espaços públicos, por exemplo em Lagos ou Tavira; registemos, a título de exemplo:

- na restauração, o **Snack Bar Abrigo**, em Lagos, por José Veloso, de 1962;
- o **Edifício de comércio e habitação**, junto aos correios de Lagos, na frente mar, obra em “branco e betão”, com delicadas persianas, dos anos 60;
- o **Edifício de comércio e habitação**, na rua Cândido dos Reis, também em Lagos, com a fachada revestida a “pastilha” cerâmica;
- e a celebrada **Estátua de D. Sebastião**, na praça do Município, por João Cutileiro, de 1972 – que na época foi símbolo e afirmação de uma modernidade e de uma liberdade politicamente pertinentes;
- em, Tavira, o **Cine Teatro**, na rua D. Marcelino Franco (local do anterior cine teatro dos anos 1920-30);
- e ainda o elegante **Café**, na praça central de Tavira, frente à Câmara (cujo interior foi recentemente desfigurado).

Em paralelo, e a partir desta nova dinâmica, emergiram os designados “territórios do turismo”, com as vastas áreas dedicadas ao turismo, nos espaços excepcionalmente planeados (em Vilamoura), mas sobretudo nos espaços com ocupação quase anárquica – formando, lenta mas inexoravelmente, a “aldeia contínua” do macro-turismo litoral (por exemplo, da Balaia a Vale do Lobo). De facto, o plano exemplar, que foi caso único na região (e não isento, apesar de tudo, de alguns defeitos) para se construir uma urbe turística consequente, auto sustentada, com recursos agro-pecuários próprios, uma densidade bem distribuída e controlada, e equilibradamente transformadora da paisagem, surgiu com o estudo de **Vilamoura**, cujo **Plano Geral** englobou deliberadamente várias equipas multi-disciplinares (arqs Carver L. Baker, João Caetano, a SETAP, a GEFEL, a Hidrotécnica, etc – cf. a revista *Arquitectura* n.º 96 de Março-Abril de 1967).

Vilamoura foi implantada gradualmente no terreno, bem no centro da costa algarvia, procedendo-se no início dos anos 1970 ao concurso para a área central, **a marina e a sua envolvente** – ganho por Pedro Vieira de Almeida, com uma imaginativa “macro-cidade de canais”, mas depois efectivamente implantada com base num projecto mais pragmático de autores ingleses (em 1971-72). Houve muito autores nacionais que projectaram arquitectura para Vilamoura. Apenas a título de exemplo, refiro:

- tunes da Silva (com o antigo casino, a igreja N. S. Alegria, cinema, lojas e apartamentos), de 1971-74;
- os escritórios da empresa Lusotur, por Francisco Pires Keil Amaral, de 1972;
- as **Moradias e apartamentos do Pinhal da Marina**, Keil Amaral e J. A. Silva, 1971-74.

Outros planos houve, como o **plano de Armação de Pêra**, pelos arqs. Norberto Corrêa, Pinto Coelho e Ramos Chaves (cf. a revista *Arquitectura* n.º 99 de Setembro-Outubro de 1967). Mas o que se construiu nesta área do turismo releva sobretudo de intervenções pontuais, procurando exponenciar as potencialidades de cada terreno, sem uma visão de conjunto territorial e, sobretudo, ecológica.

Ainda outro plano a referir foi o de **Vale do Lobo**, onde trabalhou o arq. João Ramirez Fernandes – constitui uma extensa área para moradias que recebeu nas décadas seguintes inúmeros projectos arquitectónicos assinaláveis.

Há assim, actualmente consolidada, com uma brutal e aparentemente definitiva presença na paisagem, uma “**arquitectura do turismo**” algarvio – a qual possui já, de algum modo, com os seus valores e erros, alguma dimensão histórica. Uma arquitectura feita sobretudo dos hotéis (Garbe, Algarve, Alvor, Balaia, Vilamoura) e dos apartamentos e aldeamentos (Balaia, Pedras D’El Rei). Vamos de modo sintético referir alguns destes conjuntos.

Faro, Hotel Eva.



Monchique, Abrigo da Montanha (interior), por José Veloso.
Muro do Hotel "Sol e Mar" (pormenor).

Uma "primeira idade" dos hotéis algarvios pode detectar-se nas unidades de pequena ou média dimensão, encastradas em pleno meio urbano, por vezes até implantadas próximo dos centros históricos respectivos – alterando-lhes a escala e a dimensão estética, e de algum modo introduzindo a modernidade, nos aspectos construtivos e formais.

É o caso paradigmático, em Albufeira, do **Hotel Sol e Mar**, implantado em plena área central, embutido na falésia da praia e construído sobre a passagem em túnel para o areal. A sua volumetria elegantemente curva, a sequência alternada de varandas e grelhas que compõem a fachada, e as esplanadas com azulejaria policroma (fábrica "Aleluia-Aveiro"), transformam-no num facto urbano dinamizador e criador de um ambiente optimista e feérico, de "férias e turismo", muito característico do seu tempo.

Em Faro, o **projecto do Hotel EVA**, do arq. Alberto Cruz (que haveria de especializar-se neste tema), foi desenhado como encomenda para a homónima empresa de camionagem – constituindo-se na arquitectura de ruptura, inovadora, moderna, do centro da cidade, fronteiro à antiga Alfândega e de imagem reflectida sobre as docas e a marina da cidade.



Em Lagos, podemos dar o exemplo do **Hotel Rio Mar**, na rua Cândido dos Reis, com avarandado em modulação cobrindo toda a fachada – e dando uma imagem renovadora, e moderna, à antiga “rua direita” da cidade.

Também em situações isoladas, em ambiente serrano, começaram a implantar-se micro-unidades de nova tipologia, como as pousadas e estalagens; foi o caso, em Monchique, do “**Abrigo de Montanha**” do arq. José Veloso, de 1960 (cf. *Arquitectura* n.º 85 de Dezembro de 1964), situado em plena floresta, a 2 km da vila, na estrada da Fóia. Trata-se de um conjunto arquitectónico de grande delicadeza no desenho e no pormenor, bem escalonado na encosta onde se implanta, exibindo o betão, os panos de parede branca e a madeira de cor natural como materiais dominantes. Ainda hoje se encontra totalmente preservado e em pleno funcionamento, embora com ampliações posteriores.

Embora mais recente, será interessante considerar o caso especial do “**Hotel de Lagos**”, que soube, apesar de alguma irregularidade formal e tipológica, inserir-se de modo relativamente discreto (atendendo à sua grande dimensão) dentro da malha urbana da cidade.

Mas rapidamente surgiram os “grandes” hotéis em plena costa, sobre as falésias ou fronteiros ao areal. E foi afinal esta tipologia que veio a colocar a prazo mais problemas, do ponto de vista do impacte ambiental, ecológico, e paisagístico – que ainda hoje urge resolver.

Por exemplo, é significativa a alteração que a silhueta edificada da Praia da Rocha sofreu, comparando as vistas fotográficas dos anos 1950 com as de dez ou vinte anos depois.

Com uma arquitectura estimável, nas faixas costeiras, podemos apesar de tudo referir exemplos de equipamentos como, na Praia da Rocha, o **Hotel Algarve**, por Raul Tojal (cf. *Revista Arquitectura* n.º 97 de Maio-Junho de 1967), ou, em Armação de Pêra, o **Hotel do Garbe**, dos arqs. Jorge Ramos Chaves e Frederico Santana, de 1959-62 (cf. *Arquitectura* n.º 83, de Setembro de 1964). Obras de escala acertada, volumetrias imaginativas e procurando uma integração local, e com um desenho moderno sem concessões ao “típico”, ao “folclórico” ou ao “decorativo”. Deste mesmo tipo refira-se ainda o **Hotel do Levante** (por José Bruschy e Virgílio Leal da Costa) igualmente em Armação. Da mesma linha é ainda o **Hotel Baleeira**, sobre a praia da Baleeira, em Sagres.

No Alvor vai surgir na segunda metade da década de 60 um dos mais famosos equipamentos de hotelaria do Algarve, o qual haveria de marcar como símbolo de procura de qualidade, e de integração com o ambiente, a região. E isto, apesar de ser mais um exemplo de “hotel de arribas”, ou de falésia, com todas as questões inerentes.

Falamos do **Hotel do Alvor**, pelo arq. Alberto Cruz, com projecto paisagístico por Gonçalo Ribeiro Telles, de 1967 (cf. *revista arquitectura* n.º 100, de Nov.-Dez. de 1967), Constituiu uma unidade dentro do moderno-orgânico, escalonado em corpos articulados entre si. O autor, que trabalhou nos Monumentos Nacionais

Hotel Alvor, vista geral. (fotografia do atelier de Alberto Cruz)

por longos anos, era um especialista neste tipo de estruturas, como as estalagens da Ria de Aveiro e do Caramulo, os Hotéis Baía e Cidadela em Cascais, ou o hotel Grão Vasco em Viseu. O **Hotel Delfim, depois Aviz**, do grupo Pestana, do mesmo arq. Alberto Cruz, foi outra unidade edificada no Alvor, cerca de 1967-68; também no Alvor, surgiram complementarmente alguns equipamentos modernos, como o **Casino do Alvor**, dos anos 60-70, e a **Igreja de Santo André, na Penina**, de 1970.

Em Monte Gordo, a “eclosão” da nova escala de turismo alterou radicalmente a escala do pequeno povoado do “turismo de casinha e quintal” até então dominante. Surgiram sucessivamente as várias unidades hoteleiras sobre o areal: o **Hotel Vasco da Gama** (primeiro hotel de grande dimensão na povoação), em 1960; o **Hotel Navegadores**, depois de 1961; o **Hotel Caravelas**, depois de 1964; o **Hotel Alcazar e Residencial Monte Sol**, depois de 1967; o **Hotel Catavento**, em 1969; e o **Hotel Monte Gordo**, já dos anos 1970.





Foi na Balaia que surgiu uma outra unidade hoteleira – aliás associada a vizinhos **apartamentos e moradias**, dos mesmos autores, de grande qualidade arquitectónica e paisagística.

Trata-se do **Hotel da Balaia**, produzido pelos ateliers Conceição Silva e Maurício de Vasconcelos, com projecto arquitectónico por Tomás Taveira e paisagístico por Gonçalo Ribeiro Telles, de 1965-67 (ou 1966-69), com ampliação em 1972 [cf. revista *Arquitectura* n.º 108, de Março-Abril de 1969].

Foi na sua época um projecto exemplar, mesmo único, no Algarve turístico – infelizmente não continuado na qualidade e valor, pela maioria dos empreendimentos afins da região. Foi edificado ao longo da segunda metade dos anos 1960, tendo mais tarde sido ampliado com um corpo em torre situado a nascente, também no âmbito do atelier Conceição Silva. Como método de projecto e de construção foi igualmente inovador, pois constituiu o chamado projecto de “chave na mão”, completa e minuciosamente desenhado e concebido desde as macro-estruturas aos pequenos objectos de mobiliário e serviços. Possui deste modo uma notável coerência, desde os espaços e formas arquitectónicas aos objectos de mobiliário e *design*.

A “lição” do Hotel do Mar (por Conceição Silva), de 10 anos atrás, foi aqui reinventada, com uma escala e expressão mais afirmativa e monumentalizante, mantendo embora um sentido geral de organicidade, e de sugestão de “ambiência mediterrânea” – traduzido quer na disposição dos corpos dos quartos, e no seu tratamento plástico (com avarandados preenchidos por “reixas” de madeira aparente), quer ainda na sua relação cuidada com a implantação ao longo da plataforma litoral, em diálogo com as falésias vizinhas.

Hotel da Balaia.



Um átrio exterior que recorda de algum modo o do desaparecido e emblemático Hotel Imperial de Tóquio (por Frank Lloyd Wright) dá acesso a um vasto hall interiorizado de entrada, com malha hexagonal e com 5 pisos de altura, encimado por uma escultórica clarabóia. Por este espaço se acede aos diversos corredores dos quartos, que formam como que “braços”, de modo articulado e equilibrado, com o núcleo central.

O espaço térreo do hall comunica ainda com uma série de espaços concebidos de modo muito fragmentado, que incluem os diversos apoios a este tipo de programa: restauração, bares, foyers, etc. Estes espaços, celulares, utilizam abundantemente o sistema da luz zenital, obtendo uma certa “esculturalização” do espaço. Este conjunto utiliza, de forma fluente e sábia, o betão aparente, o reboco branco e as madeiras naturais – embora com uma expressão algo geométrica e “dura”, se comparada com o Hotel do Mar.

Os **Apartamentos da Balaia**, edificados na sequência do Hotel, na transição dos anos 1960-70, igualmente do atelier Conceição Silva e com participação activa de Tomás Taveira, constituem um esplêndido trabalho e exercício de fragmentação do espaço e das formas, com uma detalhadíssima decomposição volumétrica, materializada em betão descofrado de grande qualidade – num conjunto ainda hoje em muito bom estado de conservação.

Os chamados “aldeamentos” inundaram de forma definitiva o território costeiro, com uma escala mais suave mas também com uma densificação e área de ocupação mais extensas. Só como exemplo, permitimo-nos destacar três casos: a **Aldeia das Açoteias**, em Albufeira, por Victor Palla, dos inícios dos anos 1960, com um inventivo sistema de galerias colectivas, axiais, de acesso

aos apartamentos, e definindo-se como obra pioneira da plasticidade “Mediterrânea” (as paredes de reboco rugoso branco, os remates de varadas em curva); as **Pedras D’El Rei**, um conjunto turístico em Santa Luzia de Tavira, dos anos 1960-70, que recuperou a antiga ligação piscatório-industrial para a praia do Barril (via férrea, armazéns, armações, etc.); e o conjunto de **Vilalara**, de 1970-74, por Almeida Araújo, na Praia da S^{ra} da Rocha, Lagoa. Nestes três casos, o recurso a uma linguagem mais “mole” ou plástica das formas e alvenarias brancas ou ocres não impediu a preservação de um desenho coerente e moderno dos espaços e volumes, e dos interiores e pormenores.

As **Moradias** algarvias dos anos 60-70 constituem outro tema muito importante e desenvolvido na época. Uma vez mais, no âmbito de um trabalho sintético de divulgação como o presente, só podemos ilustrar a título exemplificativo, escolhendo para isso alguns casos mais originais e qualificados:

- No concelho de Lagoa, a de **Casa Keil do Amaral, em Alporchinhos/S^{ra} da Rocha** (projecto do filho, o arq. Francisco Pires Keil Amaral), do início dos anos 1960; no mesmo local, a **moradia do Dr. Luís Azevedo**, pelo arq. António Vicente de Castro, cuja obra geral já mencionámos referente a Portimão.
- No Carvoeiro, também no concelho de Lagoa, a **moradia de Noronha da Costa**, uma casa de férias em Vale de Corrais, frente ao mar, original e heterodoxo trabalho de autoria deste artista/arquitecto, Noronha da Costa (cf. revista *Arquitectura* n.º 116, de Julho-Agosto de 1970);
- Em Loulé, a **moradia em Vale do Lobo**, dos arquitectos Vítor Figueiredo e Jorge Silva, de 1971 (cf. revista *Arquitectura* n.º 135, de 1979).



"Aldeia das Açoteias", a "chaminé típica". "Aldeia das Açoteias", galerias de acesso inferior.





ANOS 1980-2005 – O ÚLTIMO QUARTO DE SÉCULO

Os novos rumos políticos da sociedade portuguesa, depois do 25 de Abril de 1974, permitiram e favoreceram uma mudança gradual na relação do País com o Algarve, e uma crescente afirmação da própria consciência cultural da região, do seu valor específico e dimensão paisagística, económica e social.

As **infra-estruturas modernas e os novos equipamentos de dimensão territorial/regional** (como as Universidades, os Aeroportos, as auto-estradas e pontes, os grandes equipamentos culturais), irão neste quadro gradualmente surgir ou desenvolver-se ao longo dos anos 1980-1990, sobretudo a partir da integração na União Europeia (1986) com os seus programas de financiamento muito virados para a escala das pequenas regiões.

Se por um lado a dinâmica do turismo ainda se mantém e manterá como um dos motores da região, a sua substância vai pouco a pouco alterar-se, **aumentando a componente patrimonial, ecológica, de paisagem e do meio rural**, e diminuindo, ou pelo menos tendendo a estabilizar, a antes predominante área do turismo de massas balnear.

Também a **descoberta da recuperação e revitalização patrimonial**, ligada à valorização dos vários núcleos urbanos da região, e às suas designadas “áreas históricas”, sobretudo ao longo da década de 1990 – como de resto em relação ao País em geral – constitui outra “dimensão” recente, traduzida num investimento gradualmente significativo que chegará aos mais pequenos e ignotos povoados e lugares. Os centros históricos, os pequenos e antigos edifícios, os conjuntos construídos, os espaços públicos e a paisagem tratada são, cada vez mais, nas últimas décadas, temas de significativa preocupação dos autarcas e governos centrais, na perspectiva da melhoria da qualidade de vida da comunidade residente.

Referiremos seguidamente alguns dos mais importantes espaços e edifícios que, ou edificados como obra nova ou em função da sua recuperação, foram objecto de transformação e valorização do território e das cidades, vilas e aldeias algarvias.

Dada a significativa extensão das iniciativas e obras realizadas e em curso, estas serão agrupadas por vários temas, desde o dos equipamentos e infra-estruturas públicas, passando pela habitação colectiva e unifamiliar, pelos projectos ligados ao turismo, pelas obras específicas de recuperação urbana e arquitectónica (em cidades e nos pequenos núcleos), e ainda pela referência específica ao caso de Faro.

Deste modo, da nova arquitectura dos equipamentos públicos podem destacar-se alguns exemplos, numa arquitectura geralmente entre a mediania e a qualidade: em Albufeira, o projecto do **Pavilhão Desportivo** (arqs. Fernando Torres e Luís Frasco, 1985-92) e a **Câmara Municipal de Albufeira** (novo edifício,

Ao lado, **Tavira**, Torre de Tavira/Câmara Obscura (recuperação).
Faro, “Águas do Algarve”, no antigo Solar dos Sárrias (recuperação).

embora numa arquitectura excessiva, dos anos 1980); em Alcoutim, as **piscinas de Martim Longo** (ant. a 2000); em Lagoa e em Monchique, as **Piscinas Municipais** (sendo a de Monchique por Carlos Sousa Dias, ant. a 1999); em Lagos, o **Mercado de Santo Amaro** (por José Veloso, 1986); em Loulé, a **Estação do Parque das Cidades** (para Faro/Loulé, por Dante Macedo e Conceição Macedo, c. 2000) e o **Estádio do Algarve**, na estrada Loulé/Faro (arq. Hok Sport/AARQ – Atelier de Arquitectura, 2001-2003).

Dentro do mesmo tema, refiram-se ainda: em Quarteira, a **Igreja de São Pedro do Mar** (de tipologia em “U”, com pátio de entrada distribuidor, 1996); em Sargres, a **Igreja Paroquial** (grandes superfícies curvas em betão aparente, 1992); em Portimão assinala-se a **Caixa Geral de Depósitos** (arq. José Rafael Botelho, ant. a 1983), o vasto **Hospital** regional e a recente edificação da **Nova Câmara Municipal e Tribunal**; em São Brás de Alportel, a **Biblioteca Municipal** (com pátio hexagonal e frontão pós-moderno, ant. a 2000) e o **Complexo Desportivo/Pavilhão Municipal** (arq. António Correia e arq. paisagista Amélia Santos/GAT Faro, ant. a 1999); em Silves, o **Pavilhão Desportivo Municipal**, no parque desportivo; em Tavira, o **Centro Coordenador de Transportes** (junto ao rio, por José Lamas e Carlos Duarte, num assumido desenho pós-moderno, de 1985-86) e o novo e vasto **Mercado Municipal** (por Pedro Serra Alves, ant. a 1999), de grande escala urbana. Em Loulé, mencione-se ainda a **Biblioteca Municipal Sophia de Melo Breyner** (arq. António Correia, 1996-2001).

As grandes infraestruturas merecem igualmente uma referência, para obras como as **pontes de Portimão e do Guadiana** (esta, a norte de Castro Marim, na ligação a Espanha), e o arranjo das **portagens da A2 de São Bartolomeu de Messines**, onde a sucessão de lajes-cogumelo “soltas” tenta dar uma solução espacial inovadora a um tema normalizado (por Manuel e Francisco Aires Mateus, 2002).

Os projectos de habitação unifamiliar vêm permitindo, dada a sua dimensão e sentido experimentalista, a construção de alguns exemplos destacados, embora de ocorrência pontual: em Vale do Lobo/Almancil, o Protótipo de **moradia unifamiliar para SERCAL/Areias de Almancil**, Quinta Verde, e a **moradia para Rocheta Cabrita**, Quinta Verde (ambos por ARCH com José Bruschy, 1987); a famosa **Moradia na Quinta do Lago**, com os elementos geométricos puros, prisma e esfera (por Eduardo Souto de Moura, 1984); as vastas casas de férias em Cacela, perto da Fábrica, ditas “**do Francês**” (de 1986) e “**do Picasso**” (inacabada), de autores estrangeiros e desenho de uma modernidade cosmopolita; muito recente é a **moradia em Boliqueime** (à EN 125, Boliqueime-Vilamoura), do arq. Ricardo Back Gordon, 2000-2002, de volumetrias “cubistas e abstractas”. Excepção, num quadro urbano – porque constitui uma bela obra de restauro – é a **habitação própria em Tavira**, habitação do arq. João Luís Carrilho da Graça, dos finais dos anos 1990, casa de telhado de tesoura, com vibrante cor de almagre e faixas em branco.



Terminal Rodoviário de Tavira, por José Lamas e Carlos Duarte.



Novo Mercado de Tavira. Nova Biblioteca Municipal de Loulé. S. Bartolomeu de Messines, portagem na auto estrada. Moradia dita "do francês", em Cacela.

Em muitas destas obras ressalta a pesquisa de um tema recorrente do Algarve, o dos volumes “cubistas”, de geometrias aquadradas, expresso em superfícies caiadas, brancas e luminosas. Como metáfora de uma certa imagem da cultura islâmica (relacionada com o “arquétipo” de casa de terra do mundo Mediterrâneo) e do que ela deixou em permanência nesta região – mas agora em articulação dialéctica com a concepção geométrica, abstracta e racionalista da arquitectura moderna.

Já desde o projecto do bairro dos pescadores para Olhão (por Carlos Ramos, em 1925) que este tema surge, pela mão dos arquitectos, no Algarve. Raul Lino também o abordou na mesma época; e o turismo das “aldeias das açoteias” tentará, décadas depois, a sua multiplicação consumista, ao longo dos anos 1960-70 (mas aqui, habitualmente, em mistura com uma plasticidade mais “mole”, folclórica e decorativo-regionalista).

Os projectos ligados ao turismo de massas significam uma continuidade com valores que começavam nas décadas de 1980-90 a ser postos em causa na região, ou que de alguma maneira entravam em crise: deste modo, na sua maioria, representam uma arquitectura de pouca inovação, apenas multiplicativa, frequentemente comprometida com desenvolvimentos urbanísticos e sub-urbanísticos já em curso, e com programas igualmente já excessivamente difundidos, dos macro-hotéis aos famigerados aparthotéis e aldeamentos. A título de referência, e sobretudo nos locais de maior concentração de arquitectura turística, refiram-se: em Vale do Lobo/Almancil, o recente **Hotel Le Meridien D. Filipa** e o “consagrado” conjunto da **Quinta do Lago, Hotel e Clube de Golfe** (pelos arqs. João de Almeida, P.Ferreira Pinto e Pedro Emaús Silva, de 1987- -88); em Vilamoura, o projecto do **Hotel da Marina** (arqs. J. Neuparth e Carlos Tojal, 1980-87), o **Vila Ipanema** (por ARCH com José Bruschy, 1979), e o **Vilamarina** (com aparthotel, habitação e comércio, por ARCH com José Bruschy, de 1980-87). Nesta mesma “cidade de turismo”, mencionemos ainda o **Hotel Atlantis**, o **Tivoli Marinotel** e o **Centro de Congressos de Vilamoura** (anos 1990), além de um original **Bairro residencial** de desenho pós moderno, pelo arq. Tomás D’Eça Leal (anos 1980).

Pelo contrário, um outro tipo de abordagem ao turismo, valorizador dos espaços e paisagens rurais e das pequenas unidades de iniciativa privada, articuladas com as actividades culturais/municipais, está em pleno desenvolvimento na região. Dê-se, a título de exemplo, o caso de Alcoutim (com o **Centro Náutico**, proj. de 2004-2005, e o **Museu do Rio**, em Guerreiros do Rio, iniciativa da CMA, em construção em 2004 – a par do **Hotel Rural**, no mesmo lugar de Guerreiros do Rio, em construção em 2004, ou da **Finca Rodilha**, um novo hotel e conjunto turístico igualmente em construção).

Outra atenção ainda merecem as múltiplas obras de recuperação e requalificação urbana e arquitectónica, com especial significado num Algarve sujeito por décadas ao aviltamento e conspurcação da sua paisagem construída e dos seus espaços colectivos.



Obras características são as que recentemente **valorizaram as frentes marginais, fluviais, ribeirinhas e marítimas, nas principais cidades e povoações**. Este tipo de trabalhos assenta normalmente na criação de amplos espaços livres, bem sombreados e equipados, incluindo ou não alguns equipamentos recuperados, que servem como pólos de atracção complementar. Exemplifique-se com:

- o **Parque Municipal do Sítio das Fontes**, em Estombar (com recuperação de moinho de maré pela CM de Lagoa), em 1997;
- a exemplar **Reabilitação Urbana dos espaços públicos de Lagos** na sua longa faixa marginal, uma obra continuada pelos arqs. Rui e Frederico Mendes Paula (gabinete M. Paula, Lda), entre 1985-1992;
- a **Marina de Lagos**, com ponte móvel, edifício da marina, edifícios de habitação diversos (pelos arqs. Gonçalo Byrne e Manuel Aires Mateus, nos anos 1990), uma grande intervenção fronteira à da recuperação da faixa marginal da cidade;
- a **Marginal de Quarteira** (obra de recuperação, pelo arq. Luís Pires e arq. paisagista Paulo Viegas, ant. a 1999);
- na **zona ribeirinha da Fuseta**, em Olhão, a operação de renovação urbana, pelo GAT/ Faro e arq. paisagista José Brito, ant. a 1999);
- em **Silves**, o arranjo da sua **Zona Ribeirinha**, com novas praças e jardins, pela CM Silves, ant. a 1999;
- em **Monte Gordo**, o arranjo paisagístico da sua **Faixa Litoral**, pelo arq. paisagista Desidério Batista, ant. a 1999;
- e, em **Vila Real de Santo António**, a **nova Doca de Recreio** (irmãos Cavaco e CENOR), ant. a 1999, de assinalável impacte na frente marítima da cidade.



"Fábrica do Inglês", fábrica-museu da cortiça de Silves (recuperação). Tavira, Palácio da Galeria (recuperação).
Tavira, Nova Biblioteca (recuperação). Casa da Cultura, antigo mercado central de Vila Real de Santo António (recuperação).

Culminando este tipo de operações, os actuais Projectos POLIS que se desenvolvem em Lagos, Albufeira e Silves, incluem nos seus programas acções de recuperação das áreas ribeirinhas ou marítimas respectivas: **Lagos** (zona intramuros e costeira, entre 2002-2006); **Albufeira** (requalificação da área histórica e da frente mar); e **Silves** (com requalificação do centro histórico, da zona ribeirinha e das margens do Rio Arade, 2004-2006).

Outras operações que se revestem de especial significado são as de **recuperação de edifícios com valor arquitectónico e/ou histórico**, igualmente, embora de modo fragmentário, em curso um pouco por todas as cidades e povoações do Algarve.

Começando pelas cidades, podemos referir os seguintes exemplos recentes, de reconstrução e refuncionalização de inúmeras construções existentes:

- em Lagoa, a recentíssima iniciativa do **Pavilhão de Congressos do Algarve** (antiga fábrica de conservas, a reconstruir com projecto por Miguel Arruda, em 2005-2006);
- em Lagos, o **Centro Cultural de Lagos** (por Manuel Queirós, 1975-85), a Biblioteca Municipal (por Pedro Santa Rita, anos 1980) e a Pousada da Juventude (pelos arqs. Carlos Ruivo, Jorge Pombo e Paulo Miranda, dos anos 1980);
- em Loulé, o **Museu Municipal de Loulé/Antiga Alcaidaria**, na rua D. Paio Peres Correia, com obras em 1995;
- igualmente em Loulé, a **Cerca do Convento do Espírito Santo**, obra de recuperação, pelo arq. Luís Pires, e CM Loulé, ant. a 1999;
- em Olhão, o muito recente **Conservatório de Música de Olhão**, no antigo Centro de Saúde da rua Vasco da Gama, instalado em 2005;
- em Silves, o exemplar e já famoso **Museu da Cortiça na Fábrica do Inglês**, conjunto fabril do séc. XIX, que sofreu a adaptação a museu nos anos 1980;
- também em Silves, a recuperação do **Teatro Mascarenhas Gregório** (em 2000-2005, por José Manuel Castanheira), o **Museu de Arqueologia** (adaptação de edifício setecentista em obra de exteriores menos feliz, por Mário Varela Gomes, dos anos 1980) e a actual transformação do interior do Castelo, com dotação de novo equipamento;
- em Tavira, para além do antigo mercado (**Mercado da Ribeira**, 2000), já referido, e do antigo Palácio da Galeria (**Centro Cultural de Tavira**, por José Lamas, 2000), a **Nova Biblioteca Municipal**, em projecto pelo arq. João Luís Carrilho da Graça, 2004-2005 (para o antigo edifício da cadeia);
- finalmente, para **Vila Real de Santo António**, o **Mercado 1.º de Maio/Centro Cultural**, com recuperação e adaptação pelo arq. Rui Figueiras, ant. a 1999 (com discutíveis peças de sombreamento nos arruamentos envolventes).



Nas povoações mais pequenas e nas vilas, são também múltiplos os edifícios e espaços que têm sido objecto de recuperação:

- em Monchique, o **Hotel Termal**, nas Caldas, um edifício de bom desenho moderno, de 1964 (destinado inicialmente a hospital termal, foi recuperado em 2001 para hotel); o **pavilhão neo-Árabe**, actual centro de reuniões e exposições; e a recuperação de fachadas de prédios do centro urbano, em Monchique (pela arq. Rosalina Cristina, da CM Monchique), em 1999;
- em São Brás de Alportel, a **Casa da Cultura António Bentes/Museu Etnográfico do Traje Algarvio**, na r. José Dias Sancho, obra oitocentista que mereceu renovação recente;
- em São Bartolomeu de Messines, a **Casa Museu João de Deus**, na rua Dr. Francisco Neto Cabrita e rua do Arco, com reabilitação e adaptação pelo arq. Mário Varela Gomes, ant. a 1999;
- em Paderne, a recuperação de espaços públicos do **Centro Comunitário e de Saúde** (proj. do GAT Faro, em 2004-2005);
- em Alcoutim, a **Ermida de N. S. da Conceição**, com recuperação para núcleo de museu de arte sacra, pela CM de Alcoutim, em 1993-94; a obra de adaptação da **Casa dos Condes a Centro Cultural**, pelos arqs. Fernando Varanda e Manuel Pedro Chaves, em 1990-98; e a **Musealização da Villa Romana de Montinho das Laranjeiras** (pela CM de Alcoutim, obras em 2004);
- em Castro Marim, o **arranjo paisagístico da sede do concelho**, pela arq. paisagista Elisabete Coelho, GAT Tavira, ant. a 1999;
- em Alte, a **Escola Profissional Cândido Guerreiro**, com a recuperação de edifício, pela arq. Isabel Raposo e CM de Loulé, em 1991-94;

Monchique, Hotel Termal (recuperação).



- e em Querença, a **Igreja Matriz N. S. Assunção**, com portal manuelino (com recuperação de fachadas da envolvente e do largo da igreja, segundo o projecto GRUQ, em 2004-2005).

Como maior cidade algarvia, e sua dominante urbana em termos de centralidade e de oferta e diversidade funcional, Faro constitui um exemplo à parte, que quanto a nós merece um destaque individualizado.

Nesta cidade de dimensão média têm-se efectivamente concentrado algumas grandes funções urbanas e territoriais, de âmbito regional, que corresponderam, ou suscitaram, novas edificações e infra-estruturas – embora, em geral, sem uma qualidade ou inovação arquitectónicas especialmente destacáveis:

- o reforço da estrutura aeroportuária, com a **Nova Aerogare de Faro**, pelos arqs. José Mantero e João Motta Guedes, 1987;
- a criação do núcleos da nova **Universidade do Algarve**, com o **Pólo ou Campus Universitário da Penha** (pelo Gabinete Plano X, em 1978-88), e com o **Pólo ou Campus Universitário de Gambelas** (estrada do aeroporto), nos anos 1980;
- o **Conservatório Regional do Algarve Maria Campina**, na av. Dr. Júlio Filipe Almeida Carrapato (com Auditório Pedro Ruivo, para 483 espectadores, e uma galeria de exposições), em 1991;
- a **Fundação da Juventude**, na r. Projectada à av. Cidade de Hayward, em 1994, pelo arq. António Serrano Santos;
- o **Arquivo Distrital de Faro**, na av. Calouste Gulbenkian, em 1997-98, com projecto de Victor Má, Júlio Quirino, Paulo Viana;
- o **Centro de Ciência Viva**, na antiga **Central Eléctrica**, na rua Comandante Francisco Manuel, junto aos Bombeiros Voluntários, de 1997;

- a **Biblioteca Municipal António Ramos Rosa**, na rua Pintor Carlos Porfírio, ao jardim Alameda (auditório para 114 lugares, perto do auditório do I.P.Juventude), de 1996-2001, por António Serrano Santos (integrou o antigo matadouro neo-árabe);
- e a **Direcção Regional de Segurança Social**, na rua Pintor Carlos Porfírio, de 2003, pelo Gabinete Gitapo/arq. Pedro Potier.

Paralelamente a esta extensa dotação equipamental, por via do investimento público, a cidade exprimiu nas décadas mais recentes um dinamismo económico, assente apesar de tudo no investimento imobiliário privado, o qual, se por um lado a desfigurou nalgumas áreas de expansão, por outro ajudou à criação e ao firmar de uma nova escala urbana. Podem enumerar-se alguns exemplos das arquitecturas que serviram esta expansão, essencialmente para comércio e habitação colectiva, embora nem sempre com a mais elevada qualidade arquitectónica:

- o **Conj. Habitacional COOBITAL**, na praça António Sérgio/prança dos Cooperativistas, de 1985-1987, por José Lopes Costa;
- o **Edifício “Nónio”**, r. Pedro Nunes 4 e 5, de 1985, por João Ramires Fernandes (1990 PMA);
- o **“Quarteirão Branco”**, na av. 5 de Outubro/r. da Alameda/r. Dr. Manuel de Arriaga, de 1987, pelo veterano Gomes da Costa;
- o **Edifício “Galerias Persa”**, na E.N. 125, de 1989, por João Pardal Monteiro (1992 PMA);
- o **Edifício “Ninho de Empresas”**, pelo arq. António Santos, de 1993;
- o **Edifício “Santo António”**, por Teresa Mourão e Carlos Caneira Antunes, dos anos 1990;
- o **Empreendimento São Luís Parque e Praça de Allandra**, dos arqs. Teresa Mourão de Almeida e Carlos Caneira Antunes, de 1994 (no local do antigo Parque São Luís, do promotor João Pires & Brito, que construiu muito com o arq. Gomes da Costa);
- o **Edifício João Lúcio e Praça dos Poetas**, pelo arq. Francisco dos Santos e Agostinho (J.P.& Brito), de 1997;
- a **Urbanização Montinho**, pelo arq. Gomes da Costa, dos anos 1990;
- e o **Edifício Ágora e Praça de Ossónoba**, igualmente pelo arq. Gomes da Costa, de 2001 (J.P.& Brito).

Hoje, no despontar do século XXI, e após a celebração do evento Algarve & Faro Capital Nacional da Cultura 2005, julgo que se devem valorizar as dimensões múltiplas e complementares da “Cultura do território” e do “Território da cultura”. Neste sentido, há que dar os melhores e mais actuais exemplos concretos deste duplo entendimento da intervenção cívica, no plano da arquitectura de iniciativa pública.

Deste modo, e como um conjunto de obras no centro histórico de Faro, numa perspectiva integrada e multiplicadora, é de referir a obra de recuperação do

Interior da capela da Horta de Ourives (cúpula, em recuperação).



Teatro Municipal de Faro (obra em 3/2005).

Convento de São Francisco para Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve e Estalagem de S. Francisco, no Largo de S. Francisco, em construção dos sécs. XVIII e XIX, com projecto de recuperação e adaptação pelo arq. João Luís Carrilho da Graça, em 1994-97; e, na anexa **Igreja de S. Francisco** (do séc. XVII, por Diogo Tavares, com altares do séc. XVIII), a obra de restauro de pintura, azulejo e talha, promovida pela câmara e apoiada pela DGEMN. Como obra de enquadramento e complemento, deve ainda referir-se a intervenção no **Largo de São Francisco, com criação de espaço público e de estacionamento**, pelo arq. António Santos com a CM de Faro, em 1998-99.

Como obra memorável no espaço dos arredores da cidade, procurando a revitalização patrimonial e a integração de espaços periféricos e de obras monumentais antigas na dinâmica urbana, deve citar-se a obra do **Teatro Municipal de Faro**, na Horta do Ourives, pelo arq. Gonçalo Byrne, (em articulação com o restauro e adaptação das antigas **Casa das Figuras e do Solar do Desembargador**, para sede da orquestra do Algarve e para salas de ensaios), em 2004-05. Constitui a obra, nova e patrimonial a um tempo, emblemática da Capital Nacional 2005.

Finalmente, como obra de valorização do espaço rural e de pequenos povoados, parece-nos que em Estoi, com a revisão das sucessivas (embora incompletas) campanhas de restauro e reintegração do **Palácio e dos Jardins de Estoi**, promovidas pelos Monumentos Nacionais, entre 1992 e 1995, e quando este importante conjunto dos séculos XVIII e XIX vier a ser complementado com a prevista **Pousada de Estoi**, associada ao palácio e jardins (com projecto de Gonçalo Byrne, 2004-2005), se conseguirá realizar um investimento vivo e dinâmico, exemplar da atitude perante a paisagem, o património e o território.





LISTAGEM DE EDIFÍCIOS COM INTERESSE ARQUITECTÓNICO, CLASSIFICADOS

Foi elaborada uma lista completa dos edifícios oficialmente classificados (valor como património, IPPAR), por concelhos, por ordem alfabética, com base na bibliografia adiante referida. Os asteriscos referem-se a obras com especial interesse estético ou patrimonial.

Uma listagem complementar refere-se a outros edifícios, não classificados, mas também reconhecidos pelo autor, e considerados com valor arquitectónico.

CONCELHO DE ALBUFEIRA

* Castelo de Paderne

IIP 1971

(ocup. Muçulmana, muralhas de taipa, planta trapezoidal; obra de recuperação pelo IPPAR, 2005)

Igreja Matriz de Paderne

IIP 2002

(na Praça da República; arcaria interior clássica)

CONCELHO DE ALCOUTIM

Castelo Velho de Alcoutim

IIP 1997

(a cerca)

Barragem de Álamo

IIP 1992

(restam 40 metros; villa próxima escavada por Estácio da Veiga)

Cerro do Castelo de Santa Justa

IIP 1990

(povoado calcolítico; perto de Martinlongo)

Igreja de Martinlongo

IIP 1967

(antiga mesquita, resta torre; capitéis de influência Bizantina)

CONCELHO DE ALZEJUR

Castelo de Alzejur

IIP 1977

(poligonal, arruinado em 1755, reconstr., panos e torres)

CONCELHO DE CASTRO MARIM

* Castelo de Castro Marim, IIP 1933 e ZEP 1956

(vestígios da Idade do Ferro e romanos, castelo por D. Afonso III – Castelo Velho – aumentado por D. João IV; tem museu na torre de menagem, com restos de pelourinho)

CONCELHO DE FARO

* Arco da Vila

MN 1910

(antiga porta do castelo, séc. XVIII, desenhado por Francisco Xavier Fabri, 1812)

c/ Muralha Seiscentista de Faro

IIP 1997

(troços, séculos XI-XVI)

* Casa das Figuras

IIP 1978

(à entrada da cidade, fachada nascente com frontão decorado com figuras zoomórficas e antropomórficas, frente a solar da Horta do Ourives, do séc. XVIII; ligada ao novo Teatro Municipal; foi do Desembargador Veríssimo, meados do séc. XVIII)

* “Celeiro” da cerca do Convento

de S. Francisco/Casa de Fresco

IIP 1977

(r. Manuel Penteadado, 24, séc. XVIII, com planta e abóbadas octogonais; foi do desembargador Veríssimo, meados séc. XVIII, com figuras em relevo como as da Casa das Figuras, representa Hércules e o Adamastor)

Cemitério da Colónia Judaica de Faro

IIP 1978

(1838, reconstr. 1993, estrada da Penha, junto ao estádio de S. Luís)

* Convento de N. S. Assunção/Museu

Municipal/Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique

lg. D. Afonso III 14 e 15, MN, 1948 (fund. 1518-23, portal da fachada de 1539, claustro renasc. relacionado com os de Coimbra, de Tomar e da Penha Longa, de 1540-1550, Afonso Pires – 1542-44; recup. pela DGEMN em 1964; obras de reinstalação de um dos núcleos do Museu Municipal de Faro, 1998-2...)

Sé Catedral de Faro, Igreja de Santa Maria,

largo da Sé, IIP 1955

(1251-1271 e 1577; torre-relógio românico-gótico, com alter. Renasc. e barrocas; azulejos e talha; restauro, 1996-97, recuperação da envolvente, 1998, in Monumentos n.º 6 de 2/1997)

Edifício na praça Ferreira de Almeida

n.º 1 a 3 e 6 a 7, IIP 1977

(pertence à Misericórdia de Faro)

Igreja de N. S. do Carmo, IIP 1978

(Largo do Carmo, tectos pintados, e com Capela dos Ossos, de 1747, obras p/ Diogo Tavares em 1878; portal barroco e torres rocaille)

Solar Cúmano/Casa Crispim, edif. na r. de São

Pedro, 10 a 16/rua do Prior 48 a 52, IIP 1986

(seg. metade séc. XVIII, com pátio, Antiga sede do Arquivo Distrital)

Edifício Setecentista, IIP 2002

(r. Dr. Francisco Gomes 1 e 3, esquina com Praça Dr. F. Gomes 7 a 9)

* Palacete Doglioni ou Palacete Cúmane, IIP

2002

(r. do Lethes 32/Travessa do Lethes 1 e 3/Lg. Terreiro do Bispo 7 e 8; séc. XVII, recup. séc. XIX, alterado, 1920)

Palácio Bívar, IIP 2002

(r. Conselheiro Bívar 2 a 18/Trav. dos Arcos 2 a 11/Trav. José Coelho 2/r. do Prior 11 a 19/r. 1.º de Maio 1; finais séc XVIII, 1815, mestre canteiro José António Vidal, 1836)

Solar do Capitão-Mor/Colégio Algarve, IIP 2002

(r. Filipe Alistão 7 a 17/r. Capitão-Mor 18 a 26; de 1751, ligado ao novo Teatro Municipal 2005)

Solar da Horta do Ourives, EN 125, séc. XVIII

(ligado ao novo Teatro Municipal)

Solar dos Gárfias, IIP, ?

(r. Tenente Valadim, 26 a 34, séc. XVIII, alterado por arq. Armando Reis, 2001)

Porta e Ermida de N. S. do Repouso, MN, ?

(r. do Repouso no interior das portas Almôadas, 1722)

*** Palácio e Jardins de Estoi, IIP 1977**

(construção inicial do séc. XVIII – 1782-83, pelo Coronel Francisco José de Carvalhal, provável pelo arq. Mateus Vicente, segundo Queluz; e fase fins séc. XIX-XX, por José Francisco da Silva, futuro Visconde de Estoi, com arq. Domingos António da Silva Meira, 1893-1909, construindo portal da r. da Barroca, torre sineira junto à capela e corpo térreo anexo a nascente; contém jardins, fontes e estatuária; obras recentes de restauro pela DGEMN)

*** Ruínas de Estoi, com villa romana do Milreu, MN 1910**

(*villa* rústica do séc. I ou II, palácio com termas do séc. III, remodelada com templo pagão no séc. IV e ocup. até ao séc. VI ou VII, EN 2-6)

CONCELHO DE LAGO**Castelo de São João de Arade, IIP 1974**

(em Ferragudo; inicialmente Torre vigia por D. João II, depois ampliado na Restauração; actual residência)

*** Forte e Capela de N. S. da Rocha, IIP 1963**

(perto de A. de Pêra, restos da muralha, com capela no interior, com cobertura octogonal, fachada com nártex com duas colunas, uma de capitel visigótico)

*** Igreja de São Tiago de Estombar, MN 1984**

(fachada do séc. XVIII, com portal manuelino, interiores com retábulos e azulejos, e raras colunas manuelinas com fuste esculpido)

CONCELHO DE LAGOS**Barragem Romana da Fonte Coberta, IIP 1992**

(em São Sebastião, muro espesso)

Estação Arqueológica de Monte Molião, IIP 1992

(em São Sebastião, elevação sobre ribeira de Bensafrim, com necrópoles séc. IV ou III a.C. e romanas, com cisterna, poderá ser antiga Laco-briga)

Castelo da Senhora da Luz, IIP 1977

(na Ponta da Calheta, reconstruído por D. João III e na Restauração, é actual residência)

Estação arqueológica Romana da Praia da Luz, IIP 1992

(*villa* com termas e pavimentos com mosaicos, e complexo industrial com torres de salga)

*** Igreja da Luz**

IIP 1944

(classificada a capela-mor com arco triunfal ogival de 3 tramos e nervuras; altar-mor com talha barroca)

*** Igreja de S. António, MN 1924 e ZEP de 1969**

(r. Gen. Alberto da Silveira, Lagos. Reedificada em 1769, decoração total de talha dourada barroca; tecto de madeira pintada, em perspectiva; portal Renascença anexo, entrada do museu; recuperação de cobertura pela DGEMN, 2003; *in* Monumentos n.º 21, 9/2004)

Igreja de São Sebastião, MN 1924, ZEP 1969

(r. Cons. Joaquim Machado, Lagos; renascentista, restaurado séc. XIX, portal principal de 1612 e lateral de 1568, interior 3 naves dóricas)

*** Muralhas e Torreões de Lagos**

MN 1924, ZEP 1969

(porta de Portugal e porta do Postigo, Paços dos Governadores do Algarve)

Muralhas de Lagos e Forte da Bandeira

(recuperação da muralha a nascente, do Palácio dos Governadores, e Porta de S. Gonçalo; *in* Boletim DGEMN n.º 104, 6/1961)

Porta da Vila

(restauro do baluarte e instalação de observatório, pela CML e Ministério da Ciência e Tecnologia, c/ apoio DGEMN, 1998-2001; *in* Monumentos n.º 10 de 3/1999)

Igreja matriz de Odiáxere, IIP 1996

(Largo da Liberdade)

Forte da Ponta da Bandeira ou de N. S. da Penha de França ou do Pau da Bandeira ou Forte do Registo, IIP 2002

(av. Descobertas, constr. 1679-83 a 1690, ribeira; conservação e recuperação pela DGEMN em 2002-2003, *in* Monumentos n.º 17, 9/2002)

CONCELHO DE LOULÉ**Capela de N. S. da Conceição, IIP 1953 e ZEP 1985**

(r. Paio Peres Correia, Loulé; retábulo de talha, estatuária e azulejaria séc. XVIII)

Castelo de Loulé, MN 1924 e ZEP 1985

(alguns panos de muralha e uma torre, vestígios muçulmanos; manutenção e conservação, incluindo Igreja de N. S. do Pilar, junto à porta do Pilar, e implantação de circuito pedonal, pela DGEMN, 2002-2003, *in* Monumentos n.º 17, 9/2002)

Igreja da Graça, MN 1924 e ZEP 1985

(lg. Tenente Cabeçadas, portal gótico)

Igreja da Misericórdia de Loulé, MN 1924 e ZEP 1985

(av. Marçal Pacheco; classificado portal manuelino e cruzeiro em granito)

Igreja de São Clemente, matriz de Loulé, MN 1924 e ZEP 1985

(lg. da matriz; portal ogival e óculo)

Forte Novo ou da Armação, IIP 1974

(à rib. de Quarteira; de D. João II, rest. séc. XVIII com 4 pontas)

(Atenção: foi desclassificado por ter sido destruído, decreto em 2002)

Pelourinho de Loulé, IIP 1933

(classificação em reapreciação)

*** Igreja de São Lourenço de Almancil, IIP 1946**

(barroca, paredes, abóbada e zimbório totalmente revestidas a azulejo séc. XVIII, por Policarpo de Oliveira Bernardes; restauro pela DGEMN, 1998, *in* Monumentos n.º 10, 3/1999)

Ruínas Romanas do Cerro da Vila, Vilamoura

IIP 1977 (*villa* do séc. III, ocup até ao séc. XI)

CONCELHO DE MONCHIQUE*** Igreja matriz de Monchique, IIP 1997**

(com portal manuelino polilobado)

Pelourinho de Monchique, IIP 1933

(há fragmentos)

CONCELHO DE OLHÃO**Ponte velha de Quelfes**

IIP 1990

(com um arco, várias reconstruções)

CONCELHO DE PORTIMÃO**Capela de São José, VC 1977**

(r. Dr. José Falcão; frontão a encimar a fachada com pináculos)

*** Edifício do Colégio dos Jesuítas,**

VC 1974

Pr. República (fund em 1660, arq. Bartolomeu Duarte, com vasta fachada em triângulo) (houve polémica recente com mercado fronteiro, entretanto demolido)

Igreja de N. S. da Conceição

matriz de Portimão, IIP 1977

(r. Machado Santos; pórtico trecentista, reedificada no séc. XVIII e remodel. em 1845)

Forte de Santa Catarina**Praia da Rocha, IIP 1977**

(reconstr. séc. XVIII, rectangular, adaptada a restaurante e esplanada nos anos 1960)

Estação Romana da Quinta da Abicada

à Mexilhoeira Grande MN 1940 e 1946

(villa romana de original peristilo hexagonal, com mosaicos, séc. I a IV)

Castelo ou Forte de Alvor, IIP 1984

(lg. do Castelo, destr 1755, restos de muralhas)

*** Igreja do Divino Salvador**

matriz de Alvor, IIP 1948 e ZEP de 1977

(do séc. XVI, só class. pórtico principal proto-renascentista e pórtico lateral, manuelino, morabito anexo à igreja, a própria sacristia, IIP 1978)

*** Monumentos de Alcalar**

MN 1910

(a 5 km da Mexilhoeira Grande, necrópole com 12 sepulcros de corredor, com tipos de câmara megalítica e de falsa cúpula com nichos laterais; inclui centro de interpretação do arq. João Santa Rita; 2 morabitos e a Pedra Moirinha, classificados)

CONCELHO DE SILVES**Castelo de Alcantarilha, IIP 1977**

(em Alcantarilha, restos medievais em fortificação séc. XVIII)

Igreja N. S. Conceição

paroquial de Alcantarilha, IIP 1970

(abobada da capela-mor e arco triunfal manuelinos, o resto reconstrução)

*** Castelo de Silves**

MN 1910, ZEP 1948

(ocup. muçulmana sécs. VIII a XIII; muralhas de taipa e torres; vasta cisterna central com 5 arcos de volta inteira; Castelo de Silves, restauro das muralhas, *in* Boletim DGEMN n.º 51, 3/1948)**Poço-cisterna árabe de Silves, MN 1990**

(r. das Portas de Loulé; circular, com 18 m de profundidade, funcionou dos sécs XI a XVI, inserido no Museu de Arqueologia, arq. Varela Gomes, 1990)

Igreja da Misericórdia de Silves, IIP 1961

(fachada de pórtico com frontão clássico, portal lateral manuelino)

Pelourinho de Silves

IIP 1933

(r. do Pelourinho)

*** Sé de Silves**

MN 1922, ZEP 1956

(gótica, em grés local, com pórtico ogival; porta barroca de 1781, 3 naves)

Sé Catedral de Silves, restauro (*in* Boletim da DGEMN n.º 80 de 6/1951)**Ermida N. S. Mártires, IIP 1961**

(r. Afonso III com lg. Mártires da Pátria, fund. séc. XII, o que existe é dos sécs XVI e XVIII)

Cruzeiro da Cruz de Portugal, MN 1910

(no sítio homónimo)

Fortaleza de Armação de Pêra, IIP 1978

(abaluartado de 1667)

Igreja S. Bartolomeu de Messines, IIP 1955

(portal barroco, com capela manuelina)

Menir dos Gregórios, IIP 1986

(nos Pontais; monolito do neolítico final)

Estação arqueológica de Vila Fria, IIP 1997

(freg. de Silves)

CONCELHO DE TAVIRA*** Capela São Sebastião, VC 1977**(Campo Mártires Pátria/Atalaia, séc. XVII – XVIII; 3 corpos: capela-mor cúbica com cobertura semi-esférica; pintura interior em *trompe l'oeil*; Museu da pintura)(consolidação e restauro pela Câmara Municipal, 2000-, *in* Monumentos n.º 13, 9/2000, e *in* Monumentos n.º 19, 9/2003)*** Igreja da Misericórdia de Tavira,**

IIP 1940, ZEP 1960,

(r. da Galeria, séc. XVI, 1541-, portal renasc. por André Pilarte, de 1551 e 3 naves com colunas com capitéis c/ carrancas, portal lateral, talha e azulejos séc. XVIII)

Igreja/Capela de Santa Ana, VC 1977(Rossio de Santana; séc. XVI, reconstr. séc XVIII, foi então capela do governador do Algarve; recuperação pela CMT em 2002-2003, *in* Monumentos n.º 18, 3/2003)*** Igreja de Santa Maria do Castelo, paroquial, MN**

1910, ZEP 1960, r. D. Paio Peres Correia

(séc. XIII, reconstr. pós 1755, por Fabri; estrutura e portal góticos, 3 naves, capela manuelina do Senhor dos Passos; recuperação pela DGEMN, 2000, *in* Monumentos n.º 13, 9/2000)**Muralhas do Castelo de Tavira,**

MN 1939, ZEP 1960

(panos de muralha, partes de alcáçova e arco da Bela Vista; consolidação das muralhas, pela DGEMN, 2000-2001; e Travessa dos Pelames, em 2002-2003; nos troços da envolvente à futura pousada, 2002-2003; *in* Monumentos n.º 15, 9/2001; e ligação em escadilhas à rua da Liberdade, junto ao edifício Irene Rolo)*** Ponte Antiga sobre o Rio Gilão, IIP 1986**

(do sec. XVII talvez com origem romana) (obras de reconstrução/consolidação pela DGEMN em 1991)

*** Arraial Ferreira Neto, IIP 2002**

(nas Quatro Águas)
(obra de adaptação a Hotel Albacora/Vila Galé, 2001)

Estação arqueológica Romana da Luz, IIP 1992
(vestígios da antiga Balsa, mosaicos, termas e tanques de salga)

Forte da Conceição, ou de S. João da Barra, IIP 1960 (na Praia/Cabanas; do séc. XVII, ampliada séc. XVIII)

Forte do Rato, ou de S. António de Tavira, IIP 1983, (na foz do Gilão, séc. XVI, ampliado na Restauração)

Ermida N. S. das Angústias, ou do Calvário VC 1977
(em São Pedro, com interior em *trompe l'oeil*)

CONCELHO DE VILA DO BISPO

*** Igreja N. S. Conceição**, matriz de Vila do Bispo, IIP 1958, ZEP 1962
(fachada do séc. XVIII, torre sineira, azulejos, tecto de masseira, pintado, retábulo da capela mor em talha, 1715)

Igreja Matriz de Vila do Bispo, restauro (*in* Boletim DGEMN n.107 de 3/1962)

*** Ermida N. S. Guadalupe**, MN 1924, ZEP 1955
(na Quinta de Guadalupe, Românico-gótica ou séc. XVI manuelino, com portal ogival)
Ermida de N. S. de Guadalupe, restauro (*in* Boletim DGEMN n.º 82 de 12/1955)
(novas obras de restauro em 2004-2005)

Forte da Boca do Rio ou de Almádena, IIP 1974
(na foz da ribeira de Budens, por D. João III, ruínas)

Forte do Burgau, IIP 1977
(em Budens, constr. de D. João IV, a 10 km de Lagos, ruínas)

*** Torre e Muralhas de Sagres ou Fortaleza de Sagres**, MN 1910, ZEP 1986
(do séc. XVI, com obras até XVIII e recuperação nos anos 1990)

na mesma ZEP: **Fortaleza de S. António do Beliche**, IIP 1957, ZEP 1986
(reconstr. 1632, ruínas séc. XVII, com capela S. Catarina e restaurante adossado à muralha, 1960)

na mesma ZEP: **Fortaleza do Cabo São Vicente**, IIP 1961, ZEP 1986
(reconstr. 1606, e farol em 1904)

Menir de Aspradantes, IIP 1992
(na Raposeira, monólito erecto)

Ruínas Lusitano-romanas da Boca do Rio, IIP 1977, ZEP 1991
(na Praia da Boca do Rio, *villa* romana séc. I a IV)

CONCELHO VILA REAL DE S^{TO} ANTÓNIO

Conjunto de Cacela Velha, IIP 1996
(o conjunto da povoação com forte)

Monumentos da Quinta da Nora e Herdade da Marcela, IIP 1910 (anta e tholos)
(completado com classificações constantes dos decretos pós. 1993-2/1996, 67/1997 e 5/2002)

OUTROS EDIFÍCIOS E ESPAÇOS, NÃO CLASSIFICADOS

A listagem seguinte constitui um complemento à listagem dos edifícios históricos classificados, atrás referida.

CONCELHO DE ALBUFEIRA

*** Ermida de São Sebastião**
Praça Miguel Bombarda, junto às arribas (arco manuelino, portal barroco, com cúpula esférica, séc. XVIII)

Antiga Sede da Ordem de Aviz
Travessa da Bateria (telhados múltiplos, reconstr. em 1980, séc. XVII?)

Edifício r. 5 de Outubro n.º 20
(telhado tesoura, pombinhas, séc. XVIII)

Edifício, r. 5 de Outubro n.º 30
(torreão, rosetas, sécs. XVIII-XIX)

Edifício Solarengo

r. 5 de Outubro n.º 61 (com brasão, séc. XVIII)

Igreja de Santana
(com cúpula, fins séc. XVIII)

Palácio largo Jacinto D'Ayet
(ruínas, séc. XIX)

Central Eléctrica
Largo Duarte Pacheco, 1926 (data em numeração romana em azulejos da fachada)

Moradia modernista, r. 1.º de Dezembro, n.º 24
(volume cubista, 193...)

Antigo Cine-Teatro
av. 25 de Abril (ferros forjados, reixas, 194...-195..)

Posto de Turismo
r. 5 de Outubro (arq. do Estado Novo), 194...-195...

Colónia de Férias da F.N.A.T.
arq. Jorge Oliveira, 1947

Hotel Sol e Mar
(articula em túnel com a praia, tem esplanada com azulejos "Aleluia"/Aveiro) 195...-196...

Aldeia das Açoteias
por Victor Palla
196...

Pavilhão Desportivo
pelos arqs. Fernando Torres e Luís Frasco
1985-92

Câmara Municipal de Albufeira e Tribunal
(novos edifícios)
198...

Piscinas Municipais
arq. António Correia/GAT
1997-2005

POLIS de Albufeira
(requalificação da área histórica e da frente mar, 200...-)

GUIA

Mercado Municipal e A.T.L. da Guia
(arq. de terra, José Alegria, 1996-97)

BALAIA**Hotel da Balaia**

ateliers Conceição Silva e Maurício de Vasconcelos, proj. arq. Tomás Taveira, 1965-67 ou 1966-69, com ampliação em 1972 (*in* *Arquitectura* n.º 108, de Março-Abril de 1969)

Apartamentos da Balaia

atelier Conceição Silva
1966...

PADERNE**Morada**

(com rampa), arq. Manuel Laginha (*in* rev. *Arquitectura* n.º 35, de 1950), de 1948 (quase totalmente destruída, resta uma janela)

Recuperação de espaços públicos do Centro Comunitário e de Saúde

(proj. GAT Faro, 2004-2005)

Museu do Barrocal

recup. de edifício
(proj. 2004-2005)

CONCELHO DE ALCOUTIM

Igreja de São Salvador (portal renasc. e capiteis)
séc. XVI

Ermida de N. S. da Conceição, recuperação para núcleo de museu de arte sacra, pela C.M.A., 1993-94

Casa dos Condes/Centro Cultural, arqs. Fernando Varanda e Manuel Pedro Chaves, (recuperação, 1990-98)

Centro Náutico

(proj. 2004-2005)

Museu do Rio em Guerreiros do Rio

(pela CMA, em constr. 2004)

Musealização da Villa Romana do Montinho das Laranjeiras
(pela CMA, obras em 2004)

Hotel Rural de Guerreiros do Rio
(em construção 2004)

Finca Rodilha, hotel e conj. turístico
(em construção 2004)

MARTINLONGO

Igreja N. S. Conceição
de Martinlongo, séc...

Piscinas de Martinlongo

Anterior a 2000

VAQUEIROS**Igreja Matriz**

recuperação da envolvente do largo da igreja, por DGEMN e GTAA
(proj. 2004-2005)

CONCELHO DE ALZÉJUR

Conjunto urbano de Odeceixe

Castelo de Aljezur

(proj. de restauro, 1995, constr. ?)

Igreja Nova

(possível obra por Fabri, segundo Horta Correia)
179..

Antiga Creche/Centro de Saúde da Misericórdia,**Igreja Nova/ Aljezur**

arq. Manuel Gomes da Costa (1921-), 195... (inicial "Centro de Assistência Polivalente")

Quartel dos Bombeiros

Igreja Nova/Aljezur
c. 198...

Rogil, espaços públicos da estrada nacional 120 e do Largo do mercado

(requalificação, Vãos Arquitectos Associados, ant. 1999)

CONCELHO DE CASTRO MARIM

Castelo e igreja com portal clássico (intramuros)
Séc. XVI (com vestígios de rua principal e escavações arqueológicas)

Fortaleza da Restauração

Séc. XVII

Casas térreas com telhados múltiplos e reixas

16...-17...

Edifício com gárgulas cerâmicas

r. 25 de Abril, 1903 (data na fachada)

Casa com balaustrada

r. 1.º de Maio,
19..

Edifício com dois pisos

(levant. JMF 1979-81 n.º 736)
193..

Arranjo paisagístico da sede do concelho

arq. paisagista Elisabete Coelho, GAT – Tavira,
Anterior a 1999

ODELEITE

Conjunto do povoado

Igreja de Odeleite

portal clássico, séc. XVI

Antiga Casa de Lavrador/Núcleo Museológico de Odeleite

(arq. João Moitinho, proj. 2004-2005)

CONCELHO DE FARO

Ermida de N. S. do Ó (sobre a porta da muralha, no interior), séc. XVI, reconstr. séc. XVIII)

Seminário Episcopal

Largo da Sé, 17 a 22, 1789 ala norte, 1808 ala sul,
F. Xavier Fabri, séculos XVIII-XIX

Castelo/Fábrica de Cerveja

r. do Castelo, 2 a 6, séc. XIII, reconstr. 1596, alterada em 1930 para fábrica (constitui um dos núcleos renovados do Museu Municipal)
1998-2...

Paço Episcopal

lg da Sé 15 (1585, telhados múltiplos)
(restauro pelo IPPAR, 2004-2005)

Igreja da Conceição

(portal e capitel clássico)
Séc. XVI

Igreja de S. Pedro

lg. S. Pedro (portal clássico)
Séc. XVI-XVII, reconstr. séc. XVIII

Igreja da Misericórdia e Hospital

r. da Misericórdia 13 a 17/Lg. D. Francisco Gomes
1 e 3 (séc. XVI-XVII, portal clássico), reconstrução
em 1815, p/ Francisco Xavier Fabri

Convento dos Capuchos/Quartel da GNR

r. Serpa Pinto, 57, 1620 (recuperação por António
Santos, 1990)

Ermida N. S. Esperança

r. Aboim Ascensão
séc. XVI, recup. 1760, ampliada em 1999 por Te-
resa Valente

Ermida de São Sebastião

lg. S. Sebastião
Séculos XIV-XVIII

Ermida de S^o António do Alto

r. de Berlim
séc. XV, alt./reconstr. séc. XVIII (com torre/depó-
sito de água dos anos 1940-50)

Igreja do Pé da Cruz

lg do Pé da Cruz e r. da Trindade, de 1644, com
Passo de 1779, com pórtico de arcada e lanternim
sobre cúpula

Igreja de São Luís

lg. de São Luís
Séc. XVII, alt. séc. XVIII, recup. 1806 por Francisco
Xavier Fabri

Casa dos Telhados de Tesouro

r. Veríssimo de Almeida, 1 e 3/r. Manuel Belmar-
ço/r. Alexandre Herculano (casas térreas, com
um torreão e 3 telhados)
Séc. XVI

Casa do Gaveto

r. Vasco da Gama 36 a 40
r. Batista Lopes 3 e 5
(3 telhados de tesoura)
Fins séc. XVII-XVIII

Casa da Padaria

r. da Cruz das Mestras
lg de S. Pedro (família Sande Lemos),
Séc. XVIII? (com telhados de tesoura)

Casa de Domingos Guieiro,

r. Domingos Guieiro. lg. Afonso III
Séc. XVIII (antigo Governo Civil)

Solar dos Sárrias/"Águas do Algarve"

r. do Repouso 16 e 18/r. do Rasquinho, 36 e 37
Séc. XVII, alterado e recuperado por Armando
Reis, 1998

**Casa do Capitão Manuel de Oliveira/Serviços
Municipalizados**

r. Norberto da Silva 2 a 8/r. do Arco/r. do Trem 6
a 8, séc. XVIII, ampliado por arq. António Serrano
Santos/CMF
1997

Solar do Pantojas/Club Farense

r. de Sto. António 28 a 38
Séc. XVIII
reconstr. 1917

Casa dos Açafatas

r. Santo António 31 a 39
Séc. XVIII

Casa dos Lamprier

r. do Compromisso, 46 a 58
Séc. XVIII

Casa do Portal manuelino

r. D. Francisco Gomes, antes do Rego
(telhados de tesouro)
Séc. XVIII, com vestígios do séc. XVI

**Casa do Compromisso Marítimo/Instituto
Solidariedade e Segurança Social**

r. S. Pedro 26 a 30/R. Comprom. Marítimo 45/49,
1709 Ignácio Mendes, alt. João Miguel Palma,
2001 (com janela manuelina?)

Horta do Ourives

casa do desembargador Veríssimo Mendonça
Manuel, com Capela do Senhor do Bonfim (cape-
la octogonal, e cúpula, de 1740); edifício com dois
pisos, de telhados múltiplos (na EN 125 p/ Loulé),
do séc. XVIII (a estrada foi desviada para ligar o
edifício, restaurado, ao novo Teatro Municipal)

Teatro Lethes

(antiga igreja jesuíta do Colégio de São Tiago
Maior, de 1605) r. de Portugal 50 a 58, reaberto
como teatro por Lázaro Doglioni
1843-45

Palacete/Escola Normal de Faro

r. Serpa Pinto/Batista Pinto
1878

Câmara Municipal de Faro

r. do Município, 13
(neo-class. iniciado em 1883, obras em 1945 por
Jorge de Oliveira)

Casa Mateus da Silveira/Clínica de Sta. Maria

r. Infante D. Henrique, 11/r. Gomes Freire/Cons.
Sebastião Teles, c. 1888, obras por João Sustelo
Quirino, 1992

Antigo Matadouro de Faro

neo-árabe, av. Vasco da Gama
1896-99 (integrado na nova Biblioteca Municipal)

Coreto Praça D. Francisco Gomes Avelar

1899

Diocese do Algarve

r. Castilho/r. Brites Almeida
(séc. XIX?)

Palacete do Tenente João de Carvalho

r. Conselheiro Bívar 75 a 99,
Séc. XIX

Palácio das Lágrimas,

praça Alexandre Herculano 15 a 21/r. Rebelo da
Silva 42 a 50/r. Castilho 37 a 41 b
Séc. XIX, alterado em 1924

Casa do Dr. Brito da Mana

lg. do Pé da Cruz 25 a 27
Séc. XIX

Casa da Família Trigoso

r. 1.º de Maio 7 a 11/r. do Prior 4 a 6
Séc. XIX

Casa de José Maria Assis

r. do Rasquinho 21 e 23
Séc. XIX

Casa da Família Alexandre da Fonseca

lg. Dr. Marcelino Franco 2/r. da Misericórdia 58 a 60, séc. XIX, alterado em 1937
ampliado em 1940

Casa da Família Arouca

lg. Alexandre Herculano, 27
Séc. XIX

Edifício da Alfândega

av. da República, 2 a 14
Séc. XIX

Casa da Saúde/Grande Hotel

r. Infante D. Henrique, 28 a 40
Séc. XIX

Governo Civil

praça D. Francisco Gomes 1 a 1b
Fins séc. XIX (restauro pela DGEMN, 1999-2000,
in Monumentos n.º 12, de 3/2000)

Hotel Nicola

r. Ivens/r. Tenente Valadim
Séc. XIX?

Palácio Lã

neo-gótico (demolido), 18...

Chalet-Pavilhão

Alameda-parque João de Deus
1898 (data na fachada)

Palacete Belmarço

lg. Dr. Marcelino Franco, 1/ r. S. Francisco 13 a 15/
r. José Maria Brandeiro 12 e 14
arq. Norte Júnior
1912-17

Liceu de Faro/Escola Secundária**Tomás Cabreira**

r. Dr. Manuel Arriaga 2
1918 (ampl. meados séc. XX p/ escola secund.)

Casa dos Azulejos

r. S. Pedro, 45
eng. José Barros
1926

Banco de Portugal

praça D. Francisco Gomes 12,
arq. Adães Bermudes, (neo-árabe)
1926

Conjunto da “Urbanização das Hortas”

(malha reticulada, r. Teresa Ramalho Ortigão/r.
Bocage, fachadas térreas com platibanda e deco-
ração, depois de 1927)

Dispensário Anti-Tuberculoso

arq. Raul Lino (frente ao Teatro Lethes)
192...-193...

Vivenda Marília

r. Dr. Justino Cúmano 15 e 17/ r. Almeida Garrett
44 a 52/r. F. Horta,
Jaime Ruivo
1930

Palacete Guerreirinho

r. Ventura Coelho 31 e 33/r. Infante D. Henrique
Norte Júnior
1936

Café Aliança

r. Marinha 8 a 12/r. D.F. Gomes 7 a 11
provavelmente por Norte Júnior
1930

Moradia

esquina r. João de Deus/r. Justino Cúmano (ficha
levantamento JMF 1979-81 n.º 772) 193..

Moradia

r. Justino Cúmano (faixa de cerâmica vidrada)
(ficha levantamento JMF 1979-81 n.º 773) 193...

Moradia perto do Mercado

(com laje de betão expressiva; ficha levantamento
JMF 1979-81 n.º 774)
193...

Moradia

estrada N. S. da Saúde (volumes prismáticos; lev.
JMF 1979-81 n.º 779), 193...

Esplanada do São Luís Parque

193...-194...

**Antigo Posto da “Polícia de Viação e Trânsito/
PVT”, actual “Posto de Informação a Jovens”**

lg. Manuel Teixeira Guedes,
193...-194...

Bairro dos Centenários

1940

Caixa Geral de Depósitos

praça D. Francisco Gomes (arq. Veloso Reis Ca-
melo), anos 1940

Casa do Poeta

r. General Humberto Delgado, 59
1944, Jorge de Oliveira

Moradia de gosto “Português Suave”

r. Ataíde de Oliveira n.º 106 (com arco cerâmico,
verde)
194...-195...

Palácio Fialho, Quinta do Alto

à Ermida de S. António do Alto (constr. pelo in-
dustrial João António Júdice Fialho, arq. Norte
Júnior, em “clássico francês”, 1945, inaug.1955),
hoje Colégio de N. S. do Alto, com anexo para au-
las de 1960-61, por Gomes da Costa

Liceu Nacional de Faro/Escola Secundária**João de Deus**

lg. do Infante, arq. José Costa e Silva, 1948

Antigo Mercado Municipal de Faro

largo do Mercado, a poente da r. Gen Humberto
Delgado, Jorge de Oliveira
194...-195... (lev. JMF 1979-81 n.º 776) (recons-
truído e alterado, 2005)

Centro de Saúde, largo do Carmo

(junto aos correios velhos), Jorge de Oliveira
194...-195...

Conjunto urbano do Estado Novo

r. General Humberto Delgado/praceta Humberto
Delgado/praceta Coronel Pires Viegas/largo do
Infante (com moradias, Liceu e pracetas, seg.
plano de João Aguiar)
1945-1960

Montepio Geral

r. do Alportel, 20 e 22
Jorge de Oliveira
1950

Edif. Polícia de Segurança Pública

r. da P.S.P.
Jorge de Oliveira, obras 2002 DGEMN
1957

Edifício da Junta Distrital de Faro/Assembleia Distrital/Museu Regional e CCDRA

(neo-clássico), Praça da Liberdade, 2 e 4
Jorge de Oliveira
1959

Hotel EVA

arq. Alberto Cruz (para a empresa de camionagem homónima)
195... (junto à marina)

Tribunal

av. 5 de Outubro
1964, Rodrigues Lima

Edifício com pérgola na cobertura

r. da P.S.P. n.º 16
195...-196...

Edifício da habitação

r. da P.S.P., n.º 28-30
195...-196...

Moradia

r. de Berlim n.º 13
195...-196...

Moradia

Alameda 5 de Outubro n.º 50 (actualmente "emparedada" por altas empenas de imóveis)
195...

Edifício de habitação colectiva

r. 5 de Outubro/esq. Praceta do Infante
195...-196...

Conjunto de edifícios habitacionais

r. 5 de Outubro, n.º 75..
196...

Moradia de Alfredo Gago Rosa

r. General Humberto Delgado, 17
Gomes da Costa (actualmente com loja de cabeleireira)
1955

Casa Isabel Antão

r. Humberto Delgado
arq. Gomes da Costa
195...-196...

Residência/Atelier Gomes da Costa

r. Reitor Teixeira Guedes, 42 e 44
Gomes da Costa
1966

Casa r. Reitor Teixeira Guedes

Estrada de Olhão/r. Humberto Delgado, arq.?
196..

Dois edifícios de habitação

r. Gen. Humberto Delgado, n.º 47 e 49
195...-196...

Moradia anos 50

r. Reitor Teixeira Guedes, n.º 65
195...-196...

Edifício de habitação

r. S. António, por cima da Mondí, arq. Gomes da Costa,
196...-197...

Edif. de Escritórios e habitação,

r. S. António, por cima da Mango, arq. Gomes da Costa
196...-197..

Edifício com painel de azulejos

r. Rebelo da Silva n.º 3
196...-197...

Conj. Habitacional COOBITAL

praça António Sérgio e praça dos Cooperativistas
José Lopes Costa
1985 e 1987

Edifício Nónio

r. Pedro Nunes 4 e 5
1985 João Ramires Fernandes
1990 (Prémio Municipal de Arquitectura)

Quarteirão Branco

av. 5 de Outubro/r. da Alameda/r. Dr. Manuel de Arriaga
Gomes da Costa
1987

Nova aerogare de Faro

arqs. José Mantero e João Motta Guedes
1987

BCP Banco Comercial Português

r. 1.º de Dezembro, 24
Diogo Lima Mayer
1988

Edifício Galerias Persa

EN 125
1989, João Pardal Monteiro, 1992 (Prémio Municipal de Arquitectura)

Pólo ou Campus Universitário da Penha

Gabinete Plano X
1978-88

Pólo ou Campus Universitário de Gambelas

Gambelas
198...

Conservatório Regional do Algarve Maria Campina

av. Dr. Júlio Filipe Almeida Carrapato (com Auditório Pedro Ruivo, para 483 espec., e galeria de exposições), 1991

Igreja Paroquial de São Luís

poligonal
1992

Edifício Ninho de Empresas

arq. António Santos,
1993

Fundação da Juventude

r. Projectada à av. Cidade de Hayward
António Serrano Santos
1994

Edifício Santo António

Teresa Mourão e Caneira Antunes
199...

Empreendimento São Luís Parque e Praça de Allandra

arqs. Teresa Mourão de Almeida e Carlos Caneira Antunes, 1994 (no local do antigo Parque São Luís; do promotor João Pires & Brito, que construiu muito com arq. Gomes da Costa)

Edifício João Lúcio e Praça dos Poetas

arq Francisco dos Santos e Agostinho (João Pires & Brito), 1997

Urbanização Montinho, arq. Gomes da Costa 199...

Convento de São Francisco/Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve/Estalagem de S. Francisco

Ig. S. Francisco, 1529, reconstrução nos sécs. XVIII e XIX; recuperação e adaptação, arq. J. L. Carrilho da Graça, 1994-97 e Igreja de S. Francisco, de fins do séc. XVII, pedreiro Diogo Tavares de Ataíde, alt. séc. XVIII (restauro de pintura, azulejo e talha, pela C.M.Faro, *in* Monumentos n.º 19, 9/2003)

Largo de São Francisco**Espaço público e estacionamento**

arq. António Santos/C.M.F. Ant. 1999

Arquivo Distrital de Faro

av. Calouste Gulbenkian
Proj. de Victor Má, Júlio Quirino, Paulo Viana 1997-98,

Centro de Ciência Viva/antiga Central Eléctrica, r. Comandante Francisco Manuel, junto aos Bombeiros Voluntários 1997

Ampliação da Directoria da Polícia Judiciária, DGEMN, 1998-99 (*in* Monumentos n.º 11, 9/1999)

Casa de Função do Comandante da P.S.P., DGEMN 1998-99 (*in* Monumentos n.º 11, 9/1999)

Biblioteca Municipal António Ramos Rosa

r. Pintor Carlos Porfírio, ao jardim Alameda (auditório para 114 lug, perto do auditório do IP Juventude), 1996-2001, António Serrano Santos

Edifício Ágora e Praça de Ossónoba

arq. Gomes da Costa, 2001 (J. P. & Brito) 2001

Centro Social de Segurança Social

r. Pintor Carlos Porfírio, 2003, Gabinete Gitapo/arq. Pedro Potier

CTC de Faro/Refer Arquiprojecta

Dante Macedo e Conceição Macedo 200...

Teatro Municipal de Faro

Horta do Ourives, arq. Gonçalo Byrne, (em articulação com Casa das Figuras e Solar do Desembargador, sede da orquestra do Algarve e sala de ensaios), 2004-05 (Casa das Figuras, obras de restauro, *in* Monumentos n.º 2, 3/1995)

ESTOI/MILREU**Igreja Matriz Paroquial** (interior colunário)

Séc. XVI, reconstrução fins séc. XVIII por Fabri, em gosto neo-clássico)

Mercado Abastecedor de Estoi

arq. Alberto Oliveira, 1988 (proj. constr.?)

Centro de Interpretação e Acolhimento do IPPAR

no Milreu, arqs. Ditzza Reis e Pedro Serra Alves 19...

Palácio e Jardins de Estoi

recuperação e restauro (*in* Monumentos n.º 1, 9/1994), 1992-95

Pousada de Estoi

projecto em curso, associado ao palácio e jardins, (proj. Gonçalo Byrne, 2004-2005)

Cine Teatro Ossonoba

anos 1940-50, recuperação e reconversão, (proj. GTAA 2004-2005)

“Casa de Estoi”

edifício do séc. XIX no largo da igreja Séc. XIX

Moradia ao lado do cine-teatro

Anos 1950-60

RIO SECO**Casa dos Salgados**

Rio Seco, EN 125 (solar rural, térreo, telhados múltiplos, da família Júdice Fialho) Séc. XVI, cantarias séc. XVIII

Quinta do Rio Seco

Quinta de recreio do séc. XVIII (demolida pela S.E.A. nos anos 198..)

Silos dos Salgados

no Rio Seco, EN 125 (séc. XIX)

Horta dos Macacos

no Rio Seco, EN 125 (casa rural c/ 1 piso, séc. XIX dos Pantojas, com decorações em relevo com figuras de felino, crocodilo e humano, séc. XVIII)

CONCELHO DE LAGOA**Igreja Matriz**

Séc XVII-XVIII?

Antigo Depósito de Água

depois biblioteca, actual Arquivo Municipal, 1887 (recuperação em 199...)

Antigo teatro/actual Biblioteca Municipal

recuperação e adaptação, arq. João Durão, 1997

Palacete oitocentista

(com elegantes volumes cilíndricos e balaustrada), largo Miguel Bombarda, 18...

Mercado Municipal

Praça da República, 1895

Depósito de Água

Anos 1960

Piscina Municipal

Anterior a 2000

Pavilhão de Congressos do Algarve

(antiga fábrica conservas), Arq. Miguel Arruda, 2005-2006

ESTOMBAR**Parque Municipal do Sítio das Fontes**

Estombar (recuperação de moinho de maré, pela C.M.L., 1997 (*in* Monumentos n.º 7, de 9/1997))

ALPORCHINHOS/S^{RA} DA ROCHA**Capela de N. S^{ra}. da Rocha,**

séc. XVI-XVII? (com arranjo recente da zona envolvente)

Casa de Keil do Amaral

Alporchinhos/S^{ra} da Rocha, arq. Francisco Pires Keil Amaral, 196...

Moradia Dr. Luís Azevedo

Alporchinhos/S^{ra} da Rocha arq. António Vicente, 196...

Vilalara

aldeamento turístico, praia da Sra. da Rocha, arq. Almeida Araújo, 197...

Pavilhão de praia

Praia de N. S. da Rocha, 199...

Moradia Guida Oliveira Santos

EN 125, arq. Cândido Palma de Melo 1980-83

Moradia arq. ARX-Nuno Mateus

Proj. 2004-2005

CARVOEIRO**Fortaleza de N. S. da Encarnação de Carvoeiro**

(1670-75, reconstr 1796, ruínas)

Moradia de Noronha da Costa

casa de férias em Vale de Corrais, arq. Noronha da Costa (*in* Arquitectura n.º 116, de Julho-Agosto de 1970)

CONCELHO DE LAGOS**Megalito no forte da Ponta da Bandeira**

pré-hist

Edifício do Antigo Mercado de Escravos

Praça do Infante, sécs. XV-XVI

Ermida de São João

(à entrada norte da cidade)

Igreja do Compromisso Marítimo

(demolida, o portal renascentista passou para anexo à l. de S. António, e constitui a entrada do Museu; séc. XVI)

Igreja da Misericórdia

S. Maria (portal clássico)
Séc. XVI-XVII, rest. XIX

Antigo Convento N. S. Carmo

a poente da cidade, com arranjo de espaço públicos envolventes (Parque das Freiras), com Auditório Municipal Dr. Júdice Cabral, ao ar livre, em anfiteatro, arq. Rui Mendes Paula
c. 1990

Conjunto dos solares e casas da r. 25 de Abril

(arq. Chã, barroca, Arte Nova, etc.),
16...-19...

Câmara Municipal de Lagos

1798 e 1805

Fachadas em neo-gótico e Arte Nova**da praça Luís de Camões**

18...-19...

Antigo Mercado Municipal

1924

Quiosque de gosto “Casa Portuguesa”

perto do Parque das Freiras
192...-193..?

Ante Projecto da Avenida Marginal de Acesso ao Molhe Cais da Solaria e das Ligações com a cidade com as Praias e com a Ponta da Piedade

Arq. L. Cristino da Silva
1942 (provavelmente edificado)

Posto de Turismo

arquitectura do Estado Novo,
194...-195...

Edifício Comercial “ECL”

(actual “Móveis João Cano”)
rua a poente da creche Lar da Criança, n.º 2 a 12
193...-194...

Antigo Cinema “Império”

(actual Lagoshopping). R. Cândido dos Reis), arq. Rodrigues Lima
195...

Palácio de Justiça

av. marginal, arquitectura do Estado Novo, tardio
196...

Hotel Rio Mar

r. Cândido dos Reis (avarandado)
195...-196...

Posto Rodoviário de Lagos**Estalagem S. Cristóvão**

arq. António Vicente de Castro,
195...

“Lar da Criança”/Centro de Assistência Social**Lucinda A. Santos**

av. marginal, arq. António Vicente de Castro
195...

Snack Bar Abrigo

arq. José Veloso (*in* Arquitectura n.º 85 de Dezembro de 1964),
1962

Edifício de comércio e habitação

junto aos correios, frente mar
(branco e betão, com persianas)
Anos 60

Edifício de comércio e habitação

r. Cândido dos Reis
(revestido com “pastilha” cerâmica)
Anos 60

Estátua de D. Sebastião/prça do Município,

João Cutileiro

1972

Centro Cultural de Lagos

arq. Manuel Queirós
1975-85

Mercado de Santo Amaro

arq. José Veloso, 1986

Biblioteca Municipal

r. Dr. Júlio Dantas, arq. Pedro Santa Rita, 198...

Pousada da Juventude

r. Lançarote de Freitas, arqs. Carlos Ruivo, Jorge Pombo e Paulo Miranda
198...

Reabilitação Urbana dos espaços públicos de Lagos/faixa marginal

Arqs. Rui e Frederico Mendes Paula
(gabinete M. Paula, Lda)
1985-92

POLIS de Lagos

(zona intramuros e costeira, 2002-2006)

SÃO ROQUE/ESTAÇÃO/MEIA PRAIA

Fortaleza da Meia Praia
(pequena construção, 1670-75, ruínas)

Estação C.F.

1924

Fábrica ‘CAFI’

São Roque (ruínas)
19...

Bairro SAAL/Apeadeiro da Meia Praia

arq. José Veloso e Luís Abreu
1975 (muito degradado)

Plano para a Margem esquerda da Ribeira de Bensafrim/Meia Praia

(marina depois construída), arqs. Conceição Dias, Machado Torres
1987-88

Marina de Lagos, com ponte móvel, edifício da marina, edifícios de habitação diversos

arq. Gonçalo Byrne, Manuel Aires Mateus
199...

Restaurante São Roque

São Roque/ Meia Praia (estrutura em madeira aparente)
200...

BENSAFRIM

Igreja de S. Bartolomeu
(c/ torre e cemitério anexo)

CONCELHO DE LOULÉ

Castelo de Salir
(ruínas)

Igreja de S. António/Convento S. Francisco

(com cúpula)
Séc. XVIII

Câmara Municipal

Séc. XIX

Mercado Municipal Neo-árabe

com torreões
1904-07

“Café Calcinha”

praça da República n.º 67
c. 1908

Edifício de habitação Arte Nova

av. Marçal Pacheco n.º 11-13
192...

Cine Teatro Louletano

av. José da Costa Mealha n.º 20-26
19...

Bombeiros

av. José da Costa Mealha n.º 100 (lev. JMF 1979-81 n.º 785)
193...

Edifício do Ateneu

na rotunda central (Art Deco)
193...

Edifício dos Correios

arq. Adelino Nunes
1939-1943

Caixa Geral de Depósitos

na rotunda central, 194...-5...

Monumento a Duarte Pacheco

arq. Luís Cristino da Silva, parque municipal
1943(?) -53 (lev. JMF 1979-81 n.º 787)

Moradia em Loulé, arredores

arq. Manuel Laginha, ant. 1948 (*in rev* Architectura, n.º 26, 1948)

Prédio em Loulé

arq. Manuel Laginha, av. Marçal Pacheco n.º 36 anterior a 1948 (*in rev* Architectura, n.º 26, 1948)

Edifício de Habitação e Comércio

av. José da Costa Mealha n.º 10,
arq. Manuel Laginha
196...

Moradia de António Laginha Ramos

r. David Teixeira n.º 121, arq. Manuel Laginha
195...-6...

Alfaiataria York

arq. Manuel Laginha (*in rev* Architectura n.º 30, de Abril-Maio de 1949)
anterior a 1949

Centro de Assistência Polivalente de Loulé

arqs. Manuel Laginha e Rogério Martins
1952-58

Moradia, em Loulé

arq. Manuel Gomes da Costa, ant. 1953 (*in A* Arq. Port. Cerâmica e Edificação n.º 3-4, de 1953)

Moradia

r. Ascensão Guimarães
195...

Conjunto de edifícios dos anos 1950

av. Ascensão Guimarães, n.º 53, 77, 96 e 114-120, vários projectos do arq. João Campos
195...

Edifício r. David Teixeira n.º 235

esquina com Ascensão Guimarães
arq. João Campos
195...

Edifício r. José Afonso n.º 22-28

arq. João Campos
195...-6...

Edifício de habitação e comércio, r. do Cineteatro

Louletano n.º 62-78 (c/ azulejos e pérgola)
196...

Lagar do Rossio

(demolido pela CM Loulé em 1986)

Monumento ao Poeta António Aleixo

arq. José Perdigão, parque municipal
1989

Museu Municipal de Loulé/Antiga Alcaidaria

r. D. Paio Peres Correia, 17
séc. ... e recup. em 1995

Cerca do Convento do Espírito Santo

recuperação, arq. Luís Pires, CML
ant. 1999

Biblioteca Municipal Sophia de Melo Breyner

arq. António Correia
1996-2001

Estação do Parque das Cidades

Faro/Loulé, Arquiprojecta, Dante Macedo e Conceição Macedo, 200...

Estádio do Algarve, estrada Loulé/ Faro

arq. Hok Sport/AARQ – Atelier de Arquitectura,
2001-2003

Moradia em Boliqueime

(à EN 125, Boliqueime-Vilamoura)
arq. Ricardo Back Gordon, 2000-2002

AMEIXIAL

Núcleo Arqueológico de Corte D'Ouro (a 4 km, p/ Martinlongo), Anta do Beringel e Anta da Pedra do Alagar, à roda da aldeia, 3.º milénio a.C.

Palheiros

construções circulares em xisto com cobertura cónica de palha de centeio, escoradas sobre traves sem coluna central

ALTE

Matriz de Alte (com 3 naves e portal manuelino, azulejos sec. XVIII), séc. XVI e XVIII

Capela de São Luís

(frontão com decoração de suástica 4 braços)
séc. XVII-XVIII

Escola Profissional Cândido Guerreiro

recup. de edifício, arq. Isabel Raposo e CML
1991-94

QUERENÇA**Igreja Matriz N. S. Assunção**

com portal polibobado manuelino, séc. XVI (recup. de fachadas da envolvente e do largo da igreja, proj. GRUQ 2004-2005)

QUARTEIRA**Posto da Guarda Fiscal**

(lev. JMF 1979-81 n.º 790), 193...

Vivenda Maria Albertina

av. Marginal (lev. JMF 1979-81 n.º 793), 193..

Igreja de São Pedro do Mar

tipologia em "U", com pátio de entrada distribuidor, 1996

Marginal de Quarteira

recuperação, arq. Luís Pires e arq. paisagista Paulo Viegas
1999-2000

VALE DO LOBO/ALMANCIL**Moradia em Vale do Lobo**

arq. Vítor Figueiredo e Jorge Silva, 1971 (*in* Arquitectura n.º 135, 1979)

Protótipo de moradia unifamiliar para SERCAL/

Areias de Almancil, Quinta Verde
ARCH com José Bruschy
1987

Moradia para dr. Rocheta Cabrita

Quinta Verde, ARCH c/ José Bruschy
1987

Hotel *Le Meridien* D. Filipa

em Vale do Lobo
200...

Quinta do Lago, Hotel e Clube de Golfe

arqs. João de Almeida, P. Ferreira Pinto e Pedro Emaús Silva
1987-88

Moradia na Quinta do Lago

arq. Eduardo Souto de Moura
1984

Ria Park Garden Hotel

Vale do Garrão, Almancil
2... (renovado)

Jardim Público de Almancil

2...

VILAMOURA**Plano geral**

arqs Carver L. Baker, João Caetano, SETAP, GE-FEL, Hidrotécnica, etc (*in* revista Arquitectura n.º 96 de Março-Abril de 1967)
Anterior a 1967

Projecto da Marina

concurso, arq. Pedro Vieira de Almeida, e arquitectos Ingleses, 1971-72

Conjunto do Centro Comercial junto à marina

arq. Keil Amaral, José Antunes da Silva (antigo casino, igreja N. S. Alegria, cinema e lojas, apartamentos)
1971-74

Escritórios Lusotur

arq. Francisco Pires Keil Amaral, 1972

Moradias e apartamentos do Pinhal da Marina

Keil Amaral e J. A. Silva
1971-74

Hotel da Marina

arqs. J. Neuparth e Carlos Tojal
1980-87

Vila Ipanema

ARCH c/ José Bruschy
1979

Vilamarina

com apartotel, habitação e comércio, ARCH c/ José Bruschy
1980-87

Hotel Atlantis

19...

Tivoli Marinotel e Centro de Congressos de Vilamoura

19...

Bairro residencial pós moderno,
arq. Tomás D'Eça Leal
198..

**Centro de Acolhimento e Interpretação
do Cerro da Vila**
arq. Fernando Galhano
19...

CONCELHO DE MONCHIQUE

**Termas e equipamentos
das Caldas de Monchique**

18...
(com salão de chá, neo-árabe, actual centro de
exposições, e diversos hotéis)

Chalet nas Caldas
19...

Capela nas Caldas
19...

“Fonte da Amoreira”
na Serra, a 12 km a norte de Monchique (c/ azu-
lejaria figurativa Art Deco)
1934

“Café da Montanha”,
chalet, Monchique
19...

Mercado Municipal
(Art Deco) Monchique
1935

Pérgola, Miradouro de São Sebastião
Monchique (inaug. pelo ministro Ulrich)
Anos 194..
com arranjo urbanístico recente, CMM

Abrigo de Montanha
arq. José Veloso, (*in* Arquitectura n.º 85 de De-
zembro de 1964)
1960 e com ampliações posteriores (a 2km da
vila, na estrada da Fóia)

Hotel Termal
nas Caldas de Monchique
1964 (antigo hospital termal, recuperado em
2001)

Edifício das Messes
arq. José Calheiros,
1987-89

Piscinas Municipais
Monchique, arq. Carlos Sousa Dias
Ant. 1999

Recuperação de Fachadas do centro urbano
Monchique (arq. Rosalina Cristina, CMM)
1999

Bioparque das Caldas
com casas-retiro, restaurante e centro de infor-
mação (proj. Arq. António Marques, 2004-2005)

CONCELHO DE OLHÃO

Matriz (com torre)
e Casa do Compromisso Marítimo
Séc. XVII e XVIII (com monumento Art Deco dos
anos 1930-40 no espaço fronteiro)

Conjunto Indústria Conserveira
(um dos núcleos mais importantes, a seguir a
Matosinhos e Setúbal, com 34 fábricas em 1934)

Mercados Municipais
recuperação, Luís Bruno Soares/RISCO
(ficha levantamento JMF 1979-81 n.º 751)
19...

Vivenda Vitória
(com torreão; em ruínas),
19...

Chalet Saias
(com torreão), rua Damásio da Encarnação, n.º
43, 19...

Casa João Lúcio
Marim
1918

Edifício com torreão
rua do Comércio (arquitectura do ecletismo)
19...

Bairro dos Pescadores
av. 5 de Outubro (arq. Carlos Ramos) (ficha levan-
tamento JMF 1979-81 n.º 767), 193..

Fábrica Guerreiros
estrada Tavira – Olhão (ficha levantamento JMF
1979-81 n.º 750)
193...-194...

Cinema-Teatro
(ficha levantamento JMF 1979-81 n.º 753)
193...-194...

Sindicato da Indústria Conserveira
(com cruz de Cristo na fachada) (ficha levanta-
mento JMF 1979-81 n.º 760)
193...-194...

Lar de Terceira Idade
(da S.C. Misericórdia), rua Damásio da Encarna-
ção (frente ao Chalet Saias)
194... (gosto “Português Suave”)

**Centro de Assistência Polivalente de Olhão/Cre-
che “Maria Helena Rufino” da Misericórdia,** rua
José dos Santos Rufino/esquina com rua Damá-
sio da Encarnação, pelos arqs. Manuel Laginha
e Rogério Martins (*in* revista A Arq Port. E Cerâ-
mica e Edificação n.º 1, de 1952, e na rev Binário
n.º 6, de 1958)
1952-58

Sede da CRIPSUL/Módulo B
DGEMN (*in* Monumentos n.º 11, 9/1999)
1998-99

Estação Experimental de Piscicultura/IPIMAR
Marim, DGEMN (*in* Monumentos n.º 11, 9/1999),
1998-99

Biblioteca Municipal de Olhão
recuperação do antigo hospital, arq. Carlos Mar-
tins/Arquitráfego
1998-2005

Conservatório de Música de Olhão
r. Vasco da Gama, (antigo Centro de Saúde)
2005

QUELFES

Igreja de Quelfes
portal e arco cruzeiro
Séc XVI

FUSETA

Edifício Arte Nova
rua...
19...

Bairro Económico de Olhão

por Carlos Ramos
1925-29

Zona Ribeirinha,

renovação urbana, GAT/ Faro
arq. paisagista José Brito
Anterior a 1999

CULATRA

Farol do Cabo de Santa Maria
ilha da Culatra
1851 e 1923

MONCARAPACHO

Igreja de N. S. da Graça
(portal renasc. e frontão com curvas, 15...)

Palacete romântico com 3 arcos na esquina
18...

CONCELHO DE PORTIMÃO

*** Ponte sobre o Arade**
(8 tramos, 330 metros, metal e ferro)
(lev. JMF 1979-81 n.º 802)
1875-76

Mercado

(frente à igreja Jesuíta, Praça da Rep., demolido
199...), 18...

Museu Municipal de Portimão

Antiga Fábrica Feu
r. D. Carlos I
(antigo núcleo da indústria alimentar)

Edifício Modernista da praça da República n.º 18
(comércio e habitação) (lev. JMF 1979-81 n...)
193...

Quiosque modernista

praça Visconde de Bivar
(lev. JMF 1979-81 n.º 795), 193...

Cine-Teatro

(ou Cine Parque) largo do Dique (cf. Titânia Cine,
arq. Tabela de Sousa, *in* revista Arquitectura Por-
tuguesa, 193...) (lev. JMF 1979-81 n.º 796)

Café-Cine

largo do Dique (ao lado do cine-teatro) (lev. JMF
1979-81 n.º 797)
193...

Capitania

largo do Dique (lev. JMF 1979-81 n.º 798)
193...-194...

Central Frigorífica

zona industrial (lev. JMF 1979-81 n.º 803)
193...

Sede do Sindicato dos Pescadores

zona industrial (lev. JMF 1979-81 n.º 805)
193...-194...

Edifício de habitação (tipo "Português Suave")
esquina r. de Olivença/r. Mouzinho de Albuquer-
que, 194...-5...

Edifício de Habitação

(fachada policroma), r. de Olivença
195...

Edifício de habitação (fachada avarandada)

r. Mouzinho de Albuquerque
196...

Antigo Posto da SACOR

na área portuária, arq. António Vicente de Castro
195...

*** "Lar da Criança"/Centro de Assistência Social de Portimão**

av. Miguel Bombarda
arq. António Vicente de Castro
195...

*** Edifício J. L. Branco**

(arq. António Vicente de Castro, praça do merca-
do demolido, prédio junto à igreja), 195...

Bloco de lojas e apartamentos

r. Mouzinho de Albuquerque, António Vicente de
Castro, 195...

Bloco de lojas e apartamentos

av. S. João de Deus, António Vicente de Castro
195...

Edifício "Vista Rio"

António Vicente de Castro (8 pisos, escritórios e
lojas)
196...

Moradia Bragança

av..., António Vicente de Castro (alterada 2003)
195...

Moradia Dr. Vazão Trindade

av..., António Vicente de Castro, (muito alterada)
195..

Moradia Dr. Jaime Dias

av..., António Vicente de Castro (alterada)
195...

*** Adega Cooperativa**

António Vicente de Castro
196...

Centro de Saúde das Caixas de Previdência

av..., António Vicente de Castro
197...

Caixa Geral de Depósitos

arq. José Rafael Botelho (*in* Arquitectura n.º 150
de Julho-Agosto de 1983)
Anterior a 1983

Capela

arq Eduardo Malhado, 1984-86
Nova Câmara Municipal e Tribunal
199...

PRAIA DA ROCHA

Vila N. S. Dores/Hotel Belavista,
1916

Grande Hotel da Praia da Rocha

(art deco, cf. postal da época)
193...

Moradia Mirante

arq. António Varela (depois ampliada com 2.º piso
pelo autor), 193...

Antigo Casino (ruínas)
(lev. JMF 1979-81 n.º 808)
193...-194...

Edif. da GNR ou Guarda Fiscal
194...-195...?

Moradia Sousa Costa
António Vicente de Castro (demolida)
195..

Plano de Armação de Pêra
arq. Norberto Corrêa com Pinto Coelho e Ramos Chaves (*in* *Arquitectura* n.º 99 de Setembro-Outubro de 1967), anterior a 1967

Hotel Algarve
arq. Raul Tojal (*in* *Arquitectura* n.º 97 de Maio-Junho de 1967)
anterior a 1967

Edifício Macedo (comércio e habit. colectiva)
António Vicente de Castro
(ampliado posteriormente por outro arquitecto)
1969-70

Apartamentos Turísticos 3 Castelos
por Cândido Palma de Melo
1978-84

ALVÔR

Hotel do Alvor
arq. Alberto Cruz
1967

Hotel Delfim ou Aviz ou Pestana
arquitecto Alberto Cruz, cerca de 1967-68

Casino do Alvor
anos 60-70

Igreja de Santo André
Penina, Alvor
1970

Castelo ou Forte de Alvor, IIP 1984
(lg. do Castelo, destr 1755, restos de muralhas)

Casa do Adro
Mexilhoeira Grande (proj. J. V. Caldas), 1988

MEXILHOEIRA GRANDE

Igreja Paroquial da Mexilhoeira Grande
portal clássico (cf. Horta Correia)
15..

* **Centro de Acolhimento e Interpretação de Alcalar**
(João Santos Rita, 5 km a norte da Mexilhoeira)

CONCELHO DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

Igreja Matriz
Séc. XV e XIX

Paço Episcopal
(para residência de Verão dos Bispos do Algarve, tem fonte barroca abobadada de oito bicas)
Séc. XVII-XVIII

Pousada
arq. Jacobetty Rosa,
1938-1944 (inauguração),
ampliada em 1996

Casa da Cultura António Bentes
Museu Etnográfico do traje Algarvio
r. José Dias Sancho
Séc. XIX, renov. 19..

Biblioteca Municipal
(com pátio hexagonal e frontão pós-moderno)
Anterior a 2000

Complexo Desportivo/Pavilhão Municipal
arq. António Correia e arq. paisagista Amélia Santos/GAT Faro
Anterior a 1999 (proj. em 2 fases)

CONCELHO DE SILVES

Poço-cisterna Árabe do Castelo
incluído no Museu de Arqueologia
arq. Mário Varela Gomes
1990 (ampliação e reconstrução de antigo solar)

Solar com dois pisos e chaminé
r. da Sé, na subida para antiga Sé
Séc. XVIII

Ponte medieval
sobre o Arade

Ermida N. S. Mártires

Largo dos Mártires da Pátria, elementos manuelinos (gárgulas)
Séc. XVI e XVIII (1779)

Edifício r. Miguel Bombarda n.º 22
(arq. Chã)
Séc. XVII-XVIII

Teatro Mascarenhas Gregório
Séc. XIX arq ferro (de Gregório Mascarenhas), r. Cândido dos Reis, 18.. (em obras de reconstrução, arq. José Manuel Castanheira, 2005)

Câmara Municipal
(por Gregório Mascarenhas)
1880-193...

Casa apalaçada neo-gótica
r. Miguel Bombarda n.º 29-33
18...

Palacete, “solar da família de D. Aurora Grade”
r. João de Deus, esq. r. Alexandre Herculano,
1907 (constr. para albergar o rei D. Carlos, por Francisco Grade)

Palacete Neo-clássico
junto ao mercado
18...

Antigo Matadouro Municipal
actual Centro de Estudos Luso-árabes, praça...
1914 (em obras de adaptação, arq. José Alegria 2005)

Dois Palacetes do “Café Inglês”
frente à Sé, 192...-193... (com remodelação interior recente do café)

Edifício da Guarda Nacional Republicana
(em obras de restauro)
192...-193...

Edifício do Turismo
r. Bernardo Marques (lev. JMF 1979-81 n.º 809)
193...

Palacete com Telhados Pombalinos
frente à ponte medieval, do lado exterior da povoação, 19...

- Mercado Municipal**
(arquitectura do Estado Novo)
r. do Mercado e EN 124
194...-195...
- “Escola Técnica”**
praça...
195...-196...
- Antigo Cinema**
195...-196...
- Grupo Escolar**
arq. Cândido Palma de Melo,
1975-77
- Museu da Cortiça na Fábrica do Inglês**
(corresp. ao surto industrial da transição sécs XIX-XX)
18... e adaptação a museu, 198...?
- Biblioteca em Taipa**
Câmara Municipal de Silves, empresa Soares da Costa, 1997 (*in* Monumentos n.º 7, 9/1997)
- Zona Ribeirinha**
arranjo, com praça e jardins, CMS
anterior a 1999
- Pavilhão Desportivo Municipal**
parque desportivo, r. Cruz da Palmeira
20...
- Piscinas Municipais**
20...-
- POLIS de Silves**
(requalificação do centro histórico, da zona ribeirinha e das margens do Rio Arade)
2004-
- S. BARTOLOMEU DE MESSINES**
Sede da Junta de Freguesia
José Veloso
1975-85 (constr.?)
- Casa Museu João de Deus**
edif. séc. XIII (?), rua Dr. Francisco Neto Cabrita e rua do Arco, reabilitação e adaptação, arq. Mário Varela Gomes, anterior a 1999
- Portagens da A2 de S. Bartolomeu de Messines**
(arqs. Aires Mateus)
2002
- ARMAÇÃO DE PÊRA**
Chalet Gregório Mascarenhas
1909
- Igreja (neo-tradicional)**
1950
- Hotel do Garbe**
arqs. Jorge Ramos Chaves e Frederico Santana
(*in* Arquitectura n.º 83, de Setembro de 1964)
1959-62
- Hotel do Levante**
arqs. José Bruschy e Virgílio Leal da Costa
1965
- Mercado**
arq. Pedro Brandão e Helena Romero
1975-85, projecto
- Clube de Ténis**
Ana Paula Dias
1988, projecto
- SÃO MARCOS DA SERRA**
Edifício do Lagar
remodelação
(proj. GTAA Barlavento, 2004-2005)
- CONCELHO DE TAVIRA**
Igreja matriz de Santiago
Sécs. XIII e XVIII
(pós- 1755)
- Antigo Convento N. S. da Piedade/Bernardas – Fábrica de Moagem e Massas a Vapor de Tavira**
com portal manuelino, r. das Freiras/Largo da Atalaia, 1509-1528 e depois de 1890 fábrica
- Antigo Convento de N. S. da Graça**
de 1569/Agostinhos, sécs. XVII e XIX, adaptação a Pousada, com CMT
2005 (*in* Monumentos n.º 18, 3/2003)
- Antigo Convento de S. Francisco**
r. Tenente Couto e praça Zacarias Guerreiro (ruínas), sécs. XIV e XVIII
- Igreja e Conventinho de Santo António dos Capuchos** (claustro com Turismo de habitação)
1612 e pós-1755
- Antigo Convento dos Eremitas de São Paulo**
largo Dr. Padinha
1606-
- Antigo Convento Carmelita e Igreja da Ordem Terceira de N. S. do Carmo**
lg. do Carmo
1737-1792 (obra em talha)
- Igreja de S. José do Hospital ou do Espírito Santo**
r. Tenente Couto e praça Zacarias Guerreiro, (planta octogonal)
Sécs. XV e XVIII
- Ermida de N. S. das Ondas ou de S. Pedro Gonçalves Telmo e Casa do Compromisso Marítimo**
(1781), r. Dr. Marcelino Franco (sécs. XVI e XVIII, pinturas do tecto de 1765 por Luís António Pereira)
- Edifício “Irene Rolo”**
rua da Liberdade, recuperação pela CMT, em articulação com escadaria de acesso ao Castelo
Séc. XVI (*in* Monumentos n.º 18, 3/2003)
- Antiga Estalagem Quinhentista**
r. Dr. Mateus Teixeira de Azevedo n.º 13
Séc. XVI, reform. XIX
(porta manuelina recolocada)
- Conjunto de edifícios com telhados múltiplos ao longo da margem nascente**
16...-17...
- Conjunto de ed. térreos com telhado de tesoura**
r. Cândido dos Reis n.º 219-223
Séc. XVIII-XIX
- Dois edifícios térreos com telhado de tesoura**
r. Cândido dos Reis n.º 215-217
(ao lado dos anteriores), séc. XIX

Edifício brasonado

no Largo da Corredoura
r. D. Marcelino Franco (com suástica no brasão)
16...-17...

Edifício com telhados múltiplos e óculo

r. D. Marcelino Franco n.º 23-25
Séc. XVII-XVIII

Edifício Setecentista

r. da Liberdade n.º 27-35
Séc. XVIII

Edifício com frontão curvo

r. do Mercado n.º 90-92
Séc. XVIII

Palácio da Galeria/Centro Cultural de Tavira (recup José Lamas, para CMT, 1999-2000)
Séc. XVIII (*in* Monumentos n.º 13, 9/2000)

Quartel Pombalino em Tavira

perto da Estação C.F.
Séc. XVIII

Jardim Público e coreto,
(coreto, 1890)

Antigo Mercado Municipal (1885-1887)

recuperação e adaptação como Mercado da Ribeira, pelo Instituto de Engenharia de Estruturas, Território e Construção do Instituto Superior Técnico com a CMT
1999-2000 (*in* Monumentos n.º 13, 9/2000)

Edifício com porta de reixas em madeira

r. Guilherme Gomes Fernandes, n.º 60
Séc. XIX

Edifício-chalet na margem nascente

(frontão em madeira)
19...

Pensão Residencial

rua da Liberdade, com torreão de tipo “chalet”
192...-193...

Edifício do Capitão José Inácio da Conceição

r. 1.º de Maio (com outra fachada de tipo “chalet” na rua lateral)
1930

Praça da República com Monumento aos Mortos da Grande Guerra

(monumento de 1932)

Edifício dos Correios

r. da Liberdade (Art Deco)
193...-194...

Paços do Concelho

194...-195...

Cine Teatro

r. D. Marcelino Franco (local do anterior cine teatro dos anos 1920-30),
195...-196...

Casa Laurentino Gonçalves

edifício de gaveto na r. D. Marcelino Franco/esq. R. 1.º de Maio (na Corredoura), arq. Gomes da Costa
195...-196... (com ourivesaria)

Casa Semião Neves

edifício de habitação, r. Dr. Parreira n.º 40, a sul da r. Marcelino Franco, arq. Gomes da Costa,
195...-196...

Edifício Galhardo

da casa comercial “Marcelino & Galhardo”, r. da passagem de nível, n.º 120-128, esq. com a rua Sebastião Leiria, arq. Gomes da Costa
195...-196...

Casa Fernando Lázaro

r. da Liberdade n.º (a seguir ao n.º 26)
arq. Gomes da Costa
195...-196...
(actual “casa Stick”)

Casa Luísa Varela

r. da Liberdade (com guarda da varanda em be-tão), arq. Gomes da Costa
195...-196...

Café Veneza

na praça junto à ponte antiga, (interior destruído)
195...

Centro Coordenador de Transportes

José Lamas e Carlos Duarte
1985-86

Loteamento em Tavira

Alto do Cano, António Luís Perestrelo/A. Alfaro Martins, E Campelo
1987-89, projecto

Habitação Própria

arq. João Luís Carrilho da Graça
(recuperação de edifício tradicional com telhado de tesoura)
199...

Novo Mercado Municipal

arq. Pedro Serra Alves
Anterior a 1999

Torre de Tavira-Câmara Obscura/Antigo Depósito de Água de 1931

Recuperação
2004

Nova Biblioteca Municipal

lg. do Campo dos Mártires da Pátria, arq. João Luís Carrilho da Graça (em obra, 2004-2005, antigo edifício da cadeia)

CABANAS**Fortaleza de São João de Tavira ou de Cabanas**

(construída em 1656 pelo conde de Val de Reis e reconstruída em 1793, bem conservada) e várias torres de observação na área costeira

Igreja com portal gótico/manuelino

Séc. XVI

SANTA LUZIA**Edifícios térreos com telhados múltiplos**

r. Joaquim Soares n.º 16, esquina com largo da Igreja, 1913 (data inscrita na fachada)

“Bairro de Pescadores Engenheiro Sá e Melo”

com casas geminadas de 1 e 2 pisos, escola de tipo dos Centenários, jardim central e Jardim Infantil.

194...-195... (arquitectura neo-tradicional de tipo “Português Suave”)

Igreja

largo da Igreja
195...-196...

Pedras D'El Rei
conjunto turístico
196...-197...

Conjunto arqueológico de Balsa
antiga cidade Romana, ruínas

LUZ DE TAVIRA

Igreja da Luz,
com elementos manuelinos e pórtico renascentista
Séc. XVI

Três a quatro edifícios térreos com platibanda
18...-19...

Posto da Guarda Fiscal
na praia, junto a Torre de Aires (Modernista do Estado Novo)
193...

SANTO ESTEVÃO

Casas térreas populares

Capelinha da S^{ra} da Saúde
(a norte de Tavira, com casa, fontanário e campo de festas)

SANTA CATARINA DA FONTE DO BISPO

Igreja de Santa Catarina da Fonte do Bispo
(a norte de Moncarapacho)
(portal renascentista)

CACHOPO

Construções de Planta Circular/Palheiros
recuperação (proj. GTAA, 2004-2005)

Núcleo Museológico em antiga
"Casa dos Cantoneiros"
dos anos 1930
Instalado em 2004

CONCELHO DE VILA DO BISPO

Ermida de São Lourenço de Budens
Séc. XVI

Forte de Vera Cruz da Figueira
(séc. XVII? restos)

Fortaleza da Carrapateira/Bordeira
(cerca de Sagres?)

Forte e bateria do Zavial
(praia da Ingrina?)

Fortaleza da Baleeira
(c. Sagres)

SAGRES

Concursos para Monumento em Sagres
(ideia de Sá da Bandeira, 1840, e de Augusto Santos, 1900):

1.º concurso, 1933-35 – 1.º prémio Irmãos Rebelo de Andrade e escultor Ruy Gameiro (cruz de Cristo projectada); outros, Pardal Monteiro com Leopoldo de Almeida, e Veloso Reis Camelo com Leopoldo de Almeida

2.º concurso, 1936-38 – 1.º prémio Carlos Ramos com Leopoldo de Almeida e Almada Negreiros (vela enfunada com mastro-padrão), 2.º prémio Vasco de Lacerda Marques com Leopoldo de Almeida, 3.º prémio António Lino com Leopoldo de Almeida, 4.º prémio Rebelo de Andrade (com o mesmo projecto de 1933-35), 5.º lugar para Raul Lino

3.º concurso, 1954-57 – 1.º prémio João Andersen com Barata Feyo, 2.º prémio Filipe Figueiredo com António Duarte, 3.º prémio Veloso Reis Camelo com Leopoldo de Almeida, 4.º prémio Rebelo de Andrade com Ruy Gameiro, 5.º prémio Cassiano Branco com António dos Santos

Concurso para Fortaleza de Sagres

1.º prémio João Carreira, 2.º prémio Carlos Guimarães e Luís Soares Carneiro
1988

Estalagem do Infante

Jorge Segurado
1960

Hotel Baleeira

sobre a praia da Baleeira
1950-60

Igreja Paroquial de Sagres
(grandes superfícies curvas, betão aparente)
1992

Moradia José Manuel Simões
frente ao posto gasolína, à saída Sagres
arq. Pedro George
2002

BUDENS

Centro Social
(proj. GAT Faro, 2004-2005)

CONCELHO DE VILA REAL DE S. ANTÓNIO

Conjunto do Centro da Cidade
planeado no séc. XVIII, 1774-77
(com Câmara Municipal, Igreja Matriz, praça e obelisco, Museu Municipal Manuel Cabanas, 4 torreões nos extremos da praça)

Grande Hotel Guadiana

av. Marginal/da República, n.º 94-96
Ernesto Korrodi, 1918-1921

Conjunto de edifícios Arte Nova

r. 1.º de Maio
192...

Edifício Neo-Pombalino

rua marginal esquina com rua de Ayamonte
193...

Antigo Cinema

rua... (fechado, ruínas)
193...-194...

Edifício junto à Estação Ferroviária

(Art Deco)
193...

Junta de Freguesia

rua..., assinado na fachada, arq. Jorge Oliveira ("Português Suave")
194...-195...

Capitania

av. marginal equina com rua da Indústria, com painéis de azulejos ("Português Suave")
194...-195...

Estação Fluvial

av. marginal ("Português Suave")
194...-195...

Moradia de dois pisos na av. marginal

(arquitectura moderna, por Gomes da Costa com mosaicos preto e branco)
Anos 1960..

Mercado 1.º de Maio/Centro Cultural

recuperação e adaptação, arq. Rui Figueiras
Anterior a 1999

Nova Doca de Recreio

frente litoral da cidade (irmãos Cavaco e CENOR)
Anterior a 1999

Nave do Complexo desportivo

20...

Ponte do Guadiana p/ Espanha

199...

Arquivo Histórico Municipal

recuperação de torreão pombalino na av. marginal, a sul, arq. Rui Pontes Parreira
200...

MONTE GORDO**Moradia**

(em gosto "à Antiga Portuguesa")
av. marginal, n.º 12
192...-193...

Moradia frente p/ rua Dinis Fernandes

(levantamento JMF 1979-81 n.º 745)
193...

Moradia com volume cilíndrico

av. Marginal (ficha levantamento JMF n.º 746, de 1979-81)
193...

Casino

arq. Luís Cristino da Silva
1933

Plano de Urbanização da Frente Marginal da Praia de Monte Gordo

arq. Luís Cristino da Silva, 1941

Hotel Vasco da Gama

(primeiro hotel de grande dimensão na povoação), na marginal da praia, 1960

Hotel Navegadores

(no interior da povoação)
Depois de 1961

Hotel Caravelas

(actual "Baia Monte Gordo"), r. Diogo Cão
Depois de 1964

Hotel Alcazar e Residencial Monte Sol

Depois de 1967

Hotel Catavento

r. Diogo Cão (em demolição), 1969

Hotel Monte Gordo

(na marginal, já demolido), 197...

Mercado

Risco
1988, projecto

Faixa Litoral

arranjo paisagístico
arq. paisagista Desidério Batista
Anterior 1999

CACELA**Igreja Matriz com Portal Renascentista**

junto ao forte
Séc. XVI

Loteamento para Manta Rota

Vila Nova de Cacela, habitação e comércio
ARCH com José Bruschy e Gonçalo Fonseca
1988

Casa moderna dita "do Francês"

Quinta do Muro, arquitectura de origem francesa
1986

Casa moderna dita "do Picasso"

(inacabada), 19...

Reconversão da Escola Primária de Santa Rita em Centro de Investigação e Informação

(GTAA Sotavento, proj. 2004-2005)

LISTAGEM BIBLIOGRÁFICA

OBRAS DE CARÁCTER GERAL

Arquitectos, ed. Sindicato Nacional dos Arquitectos, n.º 2, 1938 (concurso para o Monumento ao Infante D. Henrique a Construir no Promontório de Sagres, com os vários projectos)

Arquitectura, 2.ª série, ed. João Simões e Iniciativas Culturais Arte e Técnica – ICAT Lda: n.º 26, de Agosto-Setembro de 1948 (com duas obras de Manuel Laginha em Loulé: uma moradia e um prédio); n.º 30 de Abril-Maio de 1949 (com Alfaia-taria York, Loulé, arq. Manuel Laginha); n.º 35 de 1950 (director Alberto Pessoa; com Moradia por Manuel Laginha em Loulé)

Arquitectura, 3.ª série, Ed. ICAT, dir. Rui Mendes Paula: n.º 83 de Setembro de 1964 (Hotel do Garbe, Armação de Pêra, dos arqs Jorge F.Chaves e Frederico Santana); n.º 85 de Dezembro de 1964 (com Abrigo de Montanha em, Monchique e Snack Bar Abrigo, Lagos, do arq. José Veloso); n.º 96 de Março-Abril de 1967 (editor e director Rui Mendes Paula; Plano de Vilamoura); n.º 97 de Maio-Junho de 1967 (Hotel Algarve da Praia da Rocha, arq. Raul Tojal); n.º 99 de Setembro-Outubro de 1967 (Plano de Armação de Pêra, arqs. Norberto Corrêa, com Pinto Coelho e Ramos Chaves); n.º 100, Novembro/Dezembro de 1967 (Hotel do Alvor, arq. Alberto Cruz); n.º 108 de Março-Abril de 1969 (Hotel da Balaia, ateliers Conceição Silva e Maurício de Vasconcelos, proj. arq. Tomás Taveira); n.º 116 de Julho-Agosto de 1970 (editor e director Carlos Duarte; Moradia no Carvoeiro, arq. Noronha da Costa); n.º 127-128, Abril de 1973 (Apartamentos da Balaia, atelier Conceição Silva)

Arquitectura, 4.ª série, n.º 135, Outubro de 1979, Ed. António dos Reis/Casa Viva Editora Lda, dir. José Ressano Garcia Lamas (obra por Vítor Figueiredo: casa em Vale do Lobo, 1971 (com Jorge Silva); n.º 150 de Julho-Agosto de 1983 (Caixa Geral de Depósitos de Portimão, arq. José Rafael Botelho)

AA – Arquitectura Popular em Portugal: Sindicato Nacional dos Arquitectos: Lisboa, 1961 [Zona 6 – Algarve e Alentejo Litoral, por Artur Pires Martins, Celestino de Castro e Fernando Torres] reedições em 1980 e 2004

(A) **Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação**, 3.ª série: n.º 33 de Dezembro de 1937 (projectos de Veloso Reis Camelo para Sagres); n.º 53 de Agosto de 1939 (pousada de São Braz de Alportel)

(A) **Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação**, 4.ª série, Editora Frace Lda, director Júlio Martins; n.º 3 e 4 de Abril de 1953 (com projectos de 2 moradias para Loulé, por Gomes da Costa e por Manuel Laginha)

Arquitectura do Século XX Portugal: Deutsches Architektur-Museum/Prestel/Portugal-Frankfurt 97/Centro Cultural de Belém, Frankfurt, 1997 (catálogo de exposição, organiz. Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang)

Arquitectura Moderna y Turismo/Arquitectura Moderna e Turismo/DOCOMOMO: IV Congreso Fundación DOCOMOMO Ibérico/Valência 11/2003, Barcelona, 2004 (actas do congresso)

Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970: Instituto Português do Património Arquitectónico – IPPAR, 2004 (catálogo de exposição, coord. executiva Manuel Lacerda e Miguel Soromenho, coord. científica Ana Tostões)

Arquitecturas de Terra: Comissão de Coordenação da Região Centro/Alliance Française de Coimbra/Museu Monográfico de Conimbriga, Conimbriga 1992 (com textos sobre os castelos de Paderne e Salir, e sobre edifícios recentes em arquitectura de terra no Algarve)

Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais/Monumentos: DGEMN, 1998 (DVD, coord. Maria Inácio Teles Grilo, com a ref. descritiva dos 131 números publicados entre 1935-1966 e 1966-1990)

Bruschy, José – Curriculum Vitae (policopiado, Lisboa, 17/5/1999)

Carvalho, Ayres de – **Os Três Arquitectos da Ajuda do “Rocaille” ao Neoclássico**: Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1979

Chicó, Mário T. – **A Arquitectura Gótica em Portugal**: Livros Horizonte, Lisboa, 1954

Costa, Lucília Verdelho da – **Ernesto Korrodi 1889-1944/Arquitectura, Ensino e Restauro do Património**: Editorial Estampa, Lisboa, 1997

Dar Futuro ao Passado: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Lisboa, 1993 (catálogo de exposição, coord. Maria Eduarda Leal Coelho)

1.ª Exposição Nacional de Arquitectura 1975-85: Associação dos Arquitectos Portugueses, Sociedade Nacional de Belas Artes, 2/1986 (Catálogo de exposição)

2.ª Exposição Nacional de Arquitectura Anos 80: Associação dos Arquitectos Portugueses, Sociedade Nacional de Belas Artes, 4/1989 (Catálogo de exposição)

3.ª Exposição Nacional de Arquitectura 1985-92: Associação dos Arquitectos Portugueses, 5/1992 (Catálogo de exposição)

4.ª Exposição Nacional de Arquitectura (1995): Associação dos Arquitectos Portugueses (Catálogo de exposição)

Dias, Pedro – **Arquitectura Gótica Portuguesa**: Editorial Estampa, Lisboa, 1994 (e cap. O Gótico, in História da Arte em Portugal: Publicações Alfa, Lisboa, 1986, vol. 4)

Fernandes, José Manuel – **Arquitectura e Indústria em Portugal no século XX**: SECIL, Lisboa, 2003

Fernandes, José Manuel – **Conceição Silva, criador de uma arquitectura e de uma paisagem modernas para o turismo em Portugal**, in *Arquitectura Moderna y Turismo/Arquitectura Moderna e Turismo/DOCOMOMO*, actas do IV Congresso da Fundação DOCOMOMO Ibérico, Barcelona, 2004, págs. 155-162

Fernandes, José Manuel – **A Arquitectura Religiosa (1950-2000) in (A) Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal**: Universidade Católica Portuguesa c/ Diocese do Porto/Comissão Executiva do Grande Jubileu 2000, Lisboa, 2001 (coord. Manuel Braga da Cruz e Natália Correia Guedes), págs. 13 a 51

Fernandes, José Manuel – **Pousadas de Portugal. Obras de Raiz e em Monumentos**, in *Caminhos do Património 1929-1999*: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais/DGEMN e Livros Horizonte, Lisboa, 1999 (catálogo de exposição, coord. João Vieira Caldas), págs. 159-177

Fernandes, José Manuel – **Cidades e Casas da Macaronésia**: FAUP. 1996 (ref. a edifício com “suástica” em Tavira)

Fernandes, José Manuel – **Cinemas de Portugal**: INAPA, Lisboa, 1995

Fernandes, José Manuel – **Vestígios do Manuelino na Arquitectura Religiosa de Influência Portuguesa na Índia/Malabar, Coromandel, Goa**, in *Oceanos*, ed. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses – CNCDP, n.º 19/20, de Setembro/Dezembro de 1994, págs. 136-154 (ref. ao portal da igreja de Monchique)

Fernandes, José Manuel – **Arquitectura Modernista em Portugal 1890-1940**: Gradiva, Lisboa, 1993; 2.ª edição 2005

Fernandes, José Manuel – **Arquitectura da Penha Longa**, in *Actas III Colóquio Internacional de História da Madeira*: Região Autónoma da Madeira, Funchal, 1993, págs. 873-877 (1992)

Fernandes, José Manuel – **Aparecimento e Desenvolvimento da Arquitectura Moderna em Portugal 1890-1940**: investigação, com levantamento e estudo, como bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian, 1979-1981 (textos, fichas com registo fotográfico e organização de arquivo iconográfico)

França, José Augusto – **A Arte em Portugal no Século XX 1911-1961**: Livraria Bertrand, Lisboa, 1974

Francisco da Conceição Silva Arquitecto 1922-1982: Sociedade Nacional de Belas Artes em colaboração com a Associação dos Arquitectos Portugueses, 1987 (catálogo de exposição, coord. de João Pedro Conceição Silva e Francisco Manuel Conceição Silva) (ref. a hotel e apartamentos da Balaia)

Gaspar, Jorge – **As Regiões Portuguesas**: Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional, 1993

Guia Expresso das Cidades e Vilas Históricas de Portugal: Expresso/Sojornal, Lisboa, 1996 (fascículos n.º 10/Faro/Olhão, n.º 13/Lagos/Silves, n.º 20/Tavira/V.R. S. António)

Guia Expresso O Melhor de Portugal: Expresso/Sojornal, 1997 (refere Torre da Matriz de Olhão e Cacela-a-Velha – fasc. n.º 2; Convento S. António Tavira – fasc. n.º 4; Café Aliança/Faro – fasc.n.º 7; Farol do Cabo S. Maria da Ria Formosa – fasc. n.º 8; Palácio de Estói – fasc. n.º 10; Telhados de Tesoura e Casa de Souto Moura na Quinta do Lago – fasc. n.º 14; Matriz da Luz de Tavira – fasc. n.º 16; Castelo de Silves e Forte da Ponta de Bandeira – fasc. n.º 17; Cerro da Vila de Vilamoura, - fasc. n.º 18)

Guia Expresso do Turismo de Habitação: Expresso-Sojornal, Lisboa, 1999 (refere Convento de S. António/Tavira)

Guia Expresso das Pousadas/Hotéis de Sonho: Expresso-Sojornal, Lisboa, 2000 (refere Pousadas de Sagres e de São Brás, Estalagem de S. Francisco/Faro, Estalagem Abrigo da Montanha/Monchique, e hotel da Baleeira/Sagres)

Haupt, Albrecht – **A Arquitectura do Renascimento em Portugal**: Editorial Presença, Lisboa, 1986 (com texto e desenhos s/ Algarve, págs. 283-297)

História da Arte Portuguesa: Círculo de Leitores, Lisboa, 1995 (direcção, Paulo Pereira)

Intervenções no Património 1995-2000 Nova Política: Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 1997

Lobo, Margarida Souza – **Planos de Urbanização à Época de Duarte Pacheco**: FAUP/DGOTDU, 1995

Lugares de Aqui/Actas do Seminário “Terrenos Portugueses”: Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1991 (org. Brian O’Neill e Joaquim Pais de Brito); com textos sobre Sítios do Alto Barrocal e Montes e Aldeia do Nordeste Algarvio)

Luís Cristino da Silva Arquitecto: Fundação Ca-

louste Gulbenkian, Lisboa, 1998 (catálogo de exposição, coord. José Manuel Fernandes) (refere Plano e Casino de Monte Gordo e Plano para Lagos)

Marques, A.H. de Oliveira – **História de Portugal**: Palas Editores, Lisboa, 1972

Marques, A.H. de Oliveira; Gonçalves, Iria; Andrade, Amélia Aguiar – **Atlas das Cidades Medievais Portuguesas**: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990

Monumentos: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, 1994 – (directora Margarida Alçada; 23 números editados até 2005)

Novos Estádios Portugueses/Fichas Expresso, ed. Expresso, 2004

Oliveira, Veiga de; Galthano, Fernando – **Arquitectura Tradicional Portuguesa**: Publicações Dom Quixote, 1992 (com Zona Algarvia, págs.170-177)

Passos, José Manuel da Silva – **Zonas Especiais de Protecção**: Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1989 (inclui as ZEP sitas no Algarve: Castelo de Castro Marim, Muralhas e igrejas de Lagos, Igrejas e Castelo de Loulé, Matriz do Alvor, Igreja da Sé e Castelo de Silves, Muralhas do Castelo de Tavira, N.S. de Guadalupe, Fortalezas de Sagres, Beliche e São Vicente, Matriz de Vila do Bispo)

Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – IPPAR: Lisboa, 1993, 3 volumes (vol 1, com Distrito de Faro) (a completar com decretos de classificação posteriores, até 2002).

Património/Estudos: Instituto Português do Património Arquitectónico/IPPAP, Lisboa, 2001- (dir. Luís Ferreira Calado até 2003; 7 números editados até 2005; n.º 1 dedicado a Itinerários arqueológicos do Alentejo e Algarve, com os textos: **Ruínas de Milreu**, por Rui Parreira; **Centro de Acolhimento e Interpretação de Milreu**, por Ditzza Reis e Pedro Serra Alves; **Núcleo Museológico da Villa Romana de Cerro da Vila**, por Fernando

Galhano; **Alcalar: estudo, salvaguarda e valorização de uma paisagem cultural do III milénio a.C.**, por Elena Morán e Rui Parreira; **Centro de Acolhimento e Interpretação de Alcalar**, por João Santa Rita]

Pedreirinho, José Manuel – **Dicionário dos Arquitectos Activos em Portugal do Século I à Actualidade**: Edições Afrontamento, 1994

Portugal 1990-2004/Portogallo 1990-2004: Triennale di Milano c/ Henrique Cayatte, G.R.-C.I./M.C. e Consulado Geral de Portugal em Milão, Lisboa, Novembro de 2004 (catálogo de exposição de Arquitectura e Design; coord. Henrique Cayatte)

Portugal Aeroguia do Litoral: Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000

Portugal das Origens à Época Romana: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia/Instituto Português do Património Cultural/IPPC, 1989 (catálogo de exposição; dir. Francisco Alves)

Ribeiro, Orlando – **Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico**: Livraria Sá da Costa Editora, 4a. edição, 1986 (1a. edição, 1947)

Ribeiro, Orlando – **Geografia e Civilização Temas Portugueses**: Livros Horizonte, s/d (com o texto fundamental Açoteias de Olhão e Telhados de Tavira) (c. 1961)

Salvaguarda do Património Arquitectónico Europeu/1992/Conservação do Monumento e do seu Espaço Envolvente: Comissão Europeia/Direcção Geral X, Bruxelas, 1992 (inclui a Ermida de N. S. da Conceição de Alcoutim)

Salvaguarda do Património Arquitectónico Europeu/1993/Jardins de Valor Histórico: Comissão Europeia/Direcção Geral X, Bruxelas, 1993 (inclui o projecto de recuperação dos Jardins de Estoi)

Terras da Moura Encantada/Arte Islâmica em Portugal/Museu sem Fronteiras: Civilização, Barcelos, 1999 (itinerário/catálogo de exposição, coord. Cláudio Torres, Santiago Macias e Susana Gomez)

Tesouros Artísticos de Portugal: Selecções do Reader's Digest, Lisboa, 1976

Tostões, Ana – **Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50**: FAUP, 1997

OBRAS DE CARÁCTER ESPECÍFICO

Agarez, Ricardo – **A Arquitectura Portuguesa do Movimento Moderno no Arquivo do Arquitecto Manuel Laginha**, 2004 (texto policopiado, para a revista Monumentos, DGEMN)

(O) Algarve da Antiguidade aos Nossos Dias (Coord. Maria da Graça Maia Marques), Edições Colibri, 1999

(O) Algarve na Perspectiva da Antropologia Ecológica: Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1989 (actas de seminário de 2/1987 org. pelo INIC e UA)

Algarve Rural/Vilas e Aldeias: Globalgarve, 2003

Amaral, Keil do – **Bases para o Desenvolvimento Turístico do Algarve**: M.O.P., 1962 (relatório, não publicado)

António Vicente de Castro/**Arquitectos da Geração Moderna**: Ordem dos Arquitectos, Portimão, 2004 (desdobrável da exposição, coord. Pedro Reis e Luísa Castro, texto por José Manuel Fernandes arq.)

Avó, César – **Este Problema que Vos Deixo** (Faro 2005): Expresso, 18/12/2004

Barreto, Viana; Dentinho, Álvaro; Branco, Albano Castelo – **Ordenamento Paisagístico do Algarve**: Direcção Geral dos Serviços de Urbanização/D. G.S.U. , Lisboa, 1964-67 (estudo efectuado para este organismo)

(Os) Caminhos da Arte, Arquitectura e Design na 2.ª Metade do Século XX/A Arquitectura Farense na 2.ª Metade do Século XX: Centro de Formação A.P.H. (formador João Paulo Martins), s/d, policopiado

Cavaco, Carminda – **o Algarve Oriental/As Vilas, o Campo e o Mar**: Gabinete de Planeamento da Região do Algarve, Faro, 1976

Cavaco, Carminda – **Geografia e Turismo no Algarve. Aspectos Contemporâneos**, in Finisterra: Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, Volume IV n.º 8, Lisboa, 1969, págs. 216-272

Cavaco, Carminda – **Geografia e Turismo: Exemplos, Problemas e Reflexões**, in Finisterra: Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, Volume V, n.º 10, págs.247-282

Cavaco, Carminda – **Monte Gordo: Aglomerado Piscatório e de Veraneio**, in Finisterra: Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, Volume IX n.º 17 (págs. 75-99, 1a. parte) e Volume IX n.º 18 (págs. 245-300, 2.ª parte)

Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano/CEDRU – **Estudo de Impacte Ambiental do Sistema Hidráulico Odeleite-Beliche**, para a Direcção Geral de Recursos Naturais, Lisboa 1993 (policopiado)

Ceregeiro, João – **O Jardim de Estoi ou o Romantismo na Paisagem**: in Monumentos, DGEMN, Lisboa, n.º 1, 9/1994, págs. 54-61

Chaminé Algarvia: Inventário pela Comissão Regional de Turismo, 198...

Correia, José E. Horta – **A Arquitectura Algarvia do Século XV ao Século XIX. Tentativa de Caracterização**, in Actas do IV Congresso do Algarve, Montechoro, 1986, 2.º volume

Correia, José E. Horta – **A Arquitectura do Algarve como Expressão Privilegiada da Sua Especificidade Cultural**, in **(O) Algarve na Perspectiva da Antropologia Ecológica**, INIC, Lisboa, 1989, págs. 135-146

Correia, José E. Horta – **A Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600**: Publicações Ciência e Vida, Lda, Lisboa, 1987

Correia, José Eduardo Capa Horta – **Vila Real de Santo António/Urbanismo e Poder na Política Pombalina**: FAUP Publicações, 1997

- Correia, José Eduardo Horta – **Arquitectura algarvia do século XVI ao século XIX. Tentativa de caracterização:** IV Congresso do Algarve (comunicação, sobre arquitectura urbana e rural)
- Correia, José Eduardo Horta – **Fabri, Francesco Saverio**, entrada *in Dictionary of Art*, Mac Millan, London, 1996, vol. F, págs. 727-728
- Coutinho, Valdemar – **Castelos, Fortalezas e Torres da Região do Algarve:** Foco Editora, Faro, 1997
- Dias, Pedro – **A Arquitectura Manuelina no Algarve**, *in A Arquitectura Manuelina: Civilização, Barcelos*, 1988, págs. 203-207
- Diniz, Marcos Blanch – **Arquitectura Civil em Faro após o Terramoto de 1755:** Faro, 1981 (separata dos “Anais do Município de Faro”)
- Evolução do Parque Habitacional da Região do Algarve na Década de 90:** Instituto Nacional de Estatística, 2003
- Feio, Mariano – **Le Bas Alentejo et l’Algarve:** Instituto Nacional de Investigação Científica, Évora, 1983
- Fernandes, Carla Varela – **A Igreja de Santa Maria do Castelo de Tavira:** Edições Colibri/Câmara Municipal de Tavira, 2000
- Fernandes, Eduardo J.D.; Cachinho, Herculano A.P. – **Crescimento e Estrutura Urbana de Tavira:** Centro de Estudos Geográficos, Lisboa 1985 (policopiado)
- Fernandes, José Manuel – **Romantismo, Historicismo, Revivalismo, Ecletismo, na Arquitectura Algarvia**, *in (O) Algarve Da Antiguidade aos Nossos Dias* (Coord. Maria da Graça Maia Marques), Edições Colibri, 1999, págs. 371-375
- Fernandes, José Manuel – **Alentejo and Algarve/2.IV.5.a**, entrada *in EVAW/Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World: Cambridge University Press/Edited by Paul Oliver*, 1997, vol 2, págs. 1520-1521
- Fernandes, José Manuel – **A Interpretação das Pedras**, *in Expresso* 14/12/2001 (sobre os Centros de Acolhimento e Interpretação Arqueológicos do IPPAR no Alentejo e Algarve)
- Fernandes, José Manuel – **Refazer o Algarve**, *in Expresso* de 28/8/1999 (sobre a degradação/ recuperação da região)
- Fernandes, José Manuel – **O Último Tesouro de Lagos**, *in Expresso* de 6/11/1998 (sobre os telhados de tesouro da cidade)
- Fernandes, José Manuel – **O Enigma de Sagres**, *in Expresso* de 14/5/1994 (sobre o recente projecto/concurso de Sagres)
- Fernandes, Maria – **O Palácio de Estoi/Projecto de Recuperação e Adaptação a Residência Oficial:** *in Monumentos*, DGEMN, Lisboa, n.º 1, 9/1994, págs. 48-53
- Fortaleza de Sagres, Guia** – Instituto Português do Património Arquitectónico, 199...
- Franco, Mário Lyster – **Guia-Album do Algarve-Sotavento**, 1932
- Guedes, Lívio da Costa – **Aspectos do Reino dos Algarves nos Séculos XVI-XVII.** A “Descrição” de Alexandre Massaii (1621): Primeiro Tratado, código existente no Museu da Cidade de Lisboa
- Hauschild, Theodor – **Der Kultbau neben dem Romischen Ruinenkomplex bei Estoi in der Provincia Lusitania:** Berlim, 1964
- Hauschild, Theodor – **Milreu/Estoi [Algarve] Untersuchungen neben der Taufpiscina und Sondernagen in der Villa – Kampagnen 1971 und 1979:** Hiederberg, 1980
- Informal/Boletim Informativo da Comissão de Coordenação da Região do Algarve:** Comissão de Coordenação da Região do Algarve, 2001 (7 números publicados até a Verão 2004)
- Lagos/Apontamentos de um Passado:** Câmara Municipal de Lagos (coord. António Guedes de Oliveira), s/d
- Lamas, José Manuel Ressano Garcia; Duarte, Carlos Santos – **Plano de Salvaguarda da Zona Histórica de Tavira**, 198...
- Lameira, Francisco I.C. – **Faro Edificações Notáveis:** Câmara Municipal de Faro, 1995
- Lameira, Francisco Ildefonso – **Roteiro das Igrejas de Tavira:** Região de Turismo do Algarve, Tavira, 1996
- Lameira, Francisco – **Contributos para o estudo da arquitectura setecentista algarvia: a Quinta de Estoi** (texto policopiado para revista Monumentos, DGEMN, 2004)
- Loulé/História e Expansão Urbana:** Câmara Municipal de Loulé, 1996
- Manual de Reabilitação do Património de Faro:** Câmara Municipal de Faro, 1995
- Mapa da Arquitectura de Faro:** Edição Argumentum, 2003 (coord. Filipe Jorge)
- Marques, A. H. de Oliveira – **Para a História do Algarve Medieval**, *in Actas das I Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia: Câmara Municipal de Loulé, Lisboa, 1987, págs. 55 -58*
- Marques, José – **Os Castelos Medievais da Ordem de Santiago no Reinado de D.Afonso III**, *in Actas das I Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia: Câmara Municipal de Loulé, Lisboa, 1987, págs. 101-114*
- Matos, João – **Baluartes da Porta da Vila em Lagos, Intervenções de Conservação e Adaptação a Observatório Astronómico**, *in Monumentos: DGEMN*, Lisboa, n.º 16, 3/2002, págs.130-133
- Memórias Árabo-Islâmicas em Portugal:** Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1997 (catálogo de exposição, coord. Rosa Maria Perez)
- Milreu Ruínas/Roteiros da Arqueologia Portuguesa:** Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 2002

Moreira, Maria da Conceição – **Apontamentos Históricos sobre Castro Marim**: Secretaria de Estado do Ordenamento e Ambiente, Lisboa, s/d

Nunes, António Miguel Ascensão (José Varzeano) – **Alcoutim Capital do Nordeste Algarvio (subsídios para uma Monografia)**: Câmara Municipal do Concelho de Alcoutim, 1985

Padrão, Cabeça – **(Estudo Urbanístico das Cidades e Vilas do Litoral do Algarve)**: Direcção Geral dos Serviços de Urbanização/M.O.P., 195..-196..

Paula, Rui Mendes – **Lagos, Evolução Urbana e Património**: Câmara Municipal de Lagos, Lagos, 1992

Pessoa, Fernando Santos; Alexandre, José Rocha – **Algarve/Paisagens e Espaços Naturais**: Comissão de Coordenação da Região do Algarve – CCRA, Faro, 1999

PROA/Programa Operacional do Algarve/1994-1999/Um Rumo Para o Desenvolvimento: Comissão de Coordenação da Região do Algarve, 2000

Programa de Intervenção das Aldeias do Algarve: Comissão de Coordenação da Região do Algarve, Faro, 2002 (4 volumes)

Proença, Raul – **O Algarve, in Guia de Portugal II Estremadura, Alentejo, Algarve**: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, págs. 187-320 (cf. Edição de 1927 da B.N.L.)

Raposo, Isabel – **Alte na Roda do Tempo**: Casa do Povo de Alte, 1994

Remodelação do Mercado da Ribeira/Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 2002

Renovação Urbana no Algarve: Comissão Coordenadora da Região do Algarve, 1999

Roteiros/Percurso de Descoberta/do Barrocal à Serra do Caldeirão/do Guadiana ao Nordeste/da Costa Vicentina a Monchique: Globalgarve, 2002

Santos, Carlos – **Estradas de Portugal/Estradas do Baixo Alentejo e Algarve**: Lell & Irmão Editores, Porto, s/d, 8.º volume

Serrão, Joaquim Veríssimo (texto Tavira Um Percurso na História sécs. XII-XVIII); Guedes, Rui Gonçalves (fotos e direcção) – **Tavira História Viva**: Rui Gonçalves Guedes e Câmara Municipal de Tavira, s/l, 2001

Sotavento Algarvio 365 Dias: Diário de Notícias/Páginas Amarelas, Lisboa, 2002

Tostões, Ana; Espada, José Manuel; Fernandes, José Manuel; Janeiro, Maria de Lurdes/Engiform – **Plano Parcial de Salvaguarda e Protecção do Núcleo Antigo da Cidade de Albufeira/Áreas Homogéneas, Levantamento e Caracterização do Património**, Lisboa, 1988 (policopiado)

Ventura, Maria da Graça Mateus; Marques, Maria da Graça Maia – **Portimão**: Editorial Presença, 1993

Varanda, Fernando – **Tradição e Mudança no Espaço Construído de Mértola e Alcoutim**: colecção fotografias/texto com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, 199...

Veloso, João – **Lagos/Notas da sua História**: Centro de Estudos Gil Eanes/Loja do Livro, Lagos, 199

TÍTULO Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese. **EDIÇÃO** Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve. **COORDENAÇÃO** Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve. **TEXTO** José Manuel Fernandes. **FOTOGRAFIA** Ana Janeiro. **DESIGN GRÁFICO** Planeta Tangerina **PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO** Edições Afrontamento/Rainho & Neves Lda. **ISBN** 972-643-138-7. **DEPÓSITO LEGAL** 235800/05. **N.º DE EXEMPLARES** 2.000 **DATA DE EDIÇÃO** Dezembro 2005.

 Edições
Afrontamento


COMISSÃO DE COORDENAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO ALGARVE




UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Constituindo uma região portuguesa plena de carácter, beleza e individualidade, o Algarve sofreu ao longo do século passado profunda mutação, através de um desenvolvimento muito dependente do turismo internacional, que alterou para sempre a sua paisagem natural e construída, por vezes de modo brutal e negativo.

Nas últimas décadas tem havido um esforço meritório por parte das entidades responsáveis e intervenientes no planeamento e gestão do território, no sentido de corrigir, melhorar e requalificar muitos dos espaços urbanos e rurais existentes – orientando o continuado desenvolvimento para uma visão mais integral e integradora da vida colectiva.

Nesta obra procurou-se estabelecer, como modo de escrever e apresentar imagens, um “olhar contemporâneo”, que desse realce aos aspectos da transformação recente dos espaços urbanos e arquitectónicos, procurando nessa mudança os exemplos mais positivos e qualificados.

Deste modo – e sem deixar de se historiar de modo claro e cronológico a evolução do território – as abordagens feitas privilegiam as obras, monumentos e edifícios onde se verificaram intervenções recentes e de actualização.